

○ **RETRATOS EM PRETO E BRANCO:
dinâmicas sociais no bairro da Ponta Verde e a
(des)construção do cartão postal de Maceió**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**RETRATOS EM PRETO E BRANCO:
Dinâmicas sociais no bairro da Ponta Verde e a (des)construção do
cartão postal de Maceió**

Igor Sousa Peixoto

Maceió
2023

Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

P379r Peixoto, Igor Sousa.

Retratos em preto e branco: dinâmicas sociais no bairro da Ponta Verde e a (des)construção do cartão postal de Maceió / Igor Sousa Peixoto. – 2023.
151 f. : il. color.

Orientador: Walter Matias Lima.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 145-151.

1. Ponta verde – Maceió (AL). 2. Turismo. 3. Cartão-postal. 4. Urbanismo.
5. Antropologia visual. 6. Etnografia urbana. I. Título.

CDU: 711.5 : 338.48 (813.5)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

IGOR SOUSA PEIXOTO

**RETRATOS EM PRETO E BRANCO: DINÂMICAS SOCIAIS NO BAIRRO DA
PONTA VERDE E A (DES)CONSTRUÇÃO DO CARTÃO POSTAL DE MACEIÓ**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL, área de concentração em Dinâmicas do Espaço Habitado, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

APROVADO em 20 / 06 / 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Walter Matias Lima
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL/PPGAU

Roseline Oliveira

Prof^a. Dr^a. Roseline Vanessa Santos Oliveira
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL/PPGAU

Prof. Dr. Lindemberg Medeiros de Araujo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL/PPGAU

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos
UFPE/PPGDH

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO - DEHA
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO - PPGAU

Igor Sousa Peixoto

RETRATOS EM PRETO E BRANCO:
dinâmicas sociais no bairro da Ponta Verde e a (des)construção
do cartão postal de Maceió

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção de grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Linha de Pesquisa 1: conceituação, percepção e representação do espaço habitado.

Orientador: Prof. Dr. Walter Matias Lima.

Maceió
2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos docentes e colegas do PPGAU-UFAI, em especial ao meu orientador, prof. Dr. Walter Matias. As trocas que realizamos ao longo desse extenso período foram de um engrandecimento enorme ao meu olhar estudioso de pesquisador, mas é, sobretudo, no meu crescimento enquanto ser humano que as contribuições se tornam realmente imensuráveis para mim. Só tenho a agradecer por todo ensino e paciência depositada por todo esse tempo. Obrigado.

Agradeço aos amigos de sempre, que sempre estiveram presentes e são responsáveis por toda descontração necessária nos momentos mais turbulentos que vivi ao longo desse período com tantas emoções e reviravoltas. Em nome deles, agradeço a Bela, que me ajudou em todas as etapas com revisões e conselhos que vou guardar para toda a vida. Obrigado de coração, amiga. Obrigado, amigos (vocês sabem quem são).

Foram tempos difíceis em vários momentos, e agradeço imensamente ao Rocha. Responsável pelo meu acompanhamento mental e emocional, ele deu direções essenciais para que eu conseguisse organizar a vida e dar continuidade a essa pesquisa que, em algumas etapas, eu parecia não ter forças psicológicas para concluir. Obrigado por todo trabalho e motivação, Rocha.

Agradeço sempre, todos os dias, à minha família: mãe, pai, Vitor, Nati e Mia. Por sempre acreditarem e se mostrarem compreensivos por todo esse processo, em que, com certeza, fui uma companhia ausente e estressada em muitos momentos. Sem o apoio e o carinho de vocês eu jamais conseguiria. Obrigado por tudo, família. Amo vocês.

Por fim, agradeço à Ponta Verde. Entre "amor e ódio", o espaço mais uma vez se revela em minhas aventuras acadêmicas, protagonizando outro estudo que vou carregar com orgulho em minha trajetória profissional. Obrigado por me permitir isso. Até breve.

RESUMO

Este trabalho versa sobre a orla marítima do bairro da Ponta Verde, recorte que funciona como um relicário turístico de Maceió. Trata-se de um cenário cuja imagem é extremamente divulgada, sendo quase que exclusivamente através dela que o cartão postal da capital, e sua identidade turística atual, se constrói e se vende dentro do mercado nacional. Porém, é importante observar o local que existe além das suas fotografias midiáticas. Espaço vitrine da cidade, o trecho se torna palco dos conflitos sociais, tradições religiosas e eventos culturais que Maceió carrega. É espaço de múltiplas divisões e intervenções, que se fragmenta em novos "pedaços" a partir da diversidade diária dos seus usos e personagens - características cujo cartão postal, harmônico e paradisíaco, não comporta. Por isso, através de uma pesquisa interdisciplinar, aqui é praticado uma imersão pelos aspectos históricos, imagéticos e cotidianos desse trecho da cidade, a fim de obter um olhar profundo e abrangente sobre a essência do local, que fuja de sua imagem hegemônica divulgada e apreenda o espaço em toda a sua dimensão. Olhar que adentre as várias camadas que compõem esse lugar e devolva, assim, uma "radiografia" honesta, justa e real desse importante cartão postal.

Palavras chaves: Ponta Verde; Cartão Postal; Etnografia Urbana; Turismo; Maceió; Dinâmicas sociais; Fotografias

ABSTRACT

This work deals with the waterfront of the Ponta Verde neighborhood, a section that works as a tourist shrine in Maceió. It is a scenario whose image is highly publicized, and it is almost exclusively through it that the postcard of the capital, and its current tourist identity, is built and sold within the national market. However, it is important to observe the place that exists beyond your media photographs. A showcase space for the city, the stretch becomes the scene of social conflicts, religious traditions and cultural events that Maceió holds. It is a space of multiple divisions and interventions, which is fragmented into new "pieces" based on the daily diversity of its uses and characters - characteristics whose postcard, harmonic and paradisiacal, does not support. For this reason, through interdisciplinary research, an immersion is practiced here in the historical, imagery and daily aspects of this part of the city, to obtain a deep and comprehensive look at the essence of the place, which escapes its hegemonic image disclosed and apprehends the space in all its dimensions. A look that penetrates the various layers that make up this place and thus returns an honest, fair, and real "radiography" of this important postcard.

Keywords: Ponta Verde; Postcard; Urban Ethnography; Tourism; Maceió; Social Dynamics; Photographs

SUMÁRIO

UMA BREVE INTRODUÇÃO.....	7
O roteiro da pesquisa.....	15
1. A CIDADE O BAIRRO E SUA IMAGEM.....	23
1.1 O bairro e sua história.....	26
1.2 O retrato da cidade.....	29
1.3 Identificando marcos.....	35
2. (DES) CONSTRUINDO O CARTÃO POSTAL.....	59
2.1 A leitura dos cartões postais.....	64
3. O BAIRRO PRODUZIDO DIARIAMENTE.....	76
3.1 O exercício.....	83
Movimento 1.....	83
Movimento 2.....	92
Movimento 3.....	106
Movimento 4.....	116
4. UM RETRATO EM BRANCO E PRETO.....	129



**uma
breve
introdução**

- O espaço e suas impressões

Esta pesquisa se motiva conforme uma antiga inquietação. Desde criança, o espaço da Ponta Verde, bairro que permeia parte da orla marítima de Maceió e atinge um status de local "nobre" da cidade, chama a minha atenção. Eu nunca morei no bairro, porém as memórias pessoais que guardo da minha infância são repletas de imagens suas. A orla, o mar, os bares, praças e ruas do local funcionam como pontes de acesso às minhas lembranças, evocando sentimentos e imagens que, hoje, se misturam às minhas percepções e incômodos atuais sobre a cidade e sua imagem. O bairro, Ponta Verde, que habitava em mim, uma criança curiosa, funcionava como um grande palco onde a cidade realmente acontecia, fora dela apenas uma Maceió excluída, desprivilegiada, existia - e era a essa outra cidade que eu, morador frustrado de um bairro vizinho, pertencia.



Lembro que essa atração - e inquietação - insistente pelo bairro me acompanhou por toda a infância e pré-adolescência, dissipando-se naturalmente com a chegada da vida adulta. Mas, a imagem midiática que o bairro propaga se manteve bastante viva em minha mente, e no decorrer do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, essas lembranças voltaram

a serem acessadas. Porém, agora a partir de novas indagações, surgidas juntamente de uma visão crítica sobre a cidade, fomentada através dos estudos imagéticos, históricos e urbanos que a graduação me proporcionou. Começo, então, a refletir sobre o que justificava tal obsessão por um local específico. Como um bairro, similar a outros próximos da mesma região, pôde criar uma imagem tão forte e presente em uma criança livre de qualquer entendimento acadêmico sobre o urbanismo da cidade?

Em 2016, com esses questionamentos em mente e após conversas com a Profa. Dra. Roseline de Oliveira, percebemos o uso excessivo da imagem da orla da Ponta Verde nos meios de divulgação da capital alagoana. Quase como um retrato oficial da cidade, fotografias da paisagem do bairro - principalmente do trecho de sua orlamarítima - era tudo o que aparecia quando digitávamos a palavra "Maceió" nos sites de buscas online, e essa compreensão começou, de certa forma, a justificar a obsessão do meu eu-criança pelo local, pois percebemos que, de fato, a cidade de Maceió vem sendo excessivamente atrelada à imagem¹ da Ponta Verde nos meios midiáticos nos últimos anos. É por ela que a Maceió que hoje se volta ao mercado turístico se reproduz, se divulga e se vende dentro do mercado nacional.

¹ Entende-se, neste trabalho, a imagem como uma representação de algo, alguém ou lugar. Uma forte referência que caracteriza, compõe e identifica o que está sendo representado.



Motivados por essas apreensões, começamos a desenhar uma pesquisa que se aprofundava na história do bairro, buscando entender a construção e formação de sua paisagem até se tornar o cartão postal extremamente explorado midiaticamente que observamos hoje - e o impacto que este retrato possui no desenvolvimento da cidade atual de Maceió.

Este estudo veio a se tornar meu trabalho final de graduação (TFG), intitulado **"Memórias sobre um cartão postal: um estudo sobre a formação da imagem do bairro da Ponta Verde"**, defendido em 2016. Com ele, inaugurou-se em mim um novo olhar sobre o bairro que, ao mesmo tempo em que fechava alguns questionamentos, direcionava minha atenção aos novos que surgiam. O interesse no estudo imagético das fotografias e cartões postais, que ali se iniciou, agora ressurgiu e motiva esta nova pesquisa em andamento. A etnografia urbana, campo que foi "pincelado" em minhas pesquisas de campo no TFG, ganha uma nova dimensão nessa dissertação que se desdobra, funcionando como processo metodológico essencial para a compreensão das dinâmicas atuais do bairro.

Então, aqui o cenário em estudo se repete, mas o foco se expande. Após desenvolver e resgatar um olhar familiarizado, afetivo e recheado de memórias sobre o bairro e sua imagem exposta, busco agora fabricar um olhar que saiba "estranhar" o local e consiga enxergar além da sua camada midiática, fabricada. Que observe as brechas, lacunas, vazios e singularidades diárias que ele apresenta. Um olhar sincero e sensível ao espaço fragmentado do bairro, que se desdobra em novos pedaços e se afirma a partir da diversidade diária de seus usos, personagens, versões e sub-versões aplicadas na área - características estas cuja totalidade do cartão postal formulado do bairro não comporta, e muitas vezes escolhe "esconder".

Em um primeiro momento, pensei na dimensão territorial que essa nova pesquisa adquire, pois se trata de um estudo que, dessa vez, vai além dos caminhos que as imagens e as memórias sugerem, incorporando de fato uma pesquisa de campo que necessita de um recorte geográfico bem definido e suficiente para o seu desenvolvimento. Em busca dessa amostra de espaço representativo da Ponta Verde, recorri novamente à imersão nos cartões postais e imagens

midiáticas virtuais do bairro. De imediato, noto que, as décadas mudam, marcos imagéticos surgem, reinam, focalizam os holofotes da cidade para a região, e depois desaparecem, dando lugar a novos elementos icônicos na paisagem do bairro. Entretanto, o espaço por onde se retrata a história do local, e por onde se formula a identidade da Maceió atual, sempre se repete.

O recorte da orla marítima do bairro - especificamente a área que se inicia em sua ponta geográfica (que batiza o bairro), localizada na interseção entre a Avenida Álvaro Otacílio com a Silvio Carlos Viana, e se estende até o fim desta última, onde também se encerra a faixa litorânea da Ponta Verde - funciona como um relicário turístico e midiático da capital, e é por ela que este estudo se desenvolve.

Primeiramente e obviamente, justifico a escolha deste recorte para a pesquisa por se tratar de um espaço cuja imagem é extremamente utilizada para a divulgação midiática da cidade; e, por conseguinte, é a partir desse pedaço de Maceió que o cartão postal da capital vem sendo construído e explorado nas últimas décadas - seja em seu formato tradicional físico ou em seu modo virtual. Dessa forma, ao analisar tais imagens do espaço, noto a formulação de uma identidade sobre a Maceió contemporânea, que é vendida como uma cidade-caribe, um "paraíso das águas", uma cidade-mercadoria (VAINER, 2007) que, ao mesmo tempo em que se divulga através dessa paisagem, também reduz seu território, sua história e cultura a este trecho.

Enquanto as lentes fotográficas se mantêm voltadas a esse recorte urbano, a cidade-produto de Maceió segue sua atuação. Ao buscar se vender dentro de um mercado turístico nacional, intensifica as desigualdades do seu território e marginaliza classes sociais e corpos periféricos, criando ali um espaço urbano antidemocrático e muitas vezes opressivos a essa população - que reivindica pertencer, usufruir, ressignificar e ser vista dentro dessa paisagem de cores apelativas que compõem o retrato postal elitista e "homogeneizado" da cidade maceioense, sintetizado quase sempre por esse limite espacial em questão.

Outro fator relevante, é o magnetismo turístico-imagético que o local desperta, e que pode ser explicado desde suas ori-

gens históricas - questão que será iniciada neste texto introdutório e aprofundada nos capítulos seguintes dessa pesquisa. Em meados da década de 30, a partir da descoberta do coqueiro Gogó da Ema, fixado justamente nessa área, a Ponta Verde deixa de ser vista apenas como quintais de sítios de pescadores e de uma pequena parcela abastada da população, e começa a chamar a atenção popular da cidade - protagonizando pela primeira vez um cartão postal de Maceió, que passa a ser divulgado e reconhecido nacionalmente.

Retendo os olhares - e as máquinas fotográficas - direcionados ao local, outros **marcos construtores**² dessa imagem vão surgindo nos arredores desse espaço, desempenhando em cada década seguinte o papel de protagonista na manutenção turística dessa paisagem postal e, conseqüentemente, na construção da identidade atual da cidade. Iremos tratar com mais detalhes alguns desses elementos no decorrer deste trabalho, mas podemos aqui já elencar alguns símbolos desse "relicário turístico" observado, como: o Farol da Ponta Verde; o antigo clube "Alagoinha", hoje substituído pelo recente Marco dos Corais; a intensa verticalização do bairro que se inicia por ali; o totem Eu Amo Maceió; e as efusivas decorações das festividades do final do ano que são sempre acentuadas neste trecho.

Além disso, também é importante observar que essa orla marítima apresenta algumas peculiaridades em suas dinâmicas sociais, funcionando de certa forma como um espaço vitrine para a cidade - palco de manifestações, conflitos, tradições religiosas e culturais da capital. É espaço de múltiplas divisões sociais, algumas explícitas e outras veladas; onde a praia é de livre circulação até certo ponto, desde que não "importune os moradores locais"; onde os festejos são permitidos para alguns, para outros são reprimidos; e onde a faixa de areia de sua orla apresenta "regiões" que "localizam" sua conduta, seu comportamento e pertencimento social em pouco mais de um quilômetro de extensão.

²Entende-se como marco aquilo que marca uma época, data ou local; um fato decisivo; ponto de referência.

Figura 03- A operação "Área de Lazer", 2016. Fonte: TNH1.



É espaço de repressões, de preconceitos, de contestações e reivindicações - onde corpos periféricos são mal-recebidos e o seu direito ao lazer é sempre vigiado. Espaço onde tais corpos sofrem constrangimentos de ações intimidadoras da Polícia Militar (operação "**Área de Lazer**")³, e por isso, fazem uso da visibilidade que o local oferece para protestar e enfrentar essa política opressiva e segregadora da qual são vítimas no território (movimento "**Rolêzinho contra o apartheid**")⁴.

Dessa forma, é conforme essas suspeitas e compreensões que este estudo se desenvolve. Através de uma pesquisa interdisciplinar que relaciona os estudos do urbanismo, da antropologia visual e da etnografia urbana ao longo do seu desenvolvimento, almejo aqui estender o meu olhar sobre esse trecho da Ponta Verde, observando tal espaço por diferentes ângulos que objetiva desconstruir a aparente homogeneidade midiática e colorida que a imagem propagada do espaço se refere, podendo assim enxergar a diversidade dentro do local, os micro-espços (URIARTE, 2013),

3 Operação realizada pela Polícia Militar. Disponível em: <<https://www.tnh1.com.br/noticia/nid/operacao-area-de-lazer-faz-megarrevista-e-apreende-150-pessoas-na-rua-fechada-em-ponta-verde/>> Acesso em: 30 de agosto de 2021.

4 Manifestação popular em respostas às opressões policiais. Disponível em: <<https://averdade.org.br/2016/12/rolezinho-contra-o-apartheid-mobiliza-centenas-de-pessoas-em-maceio/>> Acesso em: 30 de agosto de 2021.

os conflitos e estranhezas dentro desse trecho elitizado. Portanto, busco construir um olhar que capture as diferentes dinâmicas cotidianas do local e perceba as várias "ponta verdes" que existem dentro desse trecho do bairro, conhecendo assim, como disse João do Rio (2008), as várias *almas* dessa rua.

- O roteiro da pesquisa

Após elucidar as justificativas que esta pesquisa carrega, cabe agora desmembrar os capítulos propostos e metodologias aplicadas ao longo do desenvolvimento desse trabalho. Contudo, primeiramente, é importante comunicar que tal pesquisa passou por uma revisão bibliográfica inicial dentro do catálogo do repositório da UFAL e da CAPES dos últimos 6 anos, a fim de contemplar e referenciar as dissertações e teses apresentadas que permeassem os temas aqui abordados.

A partir da filtragem de algumas palavras chaves e áreas de conhecimento aplicadas nestes acervos, foi possível encontrar e realizar a leitura de algumas pesquisas que trouxeram embasamento teórico, referenciais bibliográficos e uma orientação prática sobre determinados assuntos que são preciosos a este trabalho. Dentre alguns estudos necessários por sua relevância em pontos específicos dessa dissertação - e que serão devidamente utilizados ao longo da pesquisa -, destaca-se, nessa seleção inicial, a dissertação "Quando se olha para o escuro: a Maceió de Luis Lavenère Wanderley através dos seus negativos de vidro" da pesquisadora Jaianny Duarte⁵, que aborda a construção da imagem coletiva da Maceió do início do século XX, através dos registros fotográficos e postais do fotógrafo em análise, e traz interessantes percepções sobre os modos de ver a cidade a partir dos registros imagéticos, servindo como inspiração teórica e metodológica para o trabalho que aqui desenvolvo. Aqui também se faz presente o trabalho pioneiro da pesquisadora Dra. Fátima Campello que, em sua tese "A construção coletiva da imagem de Maceió: cartões-postais - 1903/1934"⁶ e nos artigos que dão continuidade a esta pesquisa, ilustra o início da representação midiática da cidade e permite a comparação com a imagem que se divulga dela atualmente. Dessa revisão inicial também foi encontrado o trabalho "Sol, praia e a "destinação" da cidade: compreendendo a

5 DUARTE, Jaianny Fernandes. Quando se olha para o escuro: a Maceió de Luis Lavenère Wanderley através dos seus negativos de vidro. 2019. 196 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura: Dinâmica do Espaço Habitado) - Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018

6 CAMPELLO, Maria De Fátima Mello Barreto. A construção coletiva da imagem de Maceió: cartões-postais - 1903/1934.' 01/09/2009 268 f. (Doutorado em desenvolvimento urbano) - Universidade Federal De Pernambuco, Recife, 2009.

turistificação de maceió-alagoas-brasil",⁷ do Dr. Daniel Vasconcelos, que trouxe compreensões importantes acerca da política voltada ao turismo que a cidade vem recebendo e os impactos desse processo em seu território - assunto de extrema relevância a esta pesquisa.

Com essa revisão introdutória, foi possível perceber como alguns temas e conceitos vêm sendo pesquisados dentro do universo acadêmico, especialmente na área de conhecimento da Arquitetura e Urbanismo da UFAL, permitindo-nos capturar referências e práticas metodológicas que inspiram o prosseguimento da pesquisa. Além disso, este processo serviu para entender a relevância do trabalho que se desenha, compreendendo que, apesar da abrangência dos seus recortes temáticos principais, o projeto ainda guarda um certo "ineditismo" em sua problemática e nos objetivos que vislumbra - fatores motivacionais de enorme significado para o meu eu-pesquisador.

A dissertação se desdobra ao longo de **4 capítulos** que irão mesclar as apreensões teóricas com as observações obtidas nas práticas pelo local, resultando em compreensões que atendam, com sinceridade, as diversidades de usos, atores sociais e dinâmicas urbanas que o bairro apresenta. Parte-se de um primeiro capítulo introdutório à Ponta Verde e sua afirmação enquanto cartão postal de Maceió ("**A cidade, o bairro e sua imagem**"), onde situo o bairro na cidade, explico historicamente seu descobrimento, a construção de sua paisagem e a relevância dos marcos referenciais de sua imagem no desenvolvimento desse retrato. De tal maneira, nesse primeiro momento, busco contextualizar e explicar o impacto que o retrato desse espaço possui na Maceió atual, destrinchando o papel central que ele possui na divulgação da capital e dentro do processo de "produtização" que ela vem passando nos últimos anos, a partir da compreensão de Maceió enquanto uma cidade-mercadoria contemporânea (VAINER, 2007).

Em seguida, após esclarecer tais entendimentos, prossigo o estudo com um segundo capítulo onde a leitura dessas imagens postais é realizada ("**Des) Construindo o cartão postal**"). A partir das contribuições absorvidas dos tex-

7 VASCONCELOS, Daniel Arthur de Lisboa. Sol, praia e a "destinação" da cidade: compreendendo a turistificação de maceió-alagoas-brasil. 2017. 164 f. Tese (Doutorado em Dinamica do Espaço Habitado) - Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

tos de Didi-Huberman, Etienne Samain e pensamentos da antropologia visual, considero o caráter explicitamente representativo que as imagens carregam, pois formulam uma narrativa baseada em escolhas – do que se mostra e, também, do que se omite do foco –, sendo compreendida enquanto recortes que transmitem sua mensagem através do diálogo interpretativo formulado entre o objeto retratado, o autor e o “personagem” que o enxerga (DIDI-HUBERMAN, 2018).

Entendo, portanto, a essência inquietante que uma imagem concentra, visto que se forma através da visão do autor sobre determinada realidade, mas necessita da interpretação do observador para “concluir” sua função narrativa. É esse exercício que é aplicado aos retratos da Ponta Verde nesse segundo momento. Trata-se de uma etapa de transição que – através de um levantamento histórico sobre as construções postais da cidade, resgatando trabalhos realizados anteriormente sobre o tema da construção coletiva da imagem de Maceió, e da coleta de impressões pessoais e comparativas feitas através da leitura desses retratos – serve como complemento ao que foi descrito no capítulo 1, pois posiciona o papel da paisagem da Ponta Verde dentro do desenvolvimento de Maceió e detalha de forma mais aprofundada o *modo de ver* a cidade que é aplicado sobre sua imagem divulgada atualmente, trazendo as diferenças e similaridades com a forma com que este trabalho era feito em meados do século XX. Assim, esta etapa melhor detecta a identidade formulada para a cidade em seus cartões postais, físicos e virtuais, que hoje divulgam Maceió com base em um caráter harmônico, apelativo e reducionista.

No **capítulo 3 (“O bairro produzido diariamente”)**, o trabalho de campo da pesquisa se aprofunda a fim de perceber as dinâmicas urbanas e sociais que tal recorte da Ponta Verde apresenta em sua rotina, assim como as peculiaridades, heterogeneidades e “subversões” que se desenvolvem no local, e que seu cartão postal fabricado, “desconstruído” no capítulo anterior, não comporta. Para isso, utiliza-se, principalmente, a metodologia própria dos estudos das etnografias dos espaços urbanos, proposta pela antropóloga Montoya Uriarte em seu texto “Olhar a cidade” (2013), que divide esse processo em 4 movimentos distintos de observação, que se complementam desvelando, ao final, um olhar abrangente sobre o objeto estudado.

Com isso, este capítulo é destrinchado em 4 etapas, onde em um primeiro momento se fabrica um “olhar de cima”, à distância, a fim de perceber fluxos, ritmos, aglomerações, rotas e padrões visíveis no trecho. Diferentemente das familiares e midiáticas fotografias aéreas do bairro, trabalhadas nos capítulos anteriores, por este ângulo a movimentação do local não necessita da

prática imaginativa - a dinâmica poderá ser sentida, presenciada. Percebe-se o ritmo dos carros que transitam nos dois sentidos em média velocidade, o andar contemplativo das pessoas, que à distância parecem sempre passear em grupos, sem pressa, se misturando ao cenário e complementando aquela totalidade tão divulgada nos postais, tornando-se parte, enfim, dessa paisagem. "De cima, o olhar adquire perspectiva, isto é, profundidade, tanto física quanto reflexiva" (Uriarte, 2013, p. 8).

Em seguida, é praticado o "olhar estático de baixo", onde as observações feitas de cima são complementadas através da aproximação. Por este ângulo, os detalhes, cheiros, fisionomias, semblantes e falas começam a ser coletados. Diálogos não são promovidos aqui - sento-me em locais estratégicos e observo. Estaticamente. O meu eu-pesquisador não deve atrapalhar a dinâmica do local e dos transeuntes. Aqui o foco é concentrado em observar as pessoas e seus comportamentos. Para esta etapa, escolho três cantos principais do trecho em estudo para análise, locais que podemos identificar como pontos nodais (LYNCH, 1999) dessa orla e que, por isso, apresentam variações cotidianas em suas dinâmicas ao longo dos dias da semana. Em todos esses ambientes, a prática aplicada é a mesma, consistindo sempre em se sentar e observar os diferentes personagens que utilizam esses pontos, entender suas falas e seus intuitos, tomar nota de cada detalhe aparente que nos chega e, assim, preencher as lacunas da vida cotidiana que o cartão postal midiático ignora.

Na terceira etapa, é promovido o movimento a partir de um ângulo chamado "observação móvel de baixo". Aqui a intenção é complementar o que foi visto no nível térreo-estático e, assim, capturar novas imagens e impressões a partir do deslocamento. Segue-se pessoas, personagens do bairro, escolhidos aleatoriamente. Imita-se seus trajetos, seu ritmo e pausas, a fim de experienciar de outras formas o espaço em estudo e compreender melhor a dinâmica diária do local.

Desse movimento, adquireo vivências. Ao utilizar o espaço segundo o ritmo e as intenções do *outro*, o local - já tão familiar aos vícios e traquejos do meu eu-pesquisador -, passa a adquirir novas conformações. Diferentes versões do bairro são

percebidas à medida em que minha individualidade de observador fica em segundo plano, e o elemento da alteridade toma as rédeas do passeio. Ao fim desta etapa, uno as experiências apreendidas pelos diferentes personagens seguidos a fim de conceber novos olhares sobre o bairro, para que outras "Ponta Verde" possam ser desenhadas dentro da perspectiva etnográfica da pesquisa.

O último ângulo desenvolvido nesse capítulo é o do observador-participante - chamado de "olhar de dentro e em profundidade" -, onde o diálogo com os personagens/transeuntes é efetivado. Nessa etapa é importante ter em mente o nível de intimidade que a pesquisa necessita, o direcionamento temático das questões essenciais e as dificuldades que a dinâmica do local oferece para a realização desse encontro indispensável entre observador e personagens. Seja em pé no ponto de ônibus, sentado na praça, andando com o transeunte, parado com o ambulante fixo, ou como a situação exigir, a conversa tem que ser conduzida de forma confortável ao entrevistado, e objetiva e produtiva para a pesquisa em desenvolvimento - que irá colher narrativas, sentimentos e impressões acerca das dinâmicas, conflitos e usos do espaço recortado do bairro e sua imagem promovida (URIARTE, 2013).

Aqui, opto por não gravar de forma digital as conversas produzidas, por entender que tal ato traria uma formalidade desnecessária ao encontro com o outro, que deve ser promovido de forma espontânea e fluida, de acordo com as condições que o momento permite. Tomo notas e registro frases, fotografias e pensamentos - materiais que servem para uma interpretação e compilação posterior dos significados expressados sobre aquele espaço que, quando analisados, irão compor uma totalidade redesenhada.

É importante pontuar que, ao longo do processo que envolve todas essas etapas - entre anotações, reflexões e desenhos -, também foi registrado fotograficamente o que vinha sendo observado, ferramenta que acreditamos ser útil e necessária aos processos e objetivos deste estudo. Tais ações devem ser entendidas como parte do viés etnográfico da pesquisa que, ao ter o material imagético analisado, suscitará, sob um novo ângulo, uma outra percepção e re-apreensão do espaço em estudo.

A fotografia fixa ou congela os momentos que passam velozmente um atrás do outro diante de nossos olhos nas movimentadas e agitadas ruas do centro e, ao fazê-lo, permite uma reflexão num outro ritmo, mais lento, sobre o que se vê. Permite re-ver e, portanto, re-pensar (URIARTE, 2013, p. 10).

E, ao falar das imagens, também é importante explicar a forma com que as apresento. Aqui, me inspiro na escritora e ilustradora iraniana Marjane Satrapi (2016), que acredita na capacidade de distração que as cores podem provocar no leitor que consome uma história que, por si só, já é cheia de detalhes e camadas de interpretação. Por isso, assim como Satrapi em seus quadrinhos, opto pelo uso das imagens em preto e branco nesse processo que busca desvendar a história e cotidiano de um espaço complexo, mas tão associado (e reduzido) às cores saturadas e apelativas que suas fotografias midiáticas propagam, reproduzindo uma cidade, sobretudo, turística com traços paradisíacos - o "paraíso das águas". Penso, portanto, que dessa forma, ao nos privar da abstração das cores relacionadas ao local, poderemos enxergar o espaço por seu aspecto mais objetivo e, assim, compreender de maneira mais honesta as nuances que essa avenida carrega em seu dia a dia real.

Acredito então que, através das imagens capturadas na pesquisa de campo, complemento a absorção do trecho analisado. Imerso nos percursos que elas mostram, é possível adentrar mais uma vez o recorte imagético da Ponta Verde - munido, nessa ocasião, das percepções, inquietações, perguntas e respostas, adquiridas nas etapas anteriores deste processo.

Com isso, ao fim desse exercício prático etnográfico, que encerra o terceiro capítulo desta pesquisa, será possível obter um olhar aprofundado acerca do espaço em sua rotina diária, que foge da imagem fabricada e totalitária perpetuada midiaticamente sobre ele. Um olhar que acolhe a diversidade, as diferentes dinâmicas, histórias, usos, personagens e "microespaços" que o local carrega, e que enxerga os vazios, brechas e fissuras nessa imagem inicialmente homogênea - olhar que é crítico, disciplinado e real em relação às possibilidades que esse recorte da cidade oferece.

Assim, após o desfecho dessa etapa, o trabalho é encaminhado ao seu quarto e **último capítulo** ("Um retrato em branco e preto"), onde os resultados obtidos em cada segmento serão refletidos e conciliados. A partir do levantamento histórico produzido primeiramente, da coletânea fotográfica e leitura imagética realizada na segunda etapa e da pesquisa etnográfica desenvolvida no terceiro momento, será possível elaborar um panorama abrangente e verdadeiro sobre os aspectos que compõem esse trecho postal do bairro da Ponta Verde, que reverbera diretamente na percepção construída sobre a cidade de Maceió e sua identidade atual.

Entendo aqui, esse trabalho por seu caráter fluido, infinito, fabricado a partir das percepções do espaço, objeto que se transforma e sofre um constante processo de metamorfose em razão de seus usos e práticas diárias. Por isso, perceber o dinamismo urbano do bairro e suas várias "personalidades" - que fogem da sua identidade estática, previamente elaborada -, permitindo a assimilação de novas interpretações sobre o local, é o grande motor que carrega essa pesquisa. Portanto, nesse capítulo final, "reconstruo" minha percepção sobre o espaço da Ponta Verde através de suas camadas analisadas ao longo do trabalho, que podem vir a modificar ou reiterar a identidade concebida ao local. Por meio dos aprofundamentos realizados nesse estudo, será possível, ao final, voltar a juntar esse espaço que foi fragmentado durante a pesquisa, e uni-lo não mais por uma totalidade-coerente, mas, sim, por uma totalidade-diversificada (URIARTE, 2013). É o momento em que reúno os fragmentos não mais para demonstrar a função de cada parte, mas, sim, para compreender o todo por um outro prisma que não o da homogeneidade com que tal espaço costuma nos aparecer excessivamente.

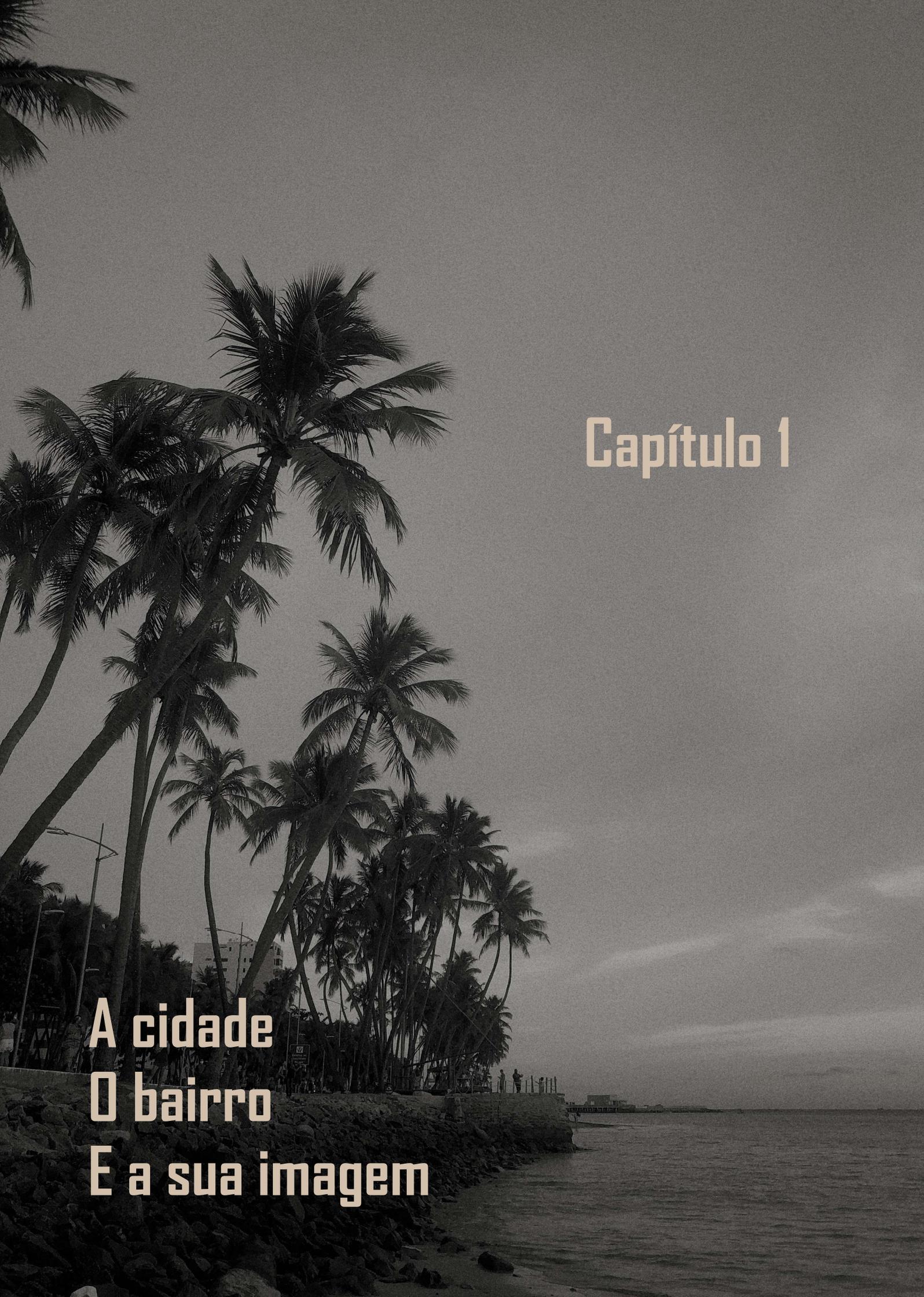
Busco então, nesse último momento, sintetizar minha apreensão acerca da essência do local que encontro ao longo da pesquisa, assimilando os aspectos históricos, as construções imagéticas e dinâmicas cotidianas do espaço reveladas nesse estudo que, por todo seu processo investigativo, procura refletir sobre a identidade percebida nesse trecho da Ponta Verde, oferecendo, em sua completude, uma imersão aprofundada por toda a dimensão que compõe a área estudada. Aqui, por esse trabalho, revelo uma espécie de radiografia do espaço, demonstrando - por "dentro" e

por “fora” – as diversas “faces” que esse local comporta, e expondo, assim, as outras *almas* desse importante “cartão postal”.

- Considerações iniciais

O processo de pensar, elaborar, praticar e escrever tal pesquisa, me faz refletir sobre a importância da Ponta Verde em minha formação enquanto arquiteto e urbanista e, mais que isso, a minha percepção sobre o real significado desta profissão. Relembro que foi o bairro, ainda em minha infância, quem primeiro me fez questionar as ruas da cidade, o paisagismo urbano, os perímetros de cada local e, sobretudo, a relação entre imagem e identidade que a capital carrega. E hoje continua sendo através da Ponta Verde que exerço, aqui, minha maior experiência, até então, enquanto pesquisador no assunto. O questionamento urbano, a consciência social, o trabalho histórico e investigativo, o estudo da imagem, a observação das dinâmicas da cidade e a inquietação constante são processos que permeiam essa pesquisa, e que contribuem bastante, ao meu ver, para a formação do meu olhar crítico necessário à prática da arquitetura e urbanismo.

Ao refletir sobre as motivações que me trouxeram aqui, penso que a Ponta Verde me aparece de forma automática – reflexo de 31 anos expostos aos seus charmes postais elaborados e divulgados midiaticamente. Sinto o bairro dentro de mim, de forma intrínseca, inseparável. Mais que um lugar que percorro, que pesquiso, o bairro é um sentimento que me compõe, e me confunde. E é por aí que iniciamos.



Capítulo 1

**A cidade
O bairro
E a sua imagem**

De acordo com um estudo realizado pela Decolar, uma das maiores empresas de viagens da América Latina, Maceió é hoje o destino mais procurado entre as capitais do Nordeste para as férias do meio do ano, e assume o terceiro lugar no ranking nacional para o mesmo período, perdendo apenas para as já tradicionais Gramado (RS) e Rio de Janeiro (RJ). Com isso, entendemos que a cidade vem passando por um processo de reconhecimento em todo o país nas últimas décadas e recebe a cada ano, um número maior de visitantes em seu território. Também se observa que algumas próprias do marketing turístico nacional, como "Paraíso das águas" e "Caribe brasileiro", surgem e são disseminadas e associadas à cidade, com a intenção de vender a região para todo o Brasil como um produto de irresistível "compra", formulando um cenário idílico atrativo a uma clientela virtual estudada.

Sabemos que essa é a caracterização de um tipo de turismo já consolidado no litoral do Nordeste, chamado de turismo Sol e Mar, que se sustenta no apoio do Estado e de grandes grupos econômicos que interferem nas políticas públicas voltadas para a "turistificação" das regiões. Essas medidas, no entanto, também alteram toda a formação do espaço e têm implicações na vida dos moradores das cidades, sobretudo em sua dinâmica urbana diária. Tendo como referência este processo de interesses econômicos, é construída uma identidade para o local, que se "produz" com base numa imagem idealizada e específica de seu território, massivamente explorada e repetida como sua divulgação nos meios midiáticos. A cidade, então, é reduzida a um produto cuja identidade é formulada para ser objetiva, direta e atrativa ao mercado (VAINER, 2007).

Tendo em vista essas apreensões, é seguro dizer que o bairro da Ponta Verde é o rosto que estampa as propagandas de Maceió para o mundo atualmente. Como já foi introduzido, as imagens de sua paisagem são massivamente exploradas enquanto cartão postal e devem se perpetuar no imaginário de qualquer turista que se interesse em visitar Maceió, influenciando, conseqüentemente, na construção da identidade tentadora de um destino paradisíaco que a cidade vem perpetuando com cada vez mais sucesso.

No entanto, é importante salientar que nem sempre foi assim. Bairro originalmente descentralizado, que servia de quin-

tais de sítios e casas de veraneio de poucos alagoanos, a imagem do local foi sendo construída e ganhando notoriedade na cidade lentamente, e junto com ela, a identidade da cidade se modificou e um novo cartão postal da capital se delineou - um retrato que se mantém em foco até hoje (PEIXOTO, 2016).

Aqui, neste primeiro capítulo, pretendo contar essa trajetória. Iniciando por uma pesquisa histórica e trazendo alguns aspectos do estudo com imagens, retomo às origens do bairro, contextualizando o "descobrimento" de sua paisagem e suas primeiras impressões na cidade. Através de uma análise aprofundada de seus cartões postais, construo uma linha do tempo sobre essa paisagem, que enfatiza a relevância do recorte espacial do bairro que está sendo trabalhado na pesquisa. Assim, também destaco a importância que alguns marcos fundamentais tiveram no direcionamento do olhar público para tal paisagem, e que ainda podem ser percebidos - fisicamente ou não - em seu retrato midiático, fazendo parte do imaginário popular da cidade e influenciando a afirmação de sua identidade turística atual.

Dessa forma, ao fim dessa etapa, busco situar o leitor sobre o espaço urbano em estudo, destrinchando o papel midiático central que sua paisagem vem desempenhando sobre a cidade de Maceió e no processo de "produtização" no qual ela se insere.

1.1 - O bairro e a sua história



Entende-se o cartão postal como um produto gráfico, físico ou virtual, através do qual uma imagem de lugar é divulgada enquanto marco, uma forte referência que o identifica. Desde seu surgimento, em 1891, os cartões foram muito bem recebidos na capital alagoana, ajudando a divulgar fotografias da cidade para o mundo (CAMPELLO, 2009). Hoje, com a modernização referente as revoluções tecnológicas, eles assumem diferentes formas, transpondo-se para o plano virtual a fim de se adequar às demandas da sociedade atual, ao mesmo tempo em que continuam cumprindo sua função original de instrumento de divulgação de um local.

As imagens dos cartões sugerem aos que delas usufruem o que ver e de que maneira ver. Provocam experiências visuais em uma via de mão dupla: as vivências do cotidiano permitem que essas pessoas perscrutem com mais acuidade os cartões-postais; enquanto a experimentação dos cartões-postais com suas configurações e organizações visuais exerce papel semelhante, propiciando que elas percebam melhor o meio no qual vivem (CAMPELLO, 2010, p. 05).

Principal referência nacional de Maceió, a **imagem** do bairro da Ponta Verde se tornou o símbolo postal da cidade que aqui se observa. Acredita-se que tal percepção também recaia sobre o turista que busca informações sobre a cidade ao escolher seu destino final e se depara com esse cenário deslumbrante, de paisagem arrebatadora e cores apelativas, onde as águas azuladas do mar e o verde dos coqueirais encontram tão intimamente o cinza do concreto da verticalização presente – revelando através de fotografias aéreas a “descoberta” de um espaço refúgio, um lugar sagrado e harmonioso (DANTAS, 2009), uma totalidade homogênea (URIARTE, 2013) coerente com as necessidades da clientela virtual que se pretende atingir, detentora do capital do mercado turístico onde a cidade-produto se insere (VAINER, 2007).

Deve-se salientar que este trabalho se constrói, inicialmente, a partir do diálogo com as imagens e das percepções que o encontro com elas evoca. Foi por meio deste confronto que meus primeiros questionamentos e elucidações sobre a cidade se fizeram, e é debruçado nelas que este estudo se motiva e trilha seu percurso investigativo. Entendo, aqui, as imagens como parte da formação dos indivíduos, eles que as produzem, compartilham e as vivenciam, configurando narrativas com e a partir delas. E nenhuma narrativa é definitiva. As imagens “existem em percepções”, onde no caso da fotografia, objeto específico dessa pesquisa, formula-se entre a que o autor propôs e o que é apreendido; entre o mundo social e o mundo simbólico (MANGUEL, 2001).

Acredita-se, então, ser possível estruturar leituras sobre a cidade por meio das imagens. Quando tomamos o pensamento de Etienne Samain (2012), que define a imagem enquanto “malha, trama de silêncios e de ruídos, de memórias, histórias escritas e vividas sobre elas, dentro delas, e que se acumulam, se reconstroem”, conseguimos formular um entrelaçamento com a definição do que seria uma urbe, com suas dinâmicas diárias, conflitos, vivências e, sobretudo, movimento.

A cidade que se acredita neste trabalho é um local de infinitas apreensões, que pode ser interpretada como um texto com intermináveis possibilidades de leituras, traduzidas dentro de um contexto extremamente midiático e imagético – que se espalha segundo recortes fotográficos objetivos, harmônicos, saturados e, de certa forma, impositivos, mas que ganham novas conformações

quando confrontadas dentro do exercício de análise aqui proposto. Entendo que, dessa maneira, a cidade e seus espaços se reconstroem dentro da pesquisa.

Dito isto, ao olhar os retratos postais que Maceió oferta, percebe-se suas mudanças ao longo das últimas décadas. A cidade se divulga por outros ângulos, outros meios, se adequa à novas demandas e plataformas, insere novas informações em sua paisagem e acompanha as mudanças físicas que seu espaço apresenta, contudo não retira seus holofotes midiáticos das imediações do bairro da Ponta Verde. É por esse espaço que a capital vem espalhando sua narrativa, que nos conduz a uma pesquisa histórica sobre o descobrimento, e posterior afirmação, desse extrato urbano específico da cidade.

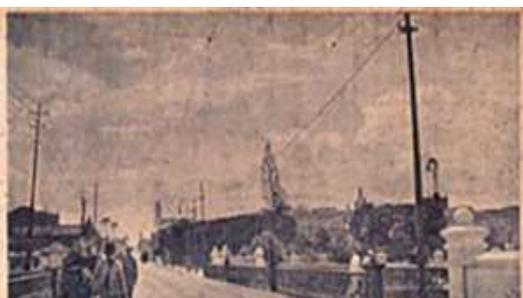
No processo que visa entender como a imagem do bairro tomou tais proporções e relevância, busquei observar o que já foi importante e atrativo ao turismo local: que paisagem a cidade escolhia divulgar ao mundo antes da Ponta Verde se tornar a protagonista que vemos hoje? E como se deu a formação e consolidação da imagem desse bairro? Quais elementos foram fundamentais na construção dessa paisagem? Estas são as perguntas que originam este capítulo da pesquisa, e que procuro responder neste primeiro momento.

Figura 05- Rua do Commercio. Foto de Luiz Lavenère, década de 1920. Fonte: Acervo Jamil Abik

Figura 06- Cartão postal do prédio dos Correios e a Ladeira do Pharol, década de 1920.

Figura 07- Cartões postais de Maceió, década de 1920. Fonte: Série Phot. Amad. Antenor Pitang

1.2 - O retrato da cidade



Ponte dos Fonsêcas e Praça Sinimbú.



Rua Nova e Barão de Anadia.



Palácio Hotel Bella Vista.

O cenário em que a cidade de Maceió se encontrava em meados da década de 1920 era bastante diferente dos dias atuais. O bairro da Ponta Verde ainda não existia oficialmente, portanto, o que era retratado nos cartões postais dessa época eram o centro da cidade e a sua arquitetura. É interessante notar tal mudança de panorama, o foco excessivo na paisagem natural da orla que temos hoje, era naquela época deixado de lado, sendo o centro histórico e seus prédios relevantes - que atualmente são pouco lembrados pela política de divulgação turística da cidade - os símbolos que estampavam os retratos midiáticos da capital.

Imagens de praças, algumas poucas avenidas, igrejas e edifícios de órgãos públicos, como o Palácio Floriano Peixoto e a Catedral Metropolitana, divulgavam Maceió naquele período inicial do século 20. Obras instaladas na região central da cidade, que àquela época se encontrava em plena expansão e enfoque, indicavam uma capital em desenvolvimento onde o cinza das construções reinava, alinhando-se com o período de progresso econômico e industrial que o país se inseria naquele momento.

Depositários que são do olhar coletivo explicitado na escolha das edificações e logradouros mais significativos da cidade para a época, os cartões-postais dão subsídios, com as fotografias que se imprimem em seus suportes cartonados, para que se identifiquem os modos de ver a cidade (CAMPELLO et al., 2017, p. 661).

O exercício aprofundado de leitura e a interpretação desses cartões postais, assim como a análise comparativa com o que se mostra nos postais mais recentes da cidade e o que se apreende dessas imagens, serão realizados no capítulo seguinte. Porém, de certo modo, já podemos entender a mudança de foco que hoje se observa na representação da cidade se iniciando a partir da modernização dos discursos e condutas sobre os espaços urbanos que foi se desenvolvendo no Brasil a partir da década de 1930. Ali a cidade começa a ser percebida sob um direcionamento moderno e a população enxerga novas prioridades e novos atrativos nesse território - o que antes gerava comoção passa agora a ser visto com indiferença, como algo ultrapassado. A sociedade começava a



Thezouro Estadual.



Travessa do Commercio.



Trecho da R. do Commercio.

Figura 08- Um dos primeiros cartões postais que destaca a orla marítima da cidade. Fonte: Site Maceió antiga [s.d]

buscar outros símbolos e referências para essa cidade que emerge (CAMPELLO, 2017).

É dentro desse cenário de uma Maceió em transformação, que a Ponta Verde começa a se destacar e a ser percebida de forma independente. A região era um imenso sítio de coqueiros pertencente ao perímetro do bairro da Ponta da Terra, um dos mais antigos da capital. Na década de 1920, as famílias de classe alta da época começam a se interessar pelos terrenos da orla marítima da cidade, onde foram construindo casas de veraneio no bairro da Pajuçara, trazendo visibilidade àquela vizinhança da orla marítima, e obrigando os pescadores que ocupavam o local a se transferirem para a remota Ponta da Terra, fazendo surgir pequenas ruas, com modestas casas por ali - local que em breve teria seus limites "engolidos" pela ascensão e expansão do seu espaço vizinho, a Ponta Verde (PEIXOTO, 2016).



Nessa época, antes ainda do seu "surgimento oficial", a Ponta Verde já começava a atrair os olhares mais curiosos e sensíveis às mudanças de paradigma que se desenhavam nos espaços urbanos naquele momento, que percebiam discretamente os atributos naturais que o local oferecia. Lúcio Costa, arquiteto e urbanista franco-brasileiro, ao desenvolver uma tarefa enquanto secretário do atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, realiza uma série de viagens pelas cidades do Brasil em busca do reconhecimento de sua identidade paisagística e ao chegar a Maceió, no ano de 1926, escreve uma carta onde descreve a cidade como "pequena, feia, sem interesse - sem expressão" (COSTA,1995, p.102). Relata que ao passear pelo seu centro nada o chamou a atenção, tudo era apagado, suburbano. Contudo, ao chegar ao trecho próximo ao desse estudo, escreve, com vislumbre, sua súbita admiração pelo local:

[...] Felizmente tomei um bonde que me levou para fora - 'Ponta da terra' chamam o lugar. Gostei, gostei muito mesmo. Deu-me a perfeita impressão dessas cenas de naufrágio, de ilha deserta, de que os filmes americanos tanto gostam. Algumas casinhas de terra batida e cobertas de sapé, redes, gente sonolenta. E uma praia, mas uma praia diferente de todas as outras praias. Muito plana, muito larga, cheia de coqueiros, desses coqueiros sinuosos, esguios, que balançam e cantam com o vento. E o mar muito calmo, sem arrebentação, sem ondas. Muito calmo e muito verde, um verde lindo, verde esmeralda [...] Paisagem de ilha abandonada, apesar dos pescadores e das velas, calma, sonolenta. Paisagem de Aquarela. (COSTA,1995, p.102)

Um pouco depois, em 1937, o jornalista alagoano Moreno Brandão, ao descrever a cidade de Maceió e seu bairro mais popular à época, o Jaraguá, deixa clara a posição de ponto referencial para a cidade que aquele sítio geográfico começava a ocupar:

[...]Maceió, situado perto do mar nas proximidades da Ponta Verde. Cidade com ruas largas, praças espaçosas, casas muito bem construídas e de elegante aspecto. Mantém florescente comércio com o exterior e com as demais regiões do Brasil, através do porto de Jaraguá. (BRANDÃO, ,1937, p.15)



Percebe-se, pelas abordagens dos autores, o importante papel do local na percepção da cidade: Costa, com seu olhar sensível de urbanista, observa nos atributos naturais daquela região específica a beleza mais singular de Maceió - e seu bem mais valioso; Já Brandão, com seu olhar documental de jornalista, faz de tal localidade um ponto referencial de uma cidade em crescimento. Dessa forma, podemos afirmar que há, ainda antes da ocupação efetiva do bairro, uma crescente atração por sua paisagem e uma certa predisposição, ainda inocente, de o firmar como um ponto representativo da cidade.

Então, em meio a esse contexto histórico, a Ponta Verde ainda pouco povoada e habitada, viu-se aos poucos ganhando notoriedade. Nota-se, quando pesquisamos sua história e nos debruçamos em suas imagens produzidas, o surgimento de **marcos referenciais** em seu terreno. São elementos que compuseram a história do bairro e impulsionaram seu desenvolvimento, atraindo a população para tal área, trazendo visibilidade ao local e ajudando a moldar a imagem que hoje se propaga sobre ele. Aqui, identificarei esses ícones do bairro, os dividindo entre marcos principal e secun-

dário, eleitos de acordo com a relevância que cada um possui na formação imagética do bairro que vemos atualmente, e organizados na ordem cronológica em que eles protagonizaram seus papéis nessa história.

Para isso, remonto ao início da década de 1920, quando um tronco em formato curioso de um dos inúmeros coqueiros que ocupavam os extensos sítios remotos da região, passa a chamar a atenção dos visitantes, e logo que é descoberto vira sensação na capital - atraindo as lentes fotográficas para aquele bairro inexplorado, transformando, pela primeira vez, aquela paisagem em cartão postal nacional e convidando a população para a sua área - que recebia ali o primeiro de uma série de marcos construtores de sua imagem. Seguirei apresentando estes elementos a seguir.

1.3 - Identificando marcos

Gogó da Ema



Ao observar os retratos atuais da cidade - quase sempre restritos a essa mesma paisagem em estudo, tão repetida nos diversos meios midiáticos que divulgam Maceió -, logo nos toca os olhos a cor das águas, a sinuosidade das linhas que desenham o espaço, e o acúmulo de prédios que encara a imensidão esverdeada - como um aviso de civilização em meio à terra paradisíaca, onde o encontro do mar e do concreto se promove. Esse retrato, de certa forma, persegue a cidade e encanta o turista que se depara com um "lugar-paráiso", abreviado por esse recorte marítimo de apelo explícito. Sob um olhar mais sensível adquirido nesta pesquisa, é possível vislumbrar as origens desta paisagem, os primeiros arrebatamentos sobre um terreno ainda escasso de vida humana, onde o verde reinava livre enquanto a cidade contemplava o cinza do seu centro comercial. É dentro desse cenário calmo, remoto, que o nosso Gogó da Ema sossegava em silêncio - e é por ele que a trajetória imagética do bairro da Ponta Verde se inicia.

Em meados da década de 1920, com o início da ocupação da faixa litorânea de Maceió a partir do bairro da Pajuçara - que faz vizinhança com os limites da Ponta Verde - o coqueiro de tronco curioso, que até então era desconhecido pelos maceioenses, foi "descoberto" e a notícia de sua existência correu depressa pela cidade, popularizando essa área, até então "periférica". Logo a notícia de sua existência correu pela capital, direcionando pela primeira vez os olhares curiosos da cidade para aquela região reservada, transformando o seu terreno em ponto de encontro da população (PEIXOTO, 2016).

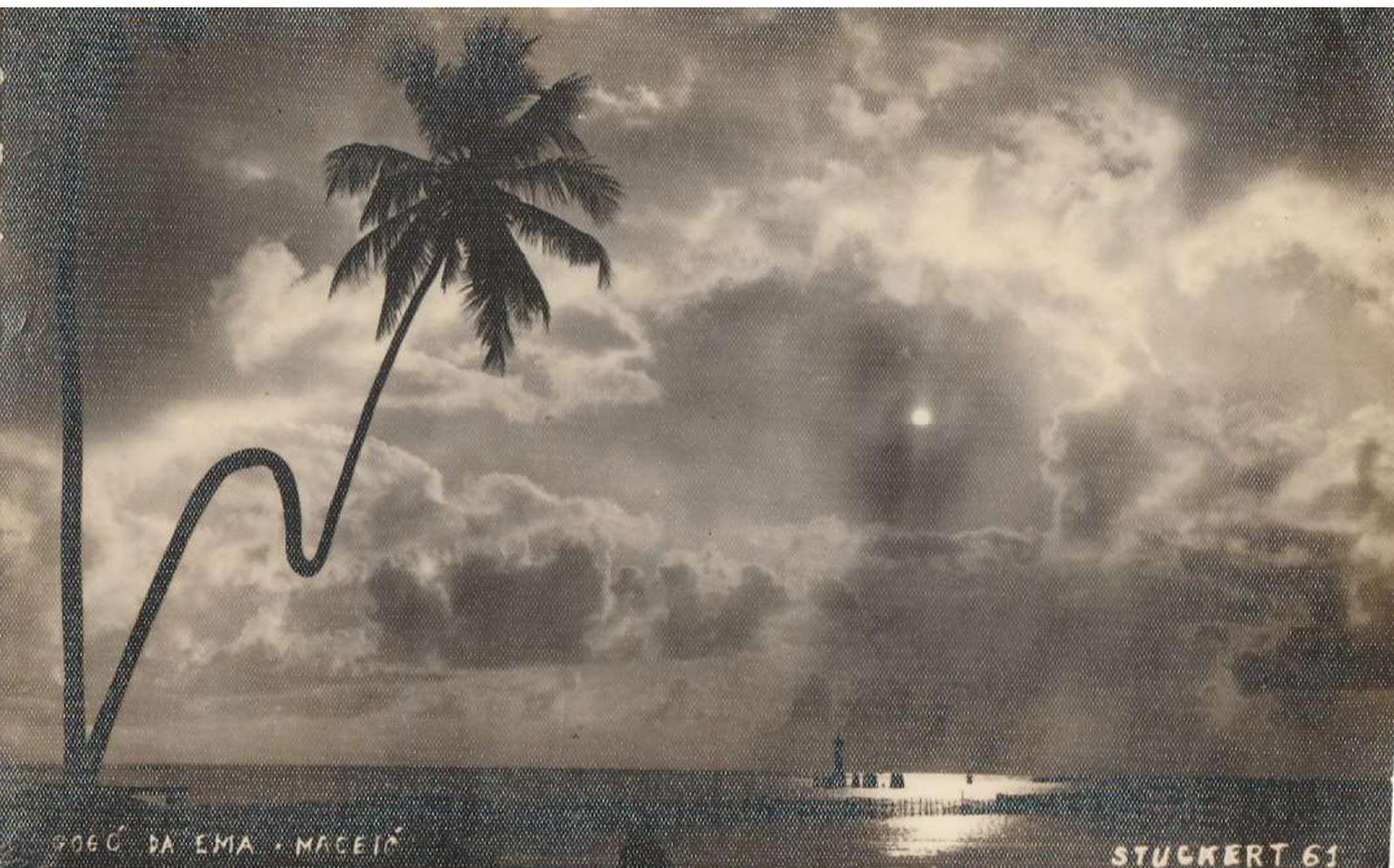
O singular traçado de seu tronco, que rapidamente lhe rendeu o popular apelido de Gogó da Ema, naturalmente despertou os holofotes da cidade, que registravam apaixonadamente aquela novidade de inegável potencial imagético - onde um coqueiro "exótico" contemplava o mar esverdeado da região e, dessa forma, redesenhava a paisagem do local. Segundo o historiador Luís Veras Filho (1990 apud FIGUEIREDO, 2011), o impacto foi tão grande que logo sua fama foi além dos limites geográficos da cidade, alcançando destaque em todo território nacional, estampando postais, gravuras e fotografias que eram enviadas com orgulho pelos moradores de Maceió. Sua imagem se tornou um dos símbolos mais reconhecidos no país e foi através dela que, pela primeira vez, a paisagem marítima se tornou foco turístico da cidade e a área da Ponta Verde começou a representar midiaticamente a capital.



Em 1930, uma empresa norte-americana realizou algumas perfurações de poços em busca de petróleo nos arredores do local, e o mar avançou um pouco mais, trazendo maior visibilidade ao já famoso coqueiro, que agora se achava ainda mais próximo das águas, mas também comprometendo a estabilidade da palmácea, visto que alguns coqueiros de sua vizinhança começaram a despencar. Algumas medidas foram reclamadas à prefeitura visando conter a ameaça da natureza que se aproximava, e muros de alvenaria de tijolos e travas de madeira foram instalados a fim de conservar aquele cenário especial. O Gogó da Ema desafiava a lei da gravidade natural, o que fazia com que houvesse a necessidade do máximo de fixação ao solo para que ele permanecesse firme (FÉLIX JÚNIOR, 2014).

Apesar dos esforços, às 16h30 do dia 27 de julho de 1955, o tão querido e simbólico coqueiro teve sua "proteção" invadida pela impetuosa água do mar e, sem mais se conter em suas raízes, caiu, despedindo-se do pôr do sol da Ponta Verde que ele havia popularizado. Curiosamente, houve toda uma mobilização com a ajuda de centenas de pessoas, autoridades, agrônomos e guindastes, para reerguer o coqueiro, que permaneceu em pé, todavia moribundo, ainda por alguns meses até cair de vez e sua morte definitiva ser decretada. Segundo relatos da época, após sua última queda, o "corpo" do Gogó da Ema ainda permaneceu exposto na areia daquela praia, que continuou recebendo a visita da população que observava aquele amado marco icônico desaparecer em silêncio, sendo consumido lentamente pela força da natureza que por tanto tempo o fez companhia (FÉLIX JÚNIOR, 2014).

Figura 12 - O coqueiro mirando o Farol da Ponta Verde, fotografia de Stuckert. Meados de 1940. Fonte: LEILOEIRO, [s.d]



O Gogó da Ema se foi, mas seu legado perdura até hoje. À "palmácea poética da cidade", termo utilizado pelo historiador Luís Veras Filho em seu folhetim de 1990, atribui-se também certo caráter mitológico. Existe, inclusive, uma lenda passada através de gerações alagoanas, que narra a história de um índio que, para poder matar a sede e a fome de sua amada caeté, metamorfoseia-se no coqueiro, que se curva em direção ao mar para facilitar a retirada de seus frutos e alimentar seu eterno amor. Histórias como essa continuam sendo reproduzidas, e ilustram o caráter de símbolo folclórico que o marco possui.

Conservado no imaginário popular, o coqueiro continua a exercer, de forma indireta, sua função de divulgação de Maceió. Por ele, constituiu-se o primeiro símbolo da natureza que a cidade pôde ostentar nacionalmente, e o primeiro marco construtor da imagem turística por onde ela hoje se divulga. Além disso, foi através dele que se originou a formação de um espaço de convívio dos cidadãos à beira mar daquele trecho da orla - dinâmica muito presente atualmente nessas proximidades.

Para homenageá-lo, em 1996, foi inaugurada a Praça Gogó da Ema, bem próximo ao lugar onde antes o coqueiro se firmava. O espaço, de autoria da arquiteta Eurídice Lobo Rocha Leão, conta com uma grande escultura que faz alusão e reverencia o antigo coqueiro. O monumento se encontra rodeado por outras árvores, que sombreiam o local e que permitem a utilização dos bancos da praça e de seu entorno como um espaço de lazer para crianças e adultos. Dessa maneira, a praça incentiva a socialização dos maceioenses que a utiliza com mais frequência nos fins de semana, tal como um dia o coqueiro original também promoveu. É uma singela demonstração de respeito da cidade e, especialmente, da Ponta Verde, ao coqueiro que impulsionou a popularidade do local, e colocou o bairro no mapa turístico da capital.

Portanto, ele era, e continua sendo, ponto de referência e de encontro. Pode-se dizer que seu desenho - que se destacava naquela paisagem, convidando seus visitantes a contemplar a maré - segue vivo, e hoje ele repousa sua imagem na memória coletiva dos alagoanos. Além da praça, seu nome e sua imagem estampam camisetas, inspiram esculturas, nomeiam bancas de revistas e cachaças feitas em sua homenagem. Dessa forma, o Gogó da Ema torna-se, no silêncio de sua inexistência física, um patrimônio cultural e imagético que ainda grita sua dominante influência e presença por toda Maceió atual.



Alguns anos depois, no início da década de 1960, a área em formato de sítio pertencente ao bairro - agora reconhecida pela herança que o coqueiro deixou -, começa a passar por suas primeiras mudanças físicas que iriam viabilizar sua efetiva ocupação. Com a intensificação do povoamento da parte litorânea da cidade, através dos bairros vizinhos (Pajuçara e Ponta da Terra), há um reconhecimento da extensão da Ponta Verde enquanto um espaço de grande potencial turístico e econômico de Maceió, e começa, então, o processo de loteamento do seu terreno, que se prepara para receber suas primeiras residências uni familiares pertencentes às famílias da classe alta da sociedade alagoana (ZACARIAS, 2004).

Com isso, surgiram as primeiras construções de conjuntos populares de casas e edifícios nos arredores do bairro, e, conseqüentemente, foram instalados os equipamentos urbanos e a infraestrutura básica necessárias ao intenso processo de ocupação que ele viria a sofrer nas décadas seguintes. É dentro dessa etapa inicial que, no início da década de 60, um segundo símbolo histórico e ícone imagético da Ponta Verde começa a surgir - um que iria sobreviver e influenciar fisicamente a paisagem da cidade até os dias mais recentes, sendo eleito aqui o **segundo marco construtor de sua imagem**.

O Alagoas Iate Clube foi uma obra edificada que por muito tempo reinou em destaque sobre o mar da Ponta Verde, atraindo a atenção da população e dessa pesquisa de forma emblemática e metafórica, revelando bastante sobre o comportamento de uma cidade-mercadoria em construção - onde um clube exclusivo para sócios da alta sociedade alagoana, instalado em seu bairro mais elitizado, representa midiaticamente a cidade. É sobre a história deste marco que trataremos a seguir.

O Alagoinha



Planejado em 1963, pelos irmãos Paulo e Luiz Costa, o clube tinha o objetivo de servir como uma agremiação dentro da alta sociedade alagoana - que buscava um lugar próprio para a prática de esportes náuticos. Essa prática era crescente entre os mais abastados da capital, denotando o caráter extremamente exclusivista que o empreendimento possuía desde sua concepção. Após algumas buscas pelos terrenos mais remotos da orla marítima da capital, escolheu-se visitar os terrenos do Sr. Hélio Vasconcelos, proprietário de um antigo sítio batizado de Ponta Verde. Esse sítio se localizava justamente nas redondezas do bairro, que ainda se encontrava no início de seu processo de povoamento. Por isso, era um local dominado por extensos coqueirais e pouco habitado, instalado de frente para um mar azul esverdeado e reservado, sendo esse popularmente conhecido na região como a "praia das acanhadas" (TORRES, 2017).

Sobre o terreno em que a obra foi erguida, é importante observar a vocação icônica e imagética natural que o local começava a transparecer naquela época. Foi justamente ali, dentro de um espaço de menos de 100 metros, que poucos anos antes o coqueiro de tronco sinuoso e curvas curiosas, o Gogó da Ema, iniciou o protagonismo da sua imagem, atraindo a população e as lentes da cidade para aquela área - onde reinou em absoluto destaque até 1955, como já contamos no tópico anterior. Portanto, mesmo antes de sua efetiva ocupação, este espaço geográfico já vinha revelando uma condição turística de muito significado, e ao abrigar tais marcos dentro de uma distância tão curta de tempo, avançava na trajetória que culminaria na presença dominante de sua paisagem nos cartões postais da Maceió atual.

A paisagem de aquarela que Lúcio Costa definiu em sua já citada carta de 1926, com seu mar plano, muito largo e com coqueiros esguios que cantavam com o vento, iniciava o seu processo de encantamento da cidade pelo local, e o singular traçado do seu espaço, onde uma ponta geográfica de terra adentra as águas esverdeadas do mar, servia para ilustrar o nome dado ao bairro e alimentar com poesia os olhares mais sensíveis da população que começava a circular com mais frequência pelo local. E foi justamente neste local de enorme potencial que os irmãos Costa decidiram levantar o seu sonhado clube náutico.



Então, depois de certa negociação, fechou-se o acordo sobre o terreno. Para a construção do edifício foi realizado um concurso de projetos e a proposta arquitetônica vencedora foi a de autoria das arquitetas Zélia Maia Nobre e Edy Marreta. A obra foi instalada de forma a dialogar delicadamente com a paisagem em que estava sendo inserida. A edificação iniciava-se ainda na faixa de areia e avançava para dentro do mar, tendo a "ponta de terra" como um aliado natural nessa "invasão". Já nas águas, o Alagoinha, como foi carinhosamente apelidado, flutuava sobre um chão de arrecifes que, de acordo com a maré, ficava exposto ou escondido, fazendo com que a paisagem que entornava essa arquitetura sofresse periódicas transformações a partir dos desejos da natureza, promovendo um movimento dinâmico e poético à obra - que se confirmava como mais um cartão postal da cidade (SILVA, 1991).

A inauguração do clube se deu no início da década de 1970, exercendo grande impacto naquele cenário e, também, na dinâmica urbana do local - que começou a ser loteado e ocupado como bairro de fato. A edificação foi considerada um grande exemplar da arquitetura moderna que vinha ganhando força na cidade, um gesto vanguardista que rapidamente foi reconhecido e exaltado nos meios midiáticos da época, como podemos ver no texto do jornalista Freitas Neto publicado em 1972:

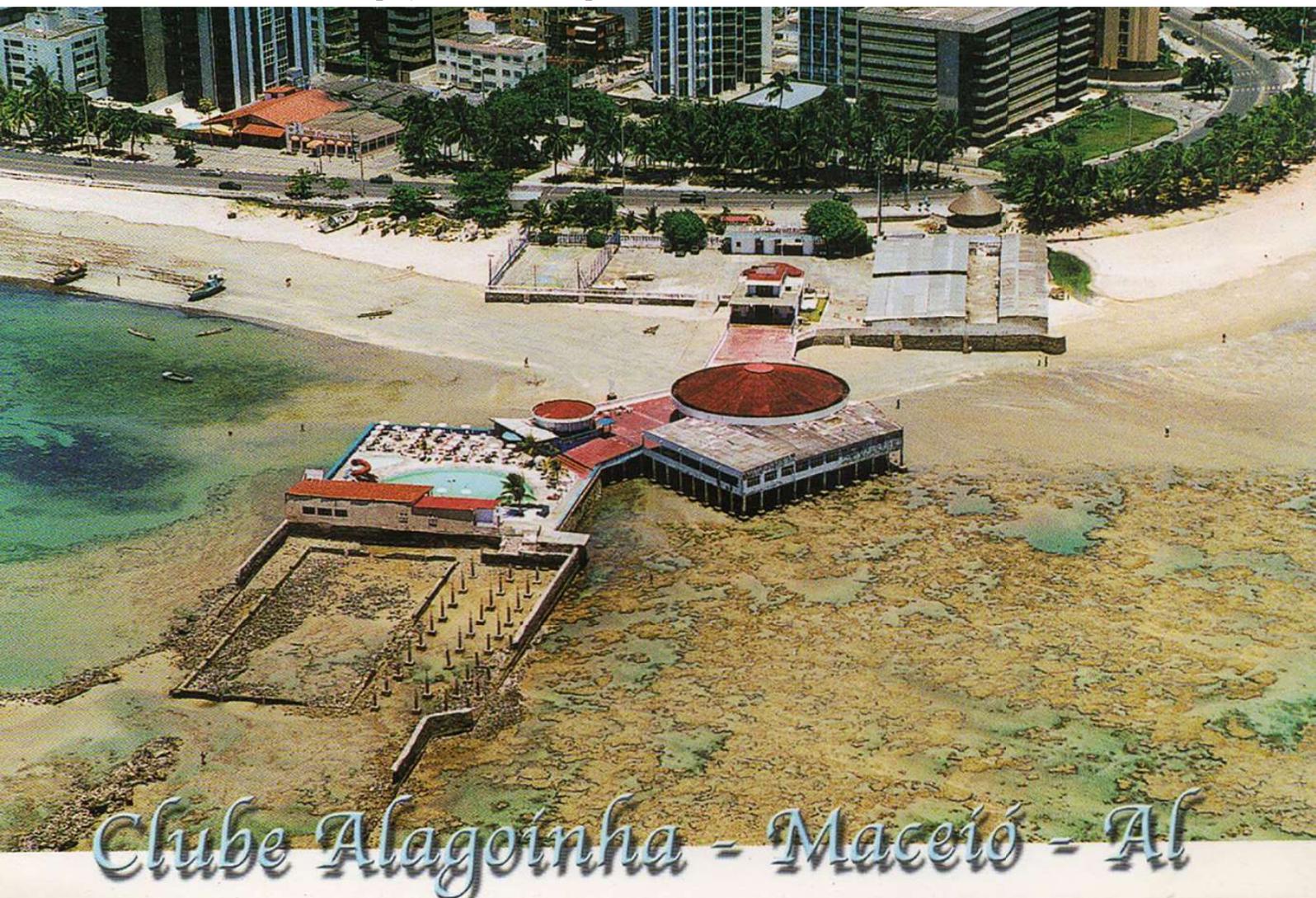
Já dizia São Tomé: "só vendo, tocando para crer". Assim é o Alagoas Iate Clube, o "Alagoinha" que nasceu dentro d'água. O turista que chega à terra, pasmado exclama: no Brasil não existe igual! De fato, é algo fantástico que precisa contar com o apoio de todos os alagoanos. Se morreu o gogó da ema dentro d'água [...] bem pertinho nasceu o Alagoinha, também dentro de uma imensidade de líquido salgado, embora com bases sólidas da arquitetura moderna. (FREITAS NETO, 1972).

Enquanto ativo, o Alagoinha representou uma das principais paisagens urbanas associadas a Maceió. Sua imagem esteve estampada em cartões postais da cidade durante muitos anos, atraindo os holofotes do turismo e ajudando a construir e divulgar a identidade que hoje se vende sobre a capital. O local funcionou como um clube reservado para poucos até seu fechamento, sendo o acesso ao seu interior permitido apenas aos seus sócios contribuintes, enquanto a modernidade de sua obra instigava a curiosidade da população da cidade, que o avistou dominando aquela paisagem diariamente por décadas - adquirindo, dessa forma, um caráter de marco referencial e ponto nodal (LYNCH, 1999) dentro da dinâmica urbana que ali se construía.

É inegável a popularidade da edificação na cidade. Muitos provavelmente nunca entraram no clube quando em funcionamento, uma vez que seu acesso era restrito. No entanto, devido a sua localização, o

clube se destaca na paisagem permitindo que as pessoas apreendam à distância aquela arquitetura no cenário. Este aspecto visual, teoricamente, é a razão pelo qual o Alagoinha tenha sido escolhido como ponto referencial, pois é devido a sua força na extensão da paisagem que torna este lugar privado, simultaneamente público (TORRES, 2017, p. 72).

O Clube se manteve ativo do início da década de 1970 até o início dos anos 2000, possuindo uma fiel lista de sócios contribuintes que promoviam eventos e ajudavam a manter o local bem cuidado. Porém, com as mudanças no estilo de vida da população que a década de 1990 trouxe, a vida nos clubes sociais foi perdendo terreno e o antes cobiçado "título patrimonial" de sócio dos clubes deixaram de ser vistos como bom investimento nos anos que se seguiram. O clube resistiu e conseguiu virar o século ainda com as portas abertas, mas em 2005, alegando problemas financeiros, o tão simbólico e famoso Alagoas Iate Clube encerrou suas atividades definitivamente, e após alguns projetos frustrados de reestruturação e venda do imóvel que se estenderam pelo restante da década, o processo se finalizou e o espaço foi desocupado.



Questões de cunho ambiental referentes à legalidade da construção do clube foram levadas à justiça no início dos anos 2000, o que também contribuiu para o fechamento do estabelecimento. Um debate sobre a irregularidade da implantação da obra, já que ela interferia no ecossistema da região, foi calorosamente levantado, porém tal discussão não será aprofundada no presente trabalho, pois entendo que não é este o foco da pesquisa aqui proposta - centralizada no estudo das imagens postais e da dinâmica urbana do bairro da Ponta Verde e seu impacto para a cidade de Maceió.

Após sua desativação, a estrutura construída do clube continuou chamando atenção na paisagem, que observava com curiosidade aquele imponente prédio se transformar em ruínas ao sucumbir lentamente em meio às águas que por tanto tempo o fizeram companhia, e que agora castigavam aquele monumento abandonado. Ali o que passou a existir foi a lembrança da obra que, mesmo "desfigurada" dentro daquele retrato fotográfico, permaneceu por anos enquanto um espaço de memórias e, também, de resistência.

Com o clube inativo, sua antiga área passou a ser frequentada por um público variado da cidade, que nunca teve a oportunidade de adentrar o espaço em funcionamento e, em meio às suas ruínas, começou a utilizar o ambiente de forma diversa, seja para fins contemplativos, esportivos ou até mesmo ilícitos. Em sua "decadência" o espaço se renovou naquele momento, transformando-se também em local de resignificação de suas relações, que assumiu novas versões e subversões, dialogando com novos públicos a partir do silêncio que seus escombros carregavam, permitindo novos usos e novas apropriações - um espaço que foi sempre presente, constante, nunca esquecido.

É curioso pensar que décadas após sua fundação, o clube, que se originou sob o princípio do lazer exclusivo da elite, continuou exercendo espontaneamente sua função essencial, sendo que dessa vez de forma democrática, dialogando com públicos mais diversificados. Foi justamente no contexto de um marco em despedida que o Alagoinha se "abriu" e foi resignificado, subvertido a partir de outros usos e de novas necessidades.

Enquanto a desativação do clube e o seu processo de ar-ruinamento foi abrindo espaço para novos encontros, também fez surgir no imaginário maceioense novas ideias sobre o que deveria

dar lugar àquela estrutura. Com o passar do tempo, surgiram diversas propostas, tanto por parte do poder público, como através de trabalhos acadêmicos, e as sugestões transformavam o espaço desde um oceanário, a um centro gastronômico ou a um píer marítimo.

Mais recentemente, no dia 10 de junho de 2022, foi finalmente inaugurada a proposta vencedora e a nova obra com potencial imediato de estampar os cartões postais da cidade, substituindo o protagonismo iniciado pelo antigo clube naquele espaço. O denominado Marco dos Corais, projetado pelo escritório de arquitetura Angeli Leão - e que será adentrado no terceiro capítulo dessa pesquisa -, funciona como um local de encontro contemplativo com o mar, um passeio público que, ao "reutilizar" a base de pilares e o formato do terreno desenhado para o Alagoinha, faz reverência a este primeiro marco, e impacta, de forma instantânea, a dinâmica urbana daquela região - assim como fez o antigo clube.

É, portanto, interessante observar que os escombros que o Alagoinha deixou assumiram novos diálogos com corpos variados, sustentando uma vocação inerente do espaço que vai além do estado físico de suas estruturas, ao mesmo tempo em que permaneceu no centro natural das fotografias midiáticas do bairro e da cidade - características estas, que agora foram renovadas a partir da instalação da nova obra no local.



Portanto, foi em sua "pós vida" que o marco ganhou novas conformações que são aplicadas até hoje - sendo utilizado enquanto cenário fotográfico de noivos prestes a casar, local de eventos culturais, protestos políticos e manifestações artísticas de grupos marginalizados do rap alagoano⁸. Tornou-se, então, palco de histórias excluídas pela lógica original do clube. Espaço transgressor, subversivo, que ressignificou a sua própria imagem midiática e se abriu a novas experiências heterogêneas, plurais e sinceras em sua rotina diária. O que antes era exclusivo da elite, passou então a ser uma extensão da rua e de suas dinâmicas populares. Tornou-se ponto de encontro de camadas sociais que, por tanto tempo, foram afastadas dali; espaço simbólico, icônico, cartão postal que não se apagou, ressurgiu, cujo legado e importância para a imagem da cidade persiste e ainda reverbera. Lugar de renovação.

8 Produção audiovisual "Um depois de vários (PARTE II)", do grupo de rap Família 33 - que hoje soma mais de dois milhões e meio de visualizações: <<https://www.youtube.com/watch?v=XVHqjQPKcyY>>



Foi também no fim da década de 1960, junto com a construção do Alagoinha e a crescente trajetória de popularização do bairro da Ponta Verde, que o cenário do local foi se moldando para o que é visto hoje. Após a ocupação dos seus primeiros loteamentos, o local pouco habitado, remoto e sereno que caracterizava a região em sua formação original, viu-se rapidamente tomado pela especulação imobiliária, que investia na chegada do crescimento vertical que começava a se perpetuar nas cidades brasileiras. O mercado alagoano enxergou na recente "descoberta" da Ponta Verde e no começo da valorização dos bairros litorâneos de Maceió uma oportunidade de lucro e investiu na região, ocasionando o princípio do "boom" de edificações verticais que se observa atualmente no bairro e que pôde ser visto em desenvolvimento ao longo das últimas décadas.

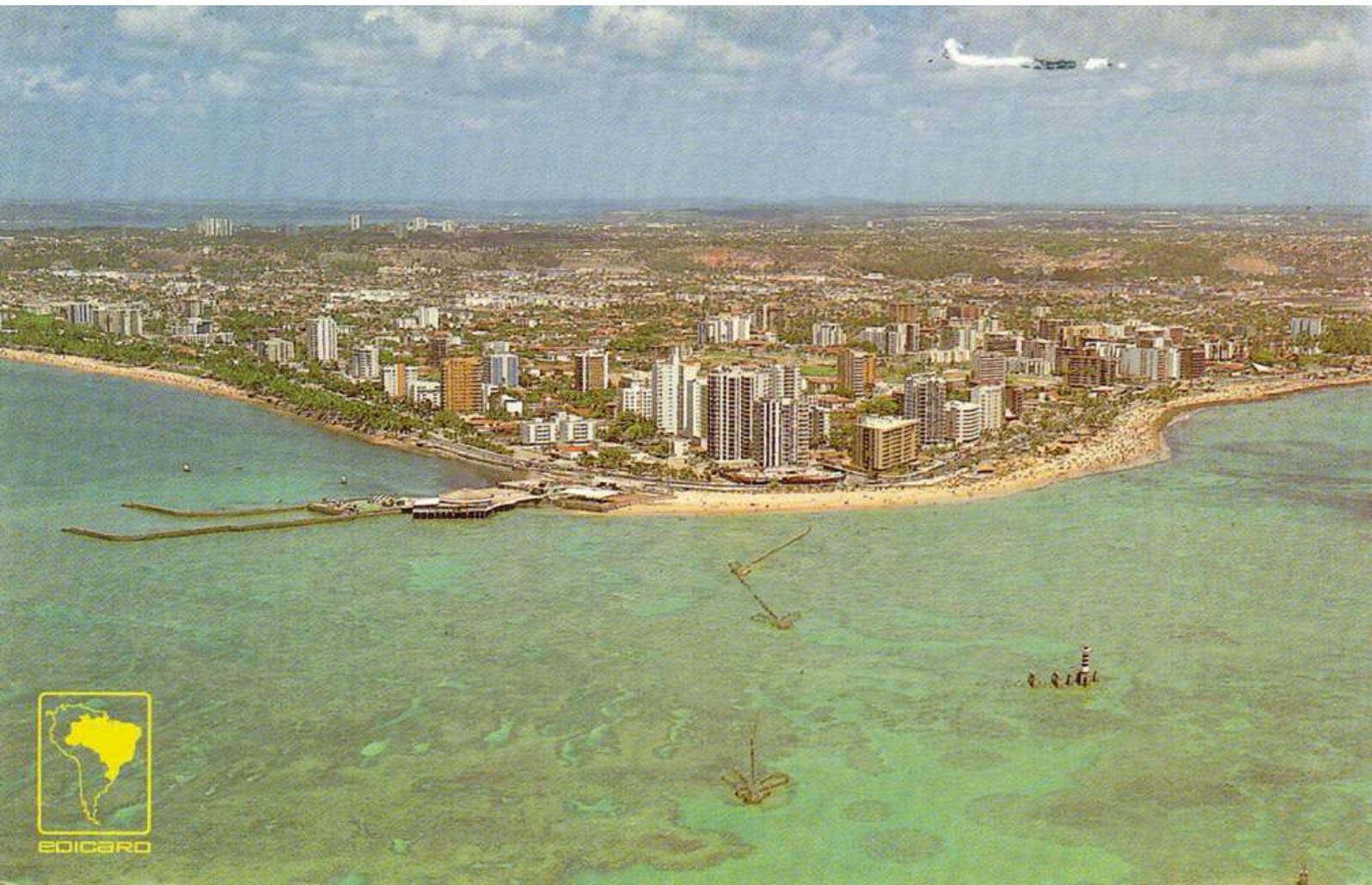
A partir da observação e comparação das fotografias da região, é possível notar que o processo de transformação da paisagem do bairro e o surgimento dos seus primeiros edifícios verticais, teve seu início a partir da sua faixa loteada próxima ao mar, onde antes espaçados sítios de coqueiros se acumulavam. Com o povoamento da Ponta Verde em plena ascensão, foram instalados os primeiros empreendimentos comerciais do local, bares, restaurantes e hotéis passaram a fazer companhia ao clube Alagoinha, trazendo popularidade e reconhecimento turístico ao bairro. Hoje, as poucas residências de família e lotes ainda não ocupados que existem na Ponta Verde possuem alto valor de troca no sistema imobiliário, tornando-se alvos constantes das construtoras e empreiteiras que investem na região.

Em seguida, iniciou-se a extensão da verticalização dos limites praianos do bairro para as suas partes mais internas, consolidando, dessa forma, o seu processo de ocupação e causando impactos concretos na imagem e na dinâmica urbana do local, dando-lhe características mais próximas do que podemos observar atualmente. Hoje, o bairro apresenta um elevado adensamento populacional e, segundo dados do IBGE da última década, mais de 30.000 pessoas residem na Ponta Verde que, a cada ano, recebe um número maior de turistas, influenciados pela sua imagem representativa nas divulgações midiáticas de Maceió. O bairro que, inicialmente, era um sítio pertencente aos domínios da Ponta da Terra, sofreu um processo de expansão dos seus limites, funcio-

nando hoje como um organismo único que se sustenta por si só, enquanto a Ponta da Terra acabou tendo seus domínios "engolidos" pelo crescimento da Ponta Verde - sendo cada vez mais afastada da orla marítima elitizada da capital.

Após terem sido feitas estas considerações, ao prosseguir o estudo imagético do bairro e de seus cartões postais, fica óbvio o foco específico em um ponto singular de sua geografia. O enquadramento, o ângulo, os meios e as épocas, os monumentos e os símbolos se transformam, mudam. Porém, o espaço "anfitrião" que inicia, e ainda abriga, essa história se repete, permanece. E, por isso, faz com que o tratemos como nosso **terceiro marco construtor da imagem** da Ponta Verde.

A Ponta de terra



Foi ali, ao final da década de 1920, que a população alagoana se encantou ao “descobrir” o famoso coqueiro encurvado que contemplava um mar azul esverdeado, compondo a harmonia daquela “paisagem de aquarela” (COSTA, 1995, p.102) que se revelava. Da novidade daquela descoberta, nasceram os primeiros cartões postais de uma nova Maceió - uma cidade que se representava por sua orla marítima. É, com início nesse local, então, que se iniciou a ocupação efetiva do bairro, com uma parcela da sociedade que passou a enxergar naqueles antigos sítios uma nova experiência de vida urbana. Em seguida, na década de 1970, foi de novo ali que uma nova arquitetura se ergueu através do modernista Alagoas Iate Clube, prosseguindo a trajetória de ascensão do local na cidade, que impulsionou a sua imagem como novo cartão postal alagoano, dando visibilidade e popularidade aos terrenos da Ponta Verde, que começava a se estruturar como bairro de fato. Foi

sempre nos arredores da **ponta geográfica**, que batiza o local onde a história aqui contada aconteceu. Também foi lá onde os marcos, que fundaram e confirmaram essa paisagem midiática, se ergueram e mudaram a percepção da cidade sobre si mesma. Portanto, nada mais justo do que tratar este espaço, o pedaço de terra em si, como mais um símbolo construtor da imagem atual da cidade (PEIXOTO, 2016).

Neste pedaço de terra que adentra o mar foi criada uma espécie de relicário turístico, onde tudo que pode fomentar a imagem formulada do bairro e da cidade atual se encontra. Mesmo que hoje só as bases originais de engenharia do "Alagoinha" existam, e o coqueiro Gogó da Ema há muito não esteja ali, o local continua chamando atenção, sobretudo, pelo seu formato natural, espontâneo, e essa parece ser a maneira mais bonita de se destacar. O espaço atrai sem se esforçar, conduzindo os olhares e a presença da população para suas curvas, e desde o início do "descobrimento" do local parece ter sido assim: há, para mim, um sentimento poético, ao observar os retratos do bairro, em diferentes épocas, que foi ali que de fato a Ponta Verde enquanto bairro se iniciou. Olho a ponta de terra fotografada no início da década de 1970 e consigo imaginar sua atração se propagando sobre a civilização, que em pouco tempo passou a ocupar seus arredores como que admirados por aquela peculiaridade geográfica - logo, trazendo o cinza do concreto para aquele cenário, onde antes predominava o verde dos coqueirais.

Tudo permeou e ainda permeia a ponta geográfica e foi por ela que a verticalização do bairro, já comentada nesse texto, teve seu início na década de 1970. Nas fotografias desta época, podemos notar os primeiros edifícios erguidos em meio a lotes ainda desocupados do bairro, inseridos em terrenos que miram de frente o tal marco geográfico. Essa verticalização que atinge a Ponta Verde deixa uma marca muito presente e sentida no retrato da cidade atual, afetando de maneira permanente a sua paisagem. Observar que ela também teve início nas proximidades da "ponta", como se os edifícios ali construídos contemplassem a singularidade natural do local e de seus primeiros ícones, tem um valor simbólico muito forte para mim, e confirma o papel importante que esse marco desempenha na construção imagética do bairro.

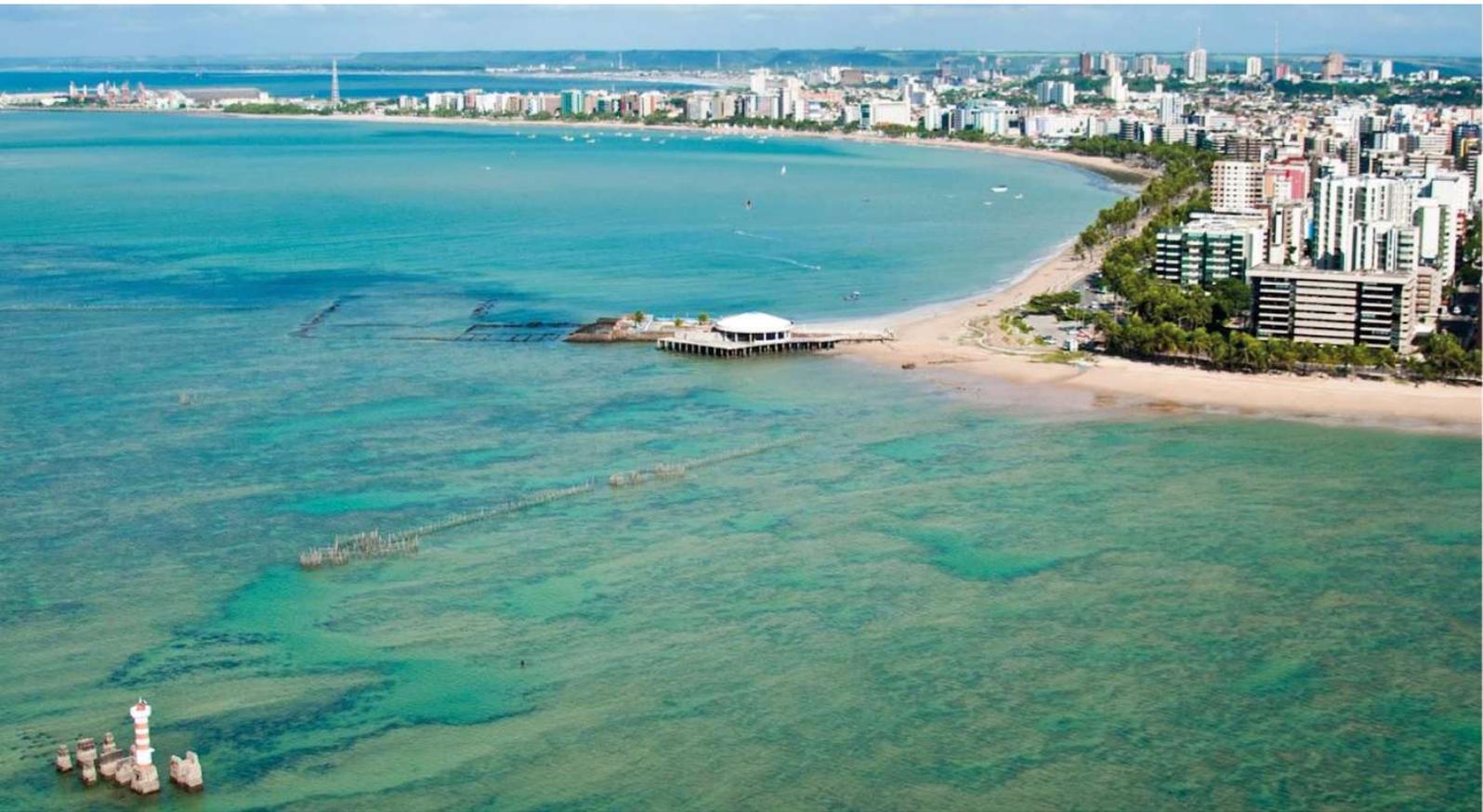


Com algum esforço interpretativo - e mais um pouco de poesia no olhar -, ao analisar as fotografias da "ponta", ouso imaginar o início da descoberta daquele pedaço geográfico, vejo as curvas improváveis do gogó da ema se destacando no local, visualizo a sua triste queda e a comoção ao seu redor. Consigo imaginar a construção do Alagoinha e a curiosidade despertada na população que já começava a habitar a área. Com um pouco mais de interpretação das imagens do trecho e com a compreensão da sua importância enquanto símbolo, começo a refletir que tudo se origina da Ponta, e acredito que essa sensação de fascínio também salte ao olhar do turista mais sensível que, ao buscar imagens de Maceió, depara-se com inúmeros retratos desse espaço em foco, atrai-se por ele de maneira espontânea e passa a imaginar uma cidade que se constrói a partir desse ponto. E realmente, entendo que é assim. É por ela que a imagem turística da Maceió atual se forma, e é por ela que a cidade se reduz, ao mesmo tempo em que se divulga.

A ponta de terra se comporta como um marco anfitrião, um ícone que também construiu a imagem e a história da cidade. Um marco que, assim como o Gogó da Ema, a natureza ofertou e é, talvez, o mais atraente entre eles.

Figura 21 - Marcos imagéticos do bairro, anos 90. Fonte: Busca no Google Imagens.

Figura 22 - O Farol da Ponta Verde no início dos anos 60. Fonte: Acervo de Japson de Almeida



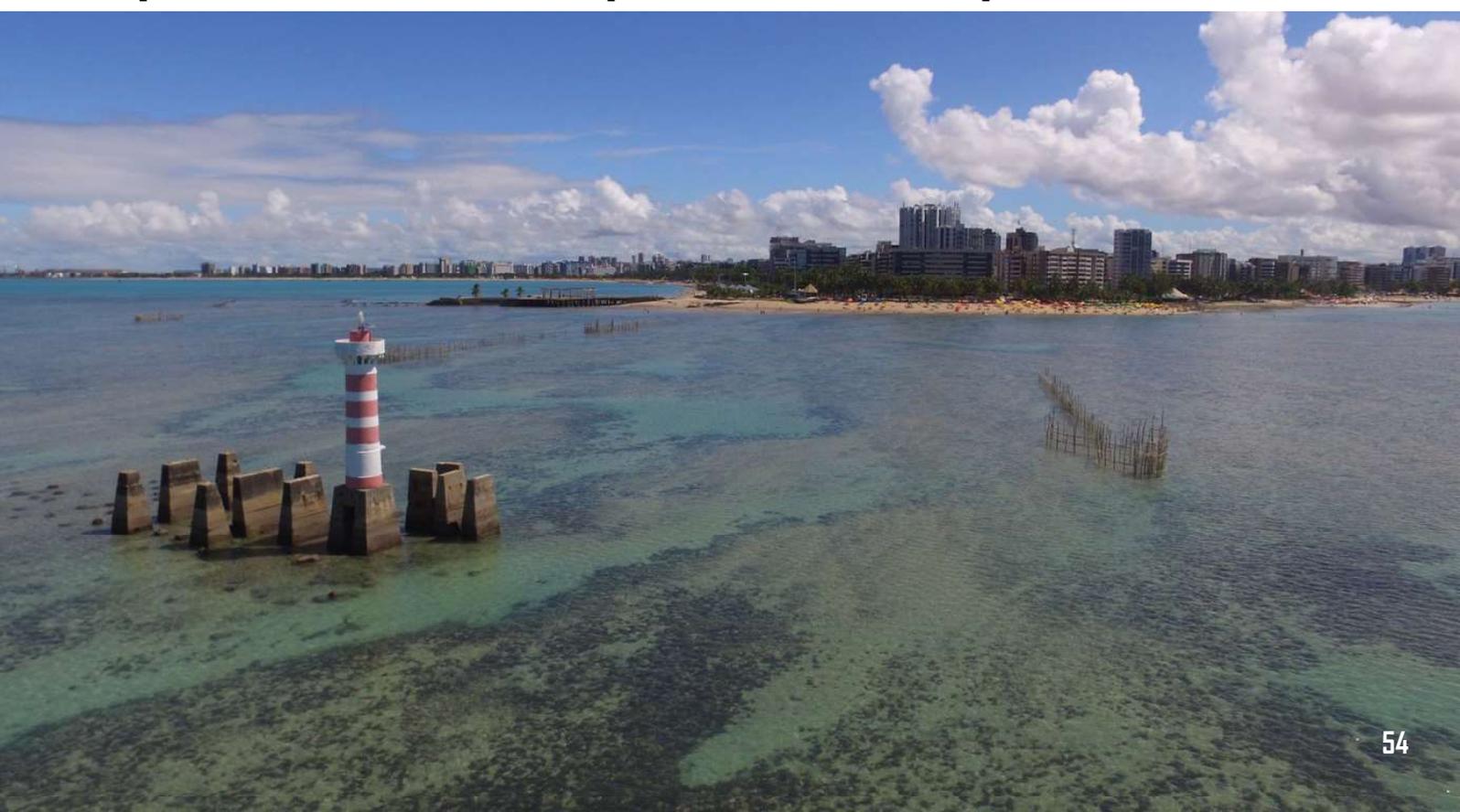
Podemos ainda citar alguns outros elementos próximos ao trecho em estudo que se destacam dentro do cartão postal da cidade, como o farol da Ponta Verde e o totem Eu Amo Maceió. São obras que ajudaram a construir o relicário imagético que o bairro abriga, sobretudo esse recorte específico de sua orla. Aqui não os trato enquanto marcos principais da imagem do bairro, por entender que seus papéis foram sempre de coadjuvantes nesse cenário, mas há, sem dúvidas, muito deles na formação da paisagem que hoje se divulga de Maceió.



O Farol, erguido em 1949 justamente em frente à ponta de terra geográfica do bairro, tem hoje sua imagem colorida, de vermelho e branco, bem marcada na paisagem da cidade, podendo ser visto (focalizado ou não) em grande parte das fotografias que divulgam Maceió na internet. Quando construído foi ofuscado pela fama do Gogó da Ema que ainda reinava soberano naquele espaço, podendo ser vistos juntos em fotografias da época – o coqueiro centralizado, protagonista do retrato, e o farol atrás, tímido em seu papel de coadjuvante. Um pouco depois, quando o coqueiro já havia se extinguido, o farol se manteve em cena, porém dessa vez “engolido” pelo popular Alagoinha, que encantava a cidade com a novidade de sua arquitetura modernista e dominava os cartões postais da capital.

Hoje, sem a presença plena desses dois marcos, o Farol continua em pé, seu nome e posicionamento é referência geográfica da orla marítima da cidade, que aos fins de semana se vê tomada por banhistas que se bronzeiam em sua praia de águas calmas, enquanto admiram aquele monumento colorido finalmente erguer sua marca na paisagem da cidade, contracenando uma interação de valorização mútua agora entre ele, o novo Marco dos Corais e a Ponta de Terra – último marco imagético inicial que ainda resta no espaço.

Já o totem Eu Amo Maceió, instalado em dezembro de 2014 como parte de uma iniciativa da prefeitura da cidade que comemorava o



aniversário de 200 anos da capital, vem se tornando uma parada obrigatória para fotografias de quem visita Maceió, atingindo rapidamente um status de marco imagético recente da orla da Ponta Verde.

Mais uma vez, o local escolhido para que o novo ícone fosse inserido foi justamente o da área próxima aos seus antigos marcos. Localizado quase no início da Av. Silvio Carlos Vianna, o totem faz vizinhança de poucos metros com o espaço do antigo "Alagoinha" e atual Marco dos Corais; com a praça que sintetiza a memória e homenageia o coqueiro Gogó da Ema; com a ponta geográfica que nomeia o bairro; e contempla o mesmo trecho marítimo que hoje o farol da Ponta Verde impera - proximidades que, para mim, confirmam a vocação imagética que esse espaço em estudo confere à identidade turística da Maceió atual.

Enfim, por se tratar de um elemento ainda recente, íntegro, e apelativamente atraente às lentes fotográficas, é bem importante para essa pesquisa notar o impacto que o totem, e algumas outras obras recém inseridas nesse espaço, causam na dinâmica urbana diária da avenida. Noto que, por ali, os carros atingem um ritmo mais desacelerado e o fluxo de pessoas que se acumulam no calçadão se intensifica, assim como a quantidade de ambulantes e carrinhos de comércio variado que se fixam no local - assuntos que serão melhor analisados e aprofundados nos capítulos seguintes desta pesquisa.



Apresentados então, estes elementos acerca da construção da imagem postal de Maceió, deve-se também, perceber e contextualizar o comportamento da sociedade onde o bairro e a cidade estão inseridos. Aqui retomamos o pensamento de Vainer (2007), a fim de esclarecer alguns fundamentos que incentivaram a utilização massiva da imagem da Ponta Verde como símbolo turístico da cidade de Maceió. Entende-se que no capitalismo vigente, a cidade é uma mercadoria a ser vendida dentro de um mercado extremamente competitivo, e por se tratar de um produto de notável complexidade, deve estudar seus consumidores para direcionar seu "estilo" de venda, feita segundo atributos específicos que constituem insumos valorizados pelo capital transnacional (VAINER, 2007).

Maceió não foge desse conceito, basta perceber a forma como ela é divulgada para entender que há uma tentativa de oferecer a cidade para uma clientela específica, interessada na ideia de "refúgio" e "paraíso urbano", enfatizadas por suas imagens divulgadas. Um local onde a civilização é cercada pela natureza e dialoga em perfeita sintonia com ela. Em contrapartida, também podemos concluir que muito do foco que a Ponta Verde vem recebendo desde seu "descobrimento", se explica através da sua própria trajetória. A forma como a história do bairro se desenvolveu favorece a construção, e consolidação, da sua paisagem na constante presença imagética que vemos hoje.

A imersão na construção desse retrato, aqui realizada, é indispensável na busca pela compreensão do significado que ele possui. Entendo que o "aparecimento" de tais marcos nos domínios da Ponta Verde serve como um ponto de partida crucial para a sua descoberta, e também funciona como instrumento propulsor da atual ocupação da região litorânea da cidade. Analisando por esta perspectiva, há de se achar curioso o fato de ter sido a natureza, pelos chamados do Gogó da Ema, quem iniciou esse "avanço" na capital e, conseqüentemente, sua reconstrução imagética. Mesmo quando o marco que se destacava no local era a singularidade edificada do "Alagoinha", havia uma interação charmosa com as águas do mar ali, quase como se a natureza permitisse que a obra humana a fizesse companhia, abrilhantando juntas a imagem poética que ali estava se firmando. E, em todo momento, a peculiaridade natural da geografia do local se fez presente. A ponta de terra sempre esteve ali, permitindo se revelar aos poucos,

administrando de forma paciente a paisagem que se formava e usando seu "poder de atração" para trazer a cidade para aquele terreno - enquanto novos marcos continuam surgindo ao seu redor, confirmando a atração imagética do espaço e alterando a dinâmica urbana da capital.

Não há, portanto, como contar a história que nos leva a formação da Maceió atual sem trilhar pelos caminhos da construção da imagem do bairro da Ponta Verde, sua importância é evidente. É dentro dessa narrativa que os marcos construtores iniciais, aqui dissecados, concluem sua função. Mesmo "silenciados" em sua presença física - seja por ações invasivas de empresas petroleiras, interesses econômicos ou descuidos administrativos -, eles continuam espalhando suas "vozes" pela cidade através da constante lembrança da população sobre suas histórias e, sobretudo, suas imagens. E se hoje a identidade de Maceió está vinculada à praias e belezas naturais, parece razoável que seja esse sedutor retrato, desse icônico relicário, o cartão postal principal dessa "nova" cidade que se revela.



Capítulo 2

(Des)
Construindo
O Cartão Postal

Após esse primeiro momento de contextualização histórica do nosso espaço em estudo, onde adentramos sua paisagem desde seus tempos mais remotos, buscando entender a excitação inicial do descobrimento desse território, a importância dos marcos imagéticos em seu desenvolvimento e o impacto que sua imagem exerce sobre a cidade atual, iremos agora, aqui neste segundo capítulo, prosseguir com o processo de observação e interpretação dos cartões postais da cidade de Maceió. Através de um exercício comparativo entre o que já foi focalizado nos retratos postais da Maceió do início do século XX e o que se divulga sobre a capital hoje - dentro do seu formato tradicional, físico, de cartão postal, e nas imagens midiáticas promovidas nos meios virtuais da cidade -, busco contribuir para o entendimento da trajetória que a construção coletiva da imagem atual de Maceió percorreu - e o destaque da Ponta Verde nesse processo.

Aqui é importante pontuar que esse capítulo funciona como uma etapa de transição dentro deste trabalho. O intuito não é o do esgotamento do assunto. O que se pretende agora é complementar a conversa iniciada na primeira parte dessa pesquisa, visando ilustrar e contextualizar a temática das imagens midiáticas fabricadas sobre a cidade, e as motivações de seus enfoques em



diferentes épocas da nossa história - assunto que integra o mote inicial deste trabalho, e segue permeando os capítulos e conclusões seguintes.

Para isso, esse texto não busca ineditismos em seus resultados e avaliações, pelo contrário, a intenção é que, a partir do resgate de pesquisas já realizadas dentro desta perspectiva, possamos dar seguimento e embasamento ao estudo da imagem da Ponta Verde que aqui vem sendo praticado. Dessa forma, escolhi revisitar o trabalho realizado pela Prof. Dra. Fátima Campello, que ao longo de sua trajetória acadêmica vem contribuindo grandemente para o entendimento da construção da imagem coletiva de Maceió, assim como para a catalogação e reconhecimento, enquanto documento histórico, de seus cartões postais fabricados.

Em seu artigo intitulado "**Cartões Postais: entre as práticas visuais e a conservação do patrimônio urbano**"⁹, publicado em 2018 na revista Urbana, a pesquisadora elabora um exercício interessante e necessário a este assunto. Ao propor um comparativo entre duas séries de cartões-postais que tematizam a cidade de Maceió - sendo uma do início do século XX e outra atual -, o estudo, além de ressaltar a fotografia em seu potencial de entrelaçamento entre a cultura visual e a conservação do patrimônio cultural do local, identifica também mudanças e permanências na valorização de marcos paisagísticos da capital. Com isso, levanta hipóteses acerca das transformações nos modos de ver e representar a cidade, bem como as motivações que carregam essas mudanças - debate de extrema relevância dentro dessa minha atual pesquisa.

Entende-se aqui, que é através da troca de olhares promovida pela fotografia postal - formulada a partir da percepção do fotógrafo que enquadra determinado cenário, da visão crítica do editor que vai "recortar" e diagramar os cartões para divulgação, e pela sensibilidade do olhar do público que interpreta e espalha tais produtos -, que se constrói um olhar coletivo sobre

9 CAMPELLO, M. de F. de M. B.; CABRAL, R. C.; DUARTE, J. F.; SILVA, T. de O. Cartões-postais: entre as práticas visuais e a conservação do patrimônio urbano. URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade. Campinas, SP, v. 9, n. 3, p. 659-676, 2018. DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648846.

Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8648846>.

Acesso em: 19 maio. 2022.

a cidade, que vai elevar os marcos paisagísticos ali retratados à condição de monumentos culturais da mesma.

Depositários que são do olhar coletivo explicitado na escolha das edificações e logradouros mais significativos da cidade para a época, os cartões-postais dão subsídios, com as fotografias que se imprimem em seus suportes cartonados, para que se identifiquem os modos de ver a cidade (CAMPELLO et al., 2018, p. 661)

Para dar seguimento à prática proposta no artigo, as pesquisadoras selecionaram 24 imagens do fotógrafo maceioense Luís Lavenère, editadas em formato de cartão postal no ano de 1911, que foram postas em comparação, em um primeiro momento, com uma série de 56 cartões postais atuais, editados pela marca Brasil Turístico, e que se encontravam em circulação na cidade, à venda em seus principais pontos turísticos. Em um segundo momento da pesquisa, novas fotografias foram retiradas pelo grupo, emulando os mesmos ângulos, coordenadas e enquadramentos utilizados por Lavenère naqueles primeiros postais, a fim de retratar o mesmo marco paisagístico e entender as continuidades, descontinuidades e diferenças de percepção que a distância temporal trouxe àquela paisagem.

Ao identificar os modos de ver a cidade nessa série de cartões-postais, propomo-nos a compará-los com os modos de vê-la hoje, entendendo que eles dão subsídios para se pensar práticas visuais no passado e no presente e para se perguntar quando e porque esses bens são fotografados isoladamente ou em meio ao seu contexto (CAMPELLO et al., 2018, p. 663)

Para o desenvolvimento deste capítulo, também se mostrou necessária a busca por ainda mais novos cartões postais da cidade, que foram adquiridos por mim em bancas de jornal e feiras de artesanato nos centros mais turísticos da orla marítima de Maceió, a fim de complementar e, de certa forma, confrontar as interpretações coletadas na dinâmica proposta por Campello (2018). É importante pontuar que houve certa dificuldade em encontrar novos cartões postais físicos em circulação na cidade, que vem sendo promovida, cada vez mais, através das imagens midiáticas dos meios virtuais atuais. Além dos poucos pontos de venda que ainda comercializam tais retratos, a variedade das fotografias neste formato é bem escassa, apresentando um cenário e uma construção imagética repetitiva - quase sempre focada na orla marítima da capital, centralizando ao longe o seu ponto

mais divulgado atualmente: os prédios a beira-mar da Ponta Verde ou a ponta geográfica que adentra o mar da sua região. Contudo, foram coletados ao todo 12 distintos cartões postais que ainda circulam na cidade, dentre estes: 9 cartões retratam a orla marítima de Maceió e apenas 3 enquadram seus prédios públicos do centro e seu entorno urbano. Todos eles se encontram sem data aparente e foram editados pela Brasil Turístico e distribuídos pela Assistel Turismo Distribuidora - informações que constam em seus versos.

2.1 - A leitura dos cartões postais

Pois bem. À primeira vista, é interessante notar, neste exercício comparativo, a clara mudança de enfoque nos cenários propostos para divulgação - tema já citado nesta dissertação. Dentro da distância de, mais ou menos, um século que separa os cartões postais analisados, percebe-se um redirecionamento expressivo, que vai do foco em agrupamentos urbanos às paisagens naturais - talvez, por uma consequência do avanço das discussões atuais sobre a crise ambiental mundial, que transformou a presença da natureza em um produto, uma mercadoria a ser valorizada pelo turismo nacional. Com isso, onde antes se focalizava os edifícios comerciais de Maceió, os prédios de órgãos da prefeitura, praças públicas e igrejas, agora passamos a enxergar basicamente um único cenário, que evoca o sentimento de uma cidade paradisíaca a partir de sua orla marítima, onde a presença do concreto da civilização dialoga sutilmente com o colorido das belezas naturais ali enquadradas (VASCONCELOS, 2017).

Sobre os diferentes conceitos contemporâneos de paraíso e seu emprego midiático que conseguimos abstrair dos mais recentes cartões postais, a arquiteta Pedriane Dantas, em sua dissertação de mestrado "Destino da Ilha Sob a Mira do Éden: Fernando de Noronha no percurso do tempo" (2009), detalha que o turismo procura, hoje, pelo tempo livre das pessoas e vive de oferecer e vender lugares através de sua linguagem mais persuasiva: a imagem. O "paraíso", segundo a autora, geralmente é retratado por essa indústria através de imagens aéreas, focadas nos atributos naturais e singularidades do local, que contrastam com o estresse da vida urbana comum, induzindo o observador a acreditar na promessa de um "quase" isolamento sagrado e harmonioso que a imagem provoca, o convencendo da necessidade de se estar nesse espaço e o seduzindo a se julgar merecedor do "acesso" a esse local.

Figura 26 – Série de cartões postais de Lavenère, 1911. Editado por Campello. Fonte: Jamil Abib, Elysio de Oliveira Belchior, Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e Josebias Bandeira Oliveira.



Asylo Santa Leopoldina



Bebedouro



Bôca de Maceió



Cathedral e Pharol



Estação da Great Western



Estatua de D. Pedro II



Intendencia Municipal



Levada



Palacio do Governo



Ponte de Embarque



Praça da Cathedral



Praça Euclides Malta



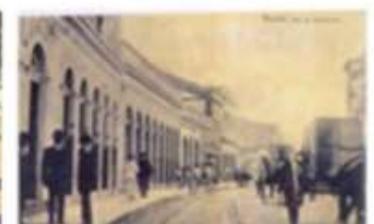
Quartel da Policia



Recebedoria Central



Rua Augusta



Rua do Commercio



Chegada em Palacio, Recepção Dr. Affonso Penna



Escola Normal



Mercado Público



Paço episcopal



Praça dos Martyrios



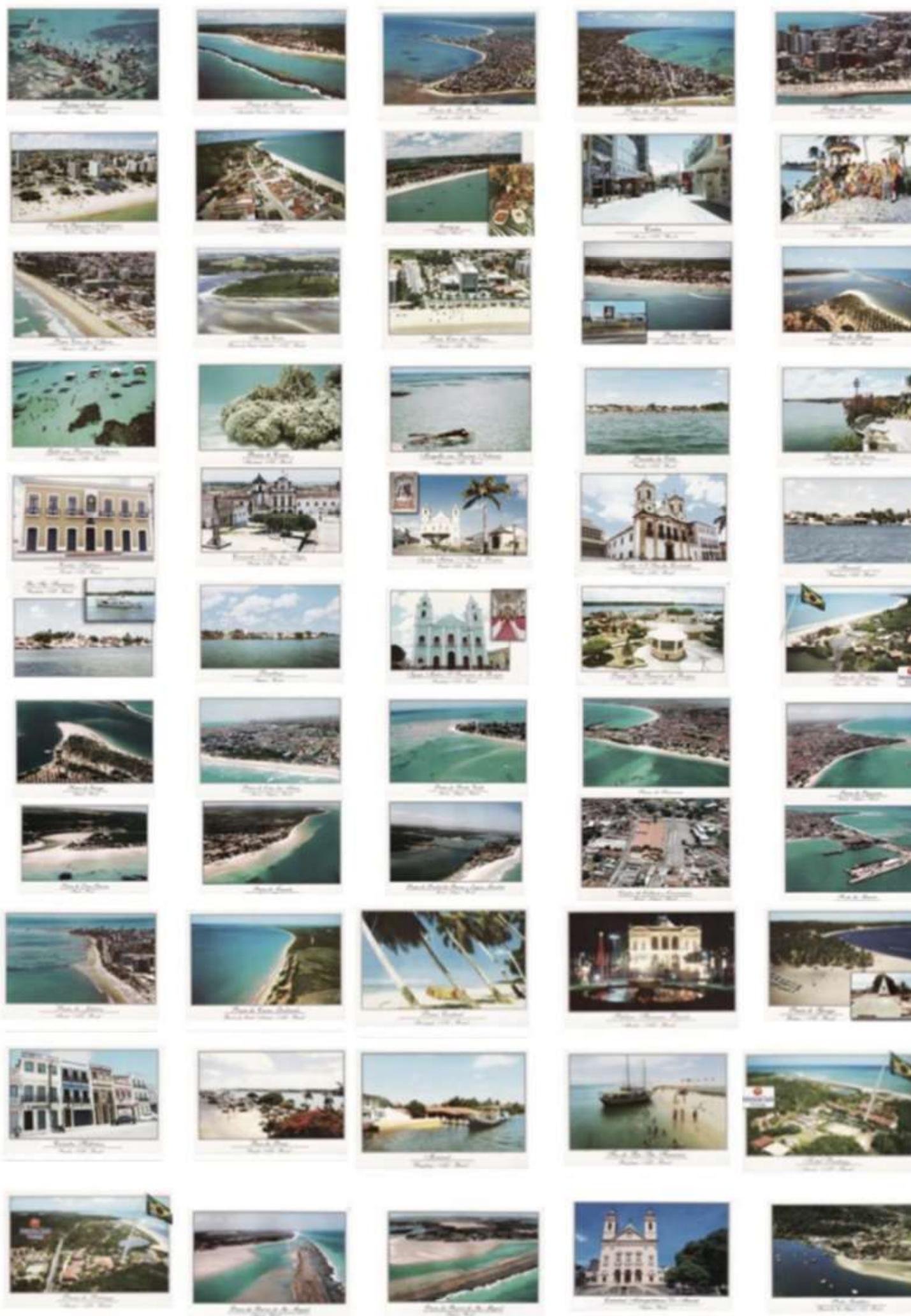
Praça Wanderley de Mendonça



Thesouro e Congresso



Trapiche da Barra



Aqui também é interessante notar as regiões da cidade destacadas nesses cartões. Enquanto nas imagens de Lavenère, os bairros da "parte alta" da capital - como o Bebedouro e Pharol - protagonizavam os retratos da cidade, o que vemos no século seguinte é um contraste geográfico imenso, onde estes bairros são geralmente esquecidos pelas lentes de Maceió, que centraliza, quase que exclusivamente, sua atenção a alguns poucos bairros do mar da cidade - Pajuçara, Jatiúca, Cruz das Almas e, principalmente, Ponta Verde. São bairros que no primeiro material analisado ainda não haviam despertado o apelo público para eles - inclusive, sendo alguns deles ainda não loteados enquanto bairro de fato -, e que hoje dominam a construção imagética de Maceió, que vira as costas e "esconde" cada vez mais as regiões que um dia estampou seus retratos.

Percebemos, ao compararmos a série de cartões-postais de 1911 e a série atual, que na época de Lavenère é a própria cidade que seduz o olhar, tanto o dos moradores quanto o dos visitantes. Hoje, a imagem veiculada pelos cartões-postais é de uma cidade apreciada mais por suas belezas naturais e por seu vínculo com o mar (CAMPELLO et. al, 2018, p. 667)

Nota-se, também, nas buscas pelos contrastes entre as duas séries, a diferença artística entre as fotografias impressas - que reflete bastante a distância entre as sociedades cujos retratos foram construídos. Através do trabalho de Lavenère, podemos adentrar uma cidade em desenvolvimento ao seu lado, percorrendo suas ruas e praças de forma mais íntima, sensível e pessoal, enquadrando cenas, muitas vezes cotidianas, que o chamem a atenção. O colorido, inserido manualmente nessa época, é suave, sutil, de forma que dialoga esteticamente com o cenário singelo capturado, sem se tornar invasivo ou apelativo. A impressão que chega ao observador é que tais retratos foram criados também para promover a cidade nacionalmente, mas não só para isso: serviam, igualmente, de *souvenir* ao cidadão maceioense animado com sua terra que crescia, e desejava conhecer melhor sua própria região.

É uma experimentação visual circunscrita à cidade e seus arredores a que Lavenère propõe em sua série de 24 imagens. Bebedouro, Levada e Trapiche são os limites máximos até onde se estende seu olhar. O mar não direciona as lentes de sua câmera e, nessa série, não toma parte da cidade [...] São pequenos quadros o que bus-

ca encontrar no seu percurso, recortes da paisagem esteticamente compostos. Ao se deparar com cada um deles, ele para e congela a cena naquele instante, transformando a cidade em arte. (CAMPELLO et. al, 2018, p. 664)



Já nos cartões desenvolvidos pela Brasil Turismo observamos uma paisagem impessoal, uma cidade distante, que quase não se adentra e, como já dissemos, é geralmente vista do alto - clicadas a partir do auxílio tecnológico de um avião, helicóptero ou drone. As cores são intensas, e parecem saturadas digitalmente para compor um cenário cada vez mais apelativo, onde a enxurrada de informação visual transborda e anestesia o olhar do público sobre aquele espaço excessivamente colorido - harmonizado superficialmente para cumprir uma demanda do mercado turístico vigente, que busca um local paradisíaco em meio à civilização.

O fotógrafo aqui parece não criar uma relação individual com o local retratado, transparecendo uma certa objetividade profissional "genérica" que se reflete nos ângulos escolhidos para a sua captura - resultando em uma fotografia emocionalmente "fria", calculada para atingir uma clientela específica virtual e, exclusivamente, turística. A sensação que me chega é a de que os postais construídos por Lavenère expressam o "olhar de um re-

sidente” que busca apresentar nacionalmente os encantos cotidianos do seu lugar familiar, enquanto o que encontramos nos cartões mais atuais é um contraste dessa experiência, pois a vista representada parece ser a de um “olhar do turista” que, em geral, desconhece as sutilezas e contextos diários que o local de sua visita carrega e, talvez por isso, o retrata da forma superficial e distanciada que observamos agora (URRY, 2001).

Sobre os ângulos escolhidos - e seus reflexos no modo de ver a cidade -, podemos notar uma clara distinção entre os cartões. Na série de fotografias de Lavenère, vê-se a preferência pelo uso das vistas pontuais e parciais dos marcos paisagísticos retratados, respectivamente trazendo o foco principal para um único objeto no retrato ou aproximados de pequenos conjuntos urbanos no enquadramento, seja para destacar os edifícios públicos mais recentes na cidade, as praças urbanizadas em ascensão à época, ou cenas do cotidiano das ruas do centro da capital, que se encontrava em plena atividade. Podemos entender esse tipo de abordagem fotográfica como um recurso para realçar uma cidade em desenvolvimento, onde os monumentos escolhidos para enfoque se sobressaem ao serem retratados junto com seu entorno urbano de casarios e praças fronteiriças, ou mesmo quando centralizados isoladamente dentro de um recorte imagético, ressaltando o detalhamento de seus adornos e a imponência estrutural da obra.

Em contraponto, na série de cartões postais atuais o que vemos, geralmente, são inversões no modo de ver a paisagem da cidade. Alguns monumentos continuam sendo retratados, confirmando a sua importância enquanto marco paisagístico de Maceió, mas o ângulo por onde se captura sua presença se modificou. É o caso da Catedral Metropolitana de Maceió - Paróquia Nossa Senhora dos Prazeres. Capturada por Lavenère por uma vista panorâmica - onde sua imponência era registrada cercada por um conjunto de pequenos casarios -, hoje ela continua protagonizando os cartões postais encontrados, porém a partir de uma vista pontual, que a enquadra isoladamente no retrato, ou sob uma nova perspectiva panorâmica aérea - ângulo massivamente utilizado nos novos cartões encontrados -, que, ao utilizar o recurso dos drones ou helicópteros para fotografar o monumento, se distancia ainda mais do objeto e, conseqüentemente, da cidade, dando visibilidade a um entorno urbano denso e confuso, dentro de um enquadramento que podemos

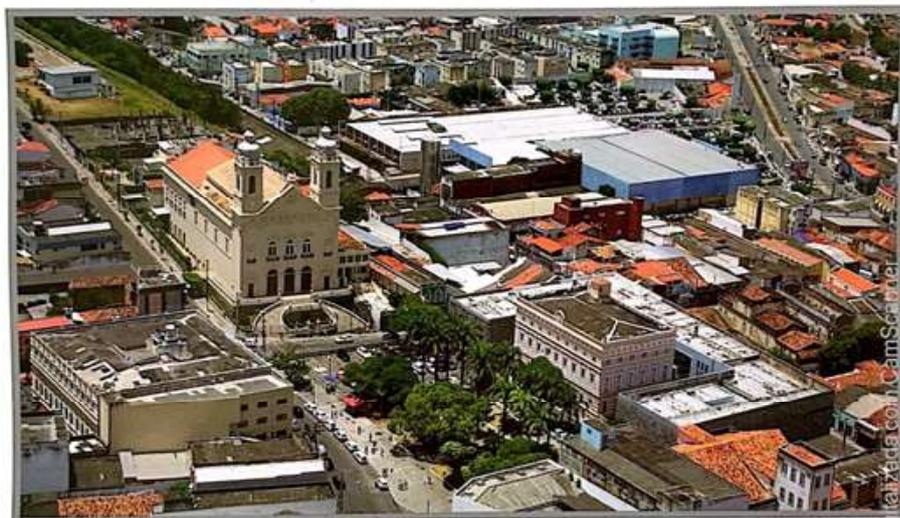
Figura 29- Catedral Metropolitana de Maceió. Fonte: Acervo Jamil Abib.

Figura 30- Catedral Metropolitana de Maceió em novo cartão postal. Fonte: Acervo Campello.

Figura 31- Catedral Metropolitana de Maceió em vista panorâmica aérea. Fonte: Acervo Igor Peixoto



Catedral Metropolitana De Maceió
Alagoas - Brasil



Igreja de N. Sra. dos Prazeres
Maceió - Alagoas - Brasil

Figura 32 - Palácio do governo em vista pontual de Lavenère. Fonte: Acervo Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

Figura 33 - Palácio do governo em dia de festividade. Lavenère. Fonte: Acervo Jamil Abib.

Figura 34 - Palácio do governo centralizado em vista aérea recente. Fonte: Acervo Igor Peixoto

entender como genérico.

O mesmo acontece com o Palácio do Governo, capturado por Lavenère sob uma vista pontual em duas ocasiões: de forma a mostrar sua edificação isolada dentro da praça dos martírios, onde se localiza o edifício, e em uma situação de festividade, com o entorno abarrotado pelo público, na ocasião da recepção do presidente Affonso Pena no palácio - enfatizando, mais uma vez, o uso de uma cena cotidiana enquanto marco paisagístico da cidade. Hoje, o cartão postal mais recorrente por onde enxergamos este prédio, utiliza mais uma vez o recurso da vista panorâmica aérea, observando com impessoalidade o monumento e o cenário que o contorna.



Praça dos Martírios
Maceió - Alagoas - Brasil

Desse modo, apesar de perceber o papel influente que o mercado tem na política pública sobre o turismo aplicado nas cidades atuais, entendo que é difícil estabelecer de forma específica as motivações por trás das mudanças que observamos no modo de ver e retratar midiaticamente a Maceió que hoje estampa tais postais. Para isso, uma pesquisa mais aprofundada sobre o assunto seria necessária, onde os fotógrafos e editores desses produtos precisariam ser ouvidos, para que nossas hipóteses pudessem ser confirmadas - exercício difícil de ser realizado com o material que temos, visto que, ao contrário da maioria dos cartões postais mais antigos, os atuais não nos fornece informações exatas acerca dos fotógrafos e datas de tais retratos, confirmando mais uma vez o caráter pessoal e, puramente, mercadológico que essa prática tomou (CAMPELLO et al., 2018; VASCONCELOS, 2017).

No entanto, o que pretendo pontuar, a partir do exercício de interpretação das imagens, é a mudança no olhar sobre a cidade que os cartões atuais nos mostram. Seja pela falta de manutenção de alguns monumentos públicos, pela falta de integridade dos conjuntos urbanos, ou mesmo pelo redirecionamento do mercado turístico entre cidades. O fato nítido é que houve uma transformação na forma padrão de capturar a cidade e seus marcos, exigindo do fotógrafo uma distância maior sobre a cidade representada, que passa a ser frequentemente capturada a partir de seus monumentos isolados em vistas pontuais ou, em maior número, por meio das genéricas e afastadas vistas panorâmicas aéreas.

Os edifícios fotografados permanecem, em sua materialidade, na cidade contemporânea, mas não podem mais ser captados pelas lentes como antes. Essa realidade fala tanto da cidade que temos, como da cidade que desejamos mostrar em nossos postais, como fala, ainda, de bens culturais que perdem elementos extrínsecos indissociáveis a eles, como seu contexto. A cidade se modifica e modifica a forma como nosso corpo e olho se posiciona em relação a esses bens. (CAMPELLO et. al, 2018, p. 674)

Aqui é muito importante frisar que, tanto nas imagens catalogadas no artigo da Prof. Dra. Fátima Campello quanto nos novos materiais recolhidos para este capítulo, a imensa maioria dos cartões que circulam para comercialização na cidade, apresentam Maceió sob esta mesma vista panorâmica aérea. Pouco resta da cultura que enxergávamos nos primeiros registros de cartões postais: onde parecíamos desbravar a cidade juntamente com a fi-

gura do observador-fotógrafo que, se postando em belvederes ou mesmo no nível do chão, buscava nos mostrar os monumentos mais emblemáticos e as cenas cotidianas de uma capital em plena atividade. Este modo de ver a cidade não se percebe mais. Em seu lugar, ganha força as vistas “duras” e pontuais de alguns poucos monumentos retratados isoladamente do seu entorno, que são acrescidos por uma série de fotografias aéreas dos mesmos, geralmente capturadas através de drones que priorizam uma cultura, de certa forma, “universal” e “estrangeira” de se olhar a malha urbana.

Será isso um indício de que as cidades que preferimos consumir nos cartões-postais não se prestam mais a um olhar de conjunto que não seja tirado a partir de aviões ou por drones? (CAMPELLO et al., 2018)



Praia da Jatiúca
(Brasil - Alagoas - Brasil)



Av. Alagoas Oliveira
(Brasil - Alagoas - Brasil)



Praia da Ponta Verde
(Brasil - Alagoas - Brasil)



Praia de Coroa das Almas
(Brasil - Alagoas - Brasil)



Praia da Pajuçara
(Brasil - Alagoas - Brasil)



Praia da Ponta Verde
(Brasil - Alagoas - Brasil)



Praia da Jatiúca
(Brasil - Alagoas - Brasil)



Praia da Ponta Verde
(Brasil - Alagoas - Brasil)



Praia da Jatiúca
(Brasil - Alagoas - Brasil)

Figura 36 – A imagem por onde Maceió se divulga nas mídias sociais. Edição Igor Peixoto. Fonte: Instagram e site da prefeitura de Maceió, 2022.



Esta percepção, concebida neste capítulo a partir da leitura do formato mais tradicional de cartões postais, fica ainda mais evidente quando analisamos as versões virtuais deste recurso. O que se enxerga nas imagens midiáticas, que divulgam Maceió para o formato “instagramável” das redes sociais, é uma cidade, de certa forma, caricata. Retratada quase sempre a partir dos padronizados ângulos aéreos, avistamos, distanciadamente, uma cidade-produto, recortada por sua orla marítima mais apelativa – a do bairro da Ponta Verde – que reduz Maceió a um fragmento hegemônico de seu espaço, a fim de atender objetivamente as demandas do mercado turístico nacional. Assim, alcunhas típicas deste mercado, como “Caribe Brasileiro” e “Paraíso das Águas”, são atreladas a capital que passa a observar sua imagem coletiva ser construída, agora, a partir deste molde – genérico, afastado e superficial.

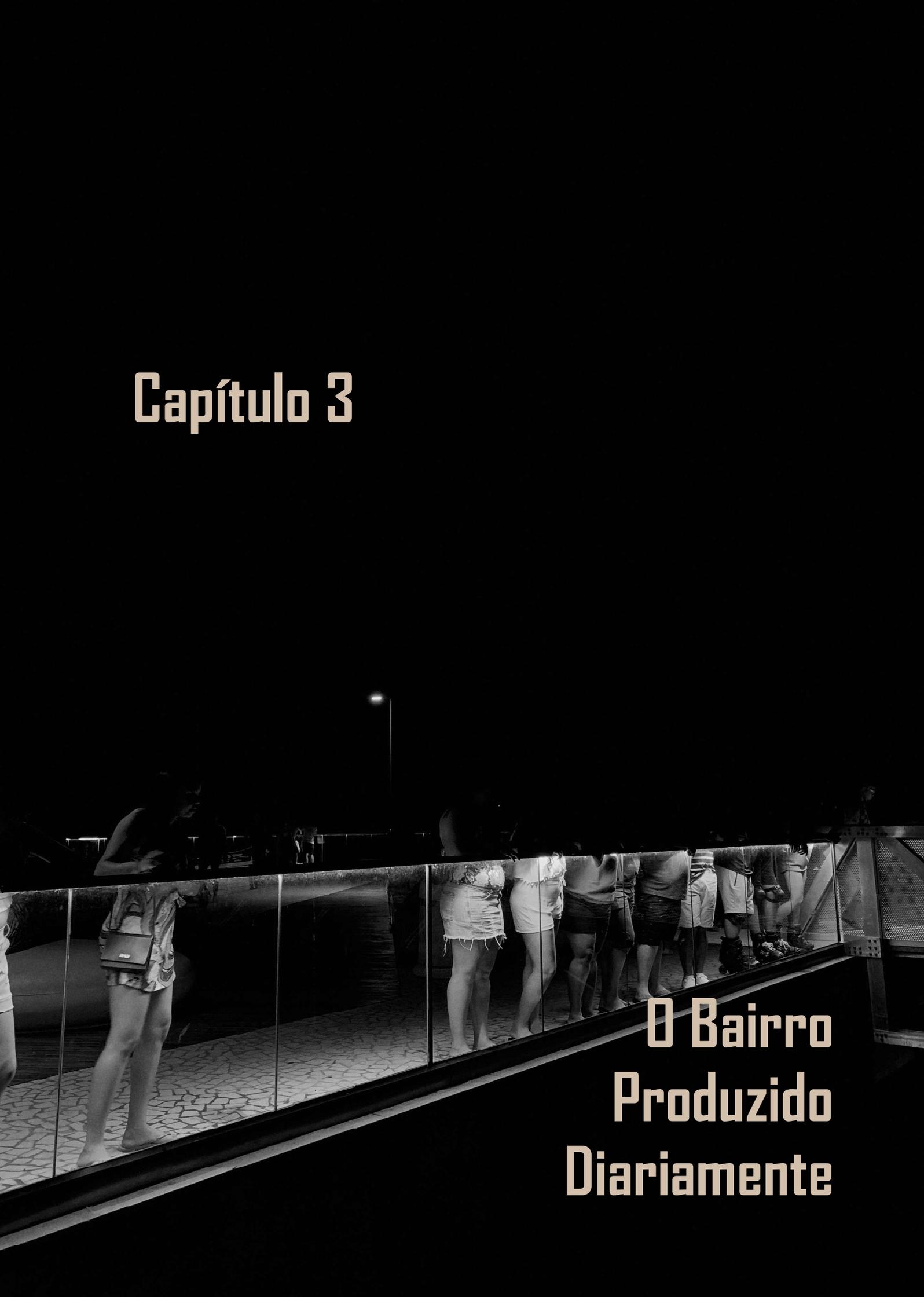
Portanto, bem diferente do que observávamos nos primeiros postais de Maceió, é a partir desse “novo” modo de ver a cidade que ela se reproduz dentro do cenário nacional. De modo geral, mesmo na pouca variedade de cartões postais físicos em circulação, o retrato parece sempre se repetir em sua forma e conteúdo: os ângulos distantes, a vista panorâmica, a cidade ao longe, seus monumentos “tímidos” e o cenário de cores saturadas da orla

da Ponta Verde, destacado sempre em primeiro plano - quase como um marco paisagístico solitário, predominante sob os holofotes da capital.

Então, inspirado pelo contato com os cartões postais mais antigos e motivado pela exposição excessiva a essa imagem repetitiva da orla do bairro, que desde minhas lembranças de infância parece estar atrelada à divulgação nacional e percepção pública da cidade, reflito sobre como posso enxergar além dessa representação distanciada do trecho, a fim de perceber o local por seus outros aspectos que a fotografia turística não acessa e, assim, complementar esse estudo sobre os diferentes ângulos que compõem esse espaço - praticando, de certa forma, uma "imersão" por dentro desse retrato tão presente, e restrito, de Maceió.

É este o exercício que proponho no próximo capítulo, onde essa área "harmoniosa" será adentrada e aproximada em seu cotidiano real. Após ter analisado a construção histórica e imagética desse espaço, iremos, então, complementar nossa radiografia do local a partir do campo etnográfico da pesquisa, onde poderemos observar o trecho midiático da orla da Ponta Verde por sua prática diária, trazendo os conflitos e contradições produzidos em sua rotina - peculiaridades que o cartão postal divulgado não comporta e, mais que isso, "esconde" em sua estática e insistente exposição. É essa Ponta Verde em movimento, "despida" em sua intimidade diversa, que agora vai conduzir meu olhar de morador e pesquisador da cidade - e é esta outra "dimensão" do espaço que discutiremos a seguir.

Capítulo 3



**O Bairro
Produzido
Diariamente**

Então, após concluirmos as etapas anteriores, onde conhecemos a trajetória do bairro da Ponta Verde, passeando por sua orla marítima ainda remota, pela descoberta de seus marcos imagéticos, pela consolidação de sua paisagem postal e sua relevância dentro da construção da identidade paradisíaca atual de Maceió, podemos enfim, desbravar a dinâmica cotidiana desse espaço vitrine da cidade - nosso principal objeto de estudo.

Aqui, neste exercício, os limites da observação não foram previamente estipulados. Justamente por se tratar de um espaço de "referência" da cidade, que sofre intensas intervenções e recebe um excesso de informações diárias em sua paisagem, o local se encontra em constante movimento, e, por isso, o intuito inicial que moveu esta etapa foi o de deixar a curiosidade guiar o meu olhar de pesquisador, buscando enxergar naturalmente as heterogeneidades, subversões e peculiaridades dentro desse trecho do bairro - retratado de forma tão estática, homogênea e distanciada nos meios de divulgação atuais.

Contudo, ao se deparar com o exagerado amontoado urbano e turístico que o local, hoje, oferece - e toda a distração que esta dinâmica provoca - buscou-se encontrar, ainda de forma espontânea, os aspectos que emocionavam o meu olhar de pesquisador dentro daquele espaço e, inspirado pelo artigo "Encontrando imagens na e da Rua da Praia: relato de uma etnografia de rua" (2003), da pesquisadora Patrícia Rodolpho, o objetivo de observar a dinâmica do local com foco em seu aspecto humano se formou. Com isto em mente, ao longo do processo de campo algumas questões começaram a surgir e a dar norte a esta etapa, que passou a refletir sobre os diferentes "tipos" de personagens que frequentam o local; os distintos fluxos que se formam a partir de elementos instalados no espaço; as divisões sociais pontuadas dentro da geografia da rua; e os usos e ofícios - informais, subversivos ou não - encontrados no local.

São elementos que, quando observados, fragmentam este espaço por diferentes ângulos, diferentes "ruas" que, ao serem confrontadas posteriormente, compõem novas imagens sobre este cartão postal, trazendo uma percepção real da dinâmica urbana e social construída dentro do cotidiano local.

Como entender a rua sem vermos suas práticas, seus usos, suas atividades, sua memória? Como entender a rua sem ver seus praticantes, as atividades que inventam ou reinven-

Figura 37 - A rua fechada aos domingos com seus carrinhos de passeio para aluguel. Uma das várias "facetas" deste espaço. Foto: Igor Peixoto, outubro de 2021.

tam, sua submissão ou seu acerto de contas com a história, as leituras que fazem das características do espaço? Quando acompanhamos práticas e praticantes, deixamos, pois, de falar em rua e passamos a falar em ruas (URIARTE, 2016, p. 48).



Como já foi dito no capítulo de introdução dessa pesquisa, a etapa que se segue foi baseada em conceitos retirados da etnografia urbana, que foram estimulados e apreendidos a partir do encontro com alguns trabalhos referentes ao tema, principalmente os artigos "O que é fazer etnografia para antropólogos" (2012) e "Olhar a cidade" (2013), ambos de autoria da antropóloga Montoya Uriarte - sendo este último texto, o responsável por fornecer o passo a passo da construção do olhar etnográfico sobre o espaço que foi aplicado nesse momento da pesquisa.

A etnografia experimenta a cidade "de perto e de dentro" [...] e analisa, de forma artesanal, aquilo que as pesquisas de âmbito quantitativo ou macroscópico não podem alcançar: seus moradores, suas redes de sociabilidade e seus estilos de vida. Assim, a etnografia urbana coloca ênfase não sobre os processos de fragmentação, hibridização e caos urbano, mas sobre as malhas tecidas pelos(as) cidadãos(as) em suas trajetórias cotidianas, ou rituais, e reflete sobre os usos sociais do espaço para além dos mapas oficiais (NASCIMENTO, 2016, p. 02).

Para isso, a metodologia utilizada foi a prática de um exercício que se divide em quatro ângulos de observação, quatro movimentos, que quando aplicados permitiu que a pesquisa ganhasse uma visão fragmentada do espaço, sob diferentes perspectivas, ajudando a construir um olhar mais abrangente - e honesto - sobre o dia a dia do local. Tais movimentos, juntamente com seus propósitos, registros e formas de execução serão destrinchados separadamente ao longo deste capítulo, de maneira a refletir a forma com que foram praticados no processo.

Com efeito, o que vemos é relativo à nossa posição no espaço (e no tempo). Toda imagem é, portanto, parcial. É um fragmento que precisa ser colocado ao lado de outros para que a totalidade (ou uma das totalidades possíveis) possa aparecer. Neste sentido, acreditamos que além de um olhar disciplinado para ver a cidade é preciso, também, de diversos ângulos desde os quais exercermos este olhar (URIARTE, 2013, p. 08)

É importante alertar que esse capítulo pretende ser apresentado a partir de um caráter pessoal, informal e imagético, pois, apesar de obedecer a uma certa rigidez metodológica necessária à eficácia dessa prática etnográfica, entendo que expor os registros do trabalho em campo a partir dessa linguagem, faz

justiça ao modo espontâneo com que o exercício foi se desdobrando, enquanto novas percepções foram surgindo dentro do meu olhar de pesquisador do local.

É uma etapa da pesquisa onde a captura fotográfica se faz muito presente. As imagens aqui utilizadas foram registradas em paralelo à execução do exercício e, quando são acrescentadas dos blocos de notas gastos com cada percepção do campo e das falas dos usuários colhidas em certo movimento, funcionam como um mecanismo complementar ao estudo etnográfico, capaz de apreender a dinâmica urbana, e humana, que este espaço oferece em sua prática diária.

A leitura dos espaços urbanos não pode prescindir do recurso de veículos audiovisuais, notadamente a fotografia [...] estimula a associação de ideias acionando comparações que dão à leitura dinamicidade, produção, transformação (FERRARA, 1988: p. 17).

É também necessário mencionar que esta prática teve início ainda em meados de 2020, quando o tema desta pesquisa de mestrado passou por algumas modificações teóricas, e começamos, eu e meu orientador, a elaborar recortes geográficos dentro do bairro da Ponta Verde que fizessem sentido para aquela nova proposta. Com isso, alguns objetivos dentro do projeto foram ganhando clareza e a pesquisa ganhou contornos que foram além do quesito imagético - assunto que eu já havia iniciado em meu trabalho final da graduação -, fazendo com que a ideia de contrapor o retrato midiático com a dinâmica urbana diária do espaço ganhasse força em nossas discussões, revelando este trecho da orla marítima do bairro como essencial ao meu novo estudo sobre a Ponta Verde.

Então, trata-se de um exercício que, ainda de forma confusa, trouxe suas primeiras reflexões dois anos atrás e, ao longo desse período, foi ganhando clareza à medida em que o espaço se transformava a cada nova intervenção que recebia. Tal situação foi se intensificando após a eleição, em 2020, do prefeito João Henrique Caldas (JHC) que, já no início de seu mandato, deixou bem clara a intenção de utilizar, ainda mais, este trecho do bairro como *espaço vitrine* da sua forte política voltada à divulgação turística da capital e passou a "amontoar" o local com "espaços instagramáveis" e "penduricalhos" turísticos genéricos e vazios de significado cultural para cidade - enquanto aplica

Figura 38 – Manchetes que ilustram as crescentes intervenções neste espaço. Fonte: sites G1 Alagoas e TNH1.

Figura 39 – Um espaço impositivo e “controlado”. Corpos periféricos são vigiados. Fonte: sites G1 Alagoas e TNH1.

uma política “elitista” que inibe a livre utilização do território pela população periférica de Maceió. Portanto, dentre outros, estes acontecimentos invariavelmente trouxeram impacto à dinâmica urbana do local e, de certa forma, passaram a orientar e delimitar meu olhar crítico durante este processo.

Prefeitura lança campanha “Maceió é Massa” e espaços instagramáveis na orla

Campanha conta com beach club aberto ao público, espaços para fotos no Instagram e atrações culturais na orla

Cláudia Leite / Ascom Semtel
30/12/2021 às 12:17



'Rua Fechada', na orla de Maceió, passa a acontecer também aos sábados

Tradicionalmente aos domingos, projeto fecha trecho da Avenida Sílvio Viana para o lazer de pedestres.

Por g1 AL
22/09/2021 11h31 - Atualizado há um ano

Marco dos Corais atrai centenas de pessoas e se consolida como ponto turístico em Maceió

Mercado e visitantes aproveitaram o dia de sol para visitar o novo empreendimento turístico, considerado o melhor de Maceió

Por Isabela Queiroz e Marília Brancato, colaboradoras sob supervisão da editora

Faixa na orla de Maceió é isolada para ampliar espaço no calçadão e evitar aglomeração

Trecho que vai do Centro de Artesanato até o Algodão foi alagado para que pessoas possam praticar atividades físicas e caminhar. Estacionamentos não será permitido

Por g1 AL
02/03/2022 12:17 - Atualizado há um ano

Cadeira de praia gigante decora orla da Ponta Verde, em Maceió, e vira parada obrigatória para selfies

Item faz parte do projeto de Prefeitura para decorar a orla de Maceió e chamar a atenção dos turistas

Por g1 AL
04/02/2022 12:17 - Atualizado há um ano

Árvore gigante e túnel iluminado viram “maiores sucessos” da decoração de Natal

Iluminação chama atenção de quem passa pela orla de Maceió, turistas e moradores não hesitam a fazerem selfie com amigos ou familiares

Por Marcella Batista com Tribuna Independente
23/12/2021 09:34

Instituto vê discriminação em reação contra 'luau' na orla marítima de Maceió

Recebe um mês depois de festa comemorada pelas redes sociais, discussão é antiga e gera debates

Carla Santos e Sérgio Beneditino
Colaboradoras sob supervisão da editora



Associação quer reforço policial para impedir 'luau' na orla marítima

Bruna Tavares com colaboração
24/02/2022 12:17

Aglomeração gera tumulto e correria em noite de luau, na orla de Ponta Verde

Alinda do mundo vive o Delti, milhares de pessoas adentraram na região, vários não passaram para próximo da praia de Ponta Verde

04/10/2020 18:00
Por Redação - Ponta: 17/11



POLÍCIA

Luau termina com correria e chegada da polícia na Orla de Ponta Verde

Vários do momento de confusão envolveram não redes sociais

Por Marcella Batista
04/10/2020 18:00



Com esses episódios, novos usos, fluxos, apropriações e imposições passaram a acontecer dentro desse espaço público, que é percebido e usufruído pelo indivíduo de diferentes formas – à medida em que seu comportamento, seu olhar e seu corpo são influenciados pelas intervenções (e regras) que passam a integrar o cotidiano desse território. E é a partir desta percepção que este exercício foi se construindo.

Portanto, aqui teremos o relato descritivo de uma prática etnográfica, onde será exposto o registro sincero das partes de um processo investigativo que agora enxerga a rotina desse espaço, já segmentado em distintas porções nesta pesquisa: teve sua história contada; seus marcos imagéticos explicados e a representação de sua imagem midiática destrinchada. Aqui, ele será visto a partir de 4 movimentos de observação propostos pela cartilha da etnografia urbana - que quando tiver seus resultados somados ao que já foi apresentado sobre o local neste trabalho, deve nos trazer uma apreensão abrangente do espaço, unindo novamente seus fragmentos a partir de uma totalidade-diversificada e, talvez, menos homogeneizada, deste complexo trecho do bairro da Ponta Verde.

São as peças de um processo de campo que foi construindo seus objetivos e intensificando seu significado ao longo do avanço do próprio exercício, enquanto também se construía o meu olhar urbano, etnográfico e crítico - principal guia de um pesquisador que busca capturar a real essência de uma rua já tão exposta. É, portanto, essa busca que apresento a seguir.

Não partamos, pois, de uma definição prévia de rua, descubramos as diversas ruas que existem numa cidade, aceitemos a aventura de descer até elas, de cair nelas, de sentar e andar nelas dias a fio para verificar como elas são efetivamente praticadas para depois, nomeá-las ou adjetivá-las e, só depois, criar um conceito "multiversal" de rua (URIARTE, 2016, p. 49).

3.1 - O exercício

Movimento 1 “O olhar de cima”



Aqui o exercício se inicia. Seguindo a cartilha sugerida pela antropóloga Uriarte (2013), começo esta etapa buscando enxergar a avenida estudada a partir de seu ângulo mais conhecido nos meios midiáticos: a sua vista aérea, do alto. No entanto, ao contrário do que se busca enquadrar nas imagens que tanto conhecemos – e já dissecadas no capítulo anterior –, o intuito aqui é deixar de lado a distração do apelo estético e harmonioso das cores chamativas dessa paisagem, quase sempre retratada a partir do ponto de vista do mar, e buscar direcionar meu olhar para o que a rua e seus pedestres têm a nos contar quando olhados no sentido oposto ao usual.

Em um primeiro momento, este ângulo de observação me trouxe uma dificuldade óbvia: como encontrar os pontos por onde eu possa praticar este movimento? Diferente das bem equipadas fotografias postais, eu não possuo qualquer tipo de drone que possa me fornecer uma visão ampla e aérea do trecho, além de que, para a prática etnográfica que estou propondo, é essencial que se tenha tempo para observar o cotidiano. Sugere-se que, com calma, o pesquisador sente e contemple o espaço e as

nuances que ele deve proporcionar ao longo do seu dia – situação difícil de se atingir a partir da velocidade e da “urgência” com que estes equipamentos de fotografia aérea operam.

Quem olha, olha de algum lugar. Skópos se diz daquele que observa do alto e de longe, vigilante, protetor, informante e mensageiro. [...] Por isso, sua prática não é apenas vigiar e espiar, mas significa, ainda, refletir, ponderar, considerar e julgar, tornando-se skopeutês: aquele que observa, vigia, protege, reflete e julga, situando-se no alto (CHAUÍ, 1998, p. 35).

Então, visto que não conhecia nenhum morador dos prédios deste trecho da avenida que pudesse me ceder uma varanda – sendo esta a única opção que eu conseguia enxergar naquele momento –, me senti esbarrado por esse empecilho físico. Até que, em outubro de 2021, o recém-inaugurado supermercado Palato, localizado justamente no centro da avenida em estudo, anunciou em seu segundo andar um restaurante/café com vista para o mar, e então foi ali, entre um café e outro, do alto daquele estabelecimento reservado, de “classe alta”, que eu passei a estender o meu olhar sobre aquele espaço.



Portanto, passo a frequentar o local naquelas primeiras semanas de outubro. A princípio, utilizo o horário da tarde para exercer meus primeiros dias de prática, que consiste em: chegar ao café por volta das 14h, escolher uma das muitas mesas dispostas em frente aos janelões com vista para a avenida Silvio Carlos Viana, sentar e observar, tomando nota de tudo que me chama a atenção dentro daquela dinâmica, capturando os ângulos mais representativos do cenário com meu celular até largar meu posto contemplativo após o pôr do sol, geralmente às 18h. Este ritual se repete ao menos 3 vezes por semana até o fim do mês e aquele cenário emoldurado pelas janelas do supermercado, onde a calma estática dos inúmeros coqueiros do canteiro central contrasta com o fluxo constante dos carros e pedestres da avenida, torna-se familiar ao meu olhar.

Ali do alto não me chega os sons da rua: não ouço o barulho dos carros que agora passam mais lentamente em frente aquele trecho, freados pelo entrar e sair de automóveis que o estacionamento do supermercado causa; não distingo as vozes dos pedestres que andam num ritmo lento, quase sempre da direita para a esquerda, no sentido que vai ao encontro da curva geográfica do bairro; não consigo ouvir os diálogos animados entre os flanelinhas, motoboys e funcionários dos estabelecimentos arredores, que descansam sob a sombra dos coqueiros em frente; e dali também só consigo enxergar, não ouvir, as famílias em situação de rua que agora se instalam naquela calçada para abordar os clientes que entram no novo supermercado. Ali do alto enxergo tudo em silêncio. Uma paisagem muda e, de certa forma, repetitiva. Percebo um novo cartão postal do local que se forma em meus olhos, mas dessa vez por um retrato que se move, que toma uma perspectiva contrária à tradicional e expõe as nuances da malha urbana logo em primeiro plano, empurra a apelativa água do mar do bairro para o fundo da imagem, e revela, assim, um cotidiano que os já conhecidos retratos turísticos não mostra.



À medida em que as cenas se repetem, com um padrão comportamental de pedestres e carros que vai intensificando seu fluxo com a proximidade do fim de semana e o seu domingo de "Rua Fechada" - que proíbe a circulação de veículos na rua principal das 8h às 16h -, compreendo a necessidade de explorar novos horários de observação e começo a incluir os turnos da manhã e da noite em meu exercício, porém o que observo àquela distância não me trás muita variedade. Naturalmente, o número de pedestres passeando no calçadão da avenida se multiplica a partir do pôr do sol, que ameniza a temperatura escaldante da orla da cidade. Noto também que pela manhã os ritmos são lentos, as pessoas andam com uma certa preguiça, passeando sem pressa, enquanto se protegem do sol entre as sombras que o canteiro de coqueiros provoca. Do alto,

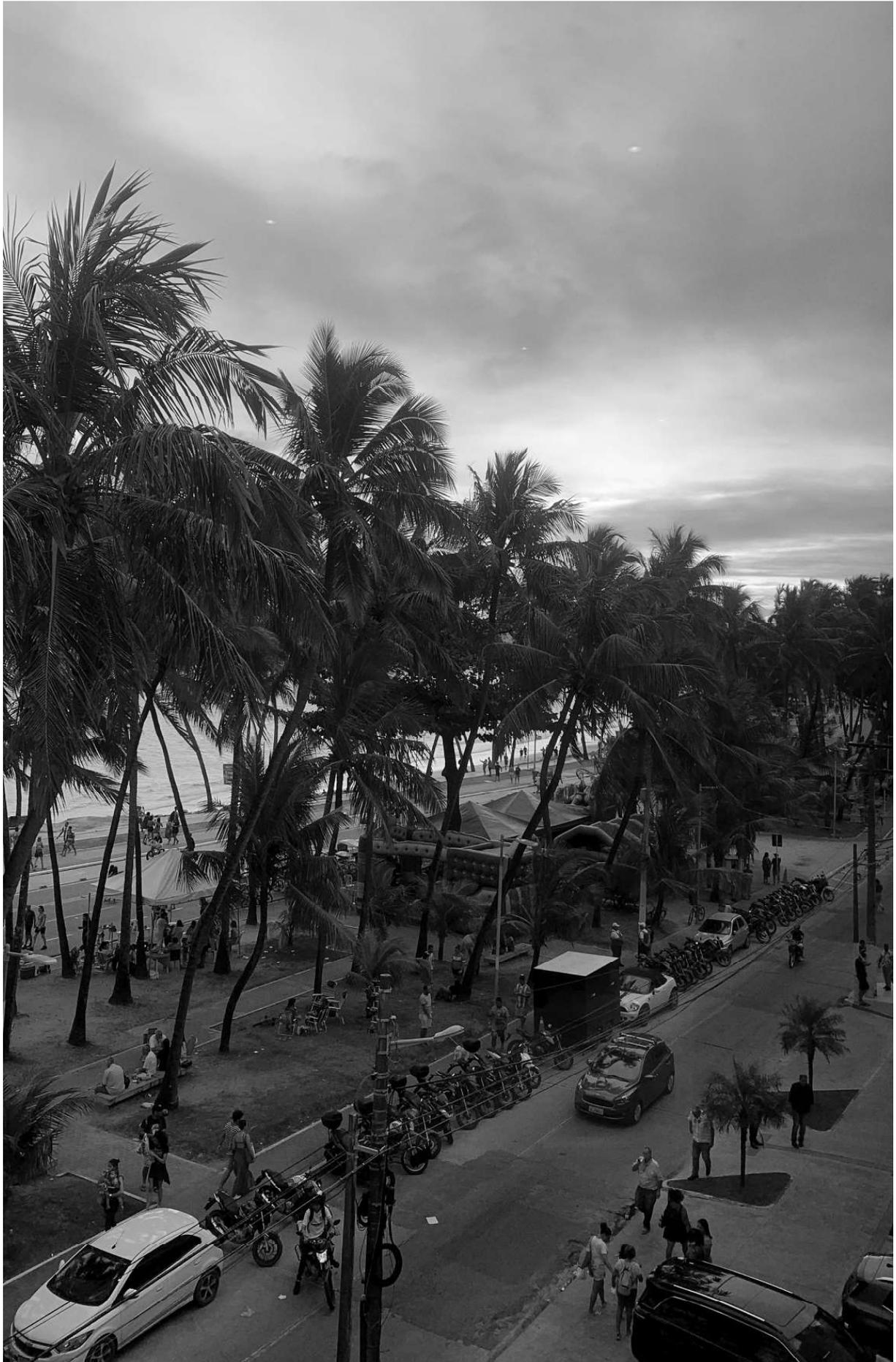
Figura 43 – Vista da tarde de um domingo de Rua Fechada. Dinâmica urbana se intensifica.
Foto: Igor Peixoto, março de 2022.

não consigo distinguir seus rostos, e classes sociais são escorregadias de prever, os caminhantes me parecem compor uma única massa que, pela despreensão com que andam, imagino serem, em sua maioria, turistas visitando a capital, transitando quase sempre em um mesmo sentido, como que atraídos pelo magnetismo que a curva da Ponta Verde, anfitriã de nossos marcos imagéticos, propaga.

Com a chegada da noite, o público se intensifica, assim como o trânsito de carros que engarrafa a avenida, tornando um pouco mais acelerado o ritmo do local. Os passos, que pela manhã pareciam vagarosos, sem propósitos, agora se misturam a cadência apressada dos exercícios físicos que ganham presença nesse calçadão – e, se antes o fluxo de pessoas me parecia composto em maior volume por estrangeiros, agora o movimento que enxergo me parece vir de moradores da cidade, que transitam com maior objetividade pelo local.



Figura 44 - Vista da tarde de um domingo de Rua Fechada. O canteiro sombreia uma dinâmica ordenada. Foto: Igor Peixoto, março de 2022.



Ali, do alto desse posto, a dinâmica nunca parece caótica. Longe do som da rua, a paisagem me parece seguir uma ordem que se equilibra espontaneamente, funcionando como um organismo vivo, heterogêneo e, de fato, harmônico, que sugere um padrão de comportamento descansado, despreocupado, mesmo aos domingos de "rua fechada". No mês de dezembro, vejo serem instaladas as primeiras intervenções de Natal naquela avenida, que passa a ser tomada de luzes e enfeites cintilantes que bagunçam minha visão já acostumada ao cenário. Somado a isso, no mês seguinte de janeiro, já no ano de 2022, o local ganha as primeiras instalações urbanas que fazem parte da campanha turística #maceióémassa, trazendo os novos "pontos instagramáveis" para o local, sendo o mais relevante e vitorioso deles o monumento da "cadeira de praia gigante", que imediatamente lota o canteiro de pessoas que se enfileiram para tirar uma foto junto a ela - cena que seguirá se repetindo por todo o ano.

Da distância que observo, não consigo detalhar de forma específica o impacto dessas novidades na dinâmica da avenida, parece-me mais justo afirmar que tudo que eu já havia notado ganha uma intensidade exagerada e isso é bem nítido da janela por onde enxergo. O fluxo de pessoas aumenta bastante e agora fica ainda mais difícil diferenciar os turistas dos moradores da cidade, pois os ritmos são tantos que me confundem quando vistos de longe. A quantidade de carrinhos de ambulantes - que vendem cocos, sanduíches, churrasquinhos e bebidas alcoólicas - aumenta, e muitos deles fixam seus negócios dentro do enquadramento que meu olhar enxerga, onde a aglomeração do público agora é estimulada pela presença do supermercado, da já famosa "cadeira gigante" e do "Espaço Maceió é Massa", que conta com "redário" e palco para apresentações, instalado ali em frente, à beira-mar.

Os meses avançam em 2022, e o amontoado de elementos que não param de surgir na avenida me fazem continuar realizando essas observações aéreas, agora já em menor frequência, enquanto prosigo com outras necessidades dentro da pesquisa. Visto por esta perspectiva, noto que os padrões percebidos na dinâmica urbana do local parecem continuar os mesmos ao meu olhar e percebo, então, que esgotei minhas impressões tomadas por este ângulo de observação, e avanço pelos outros movimentos etnográficos. Entretanto, ao revisitar as imagens capturadas nesse primeiro movimento, sinto

a necessidade de enquadrar um outro cenário aéreo desse espaço. A curva geográfica da Ponta Verde, ponto referencial do bairro que deu início a esta história, segue com presença significativa nesta paisagem e, em julho de 2022, com a inauguração do novo Marco dos Corais, este local renovou sua força atrativa, passando a ser o ponto central das decorações do Natal que chega nesse ano. Com isso, pedindo autorização para tomar emprestada a vista da cobertura de um prédio localizado em frente ao trecho, registro minhas últimas imagens e reflexões por este ângulo de observação.

Agora, em um domingo de dezembro de 2022, no topo do décimo segundo andar deste edifício à beira-mar, a minha percepção aérea toma outra proporção. As figuras humanas, aspecto principal das observações que fiz nesse movimento etnográfico, se embaralham ainda mais em meio a tantas informações luminosas que esse cenário agora apresenta. Dessa altura, as pessoas parecem fazer parte de um formigueiro aglomerado em frente ao já tradicional relicário turístico que a "ponta" se tornou, e ali elas caminham seguindo um ritmo quase imperceptível, onde os fluxos me parecem contínuos. Quando eu olho por um tempo esta paisagem, a imagem que enxergo parece se congelar, apresentando um padrão constante de informação: um emaranhado de luzes que se inicia dentro do Marco dos Corais, com sua imensa árvore de Natal, se estende pela praça batizada em homenagem ao Gogó da Ema, e continua seu rastro reluzente até o fim do canteiro de coqueiros desta avenida, onde as luzes parecem se apagar repentinamente. De tão alto, fica mais nítida ainda a diferença de atenção que este trecho midiaticizado da orla recebe, abrigando quase exclusivamente os ornamentos turísticos-natalinos da orla marítima de Maceió, criando ao longo de sua extensão um intenso movimento de comércio e de público que, quando visto de cima, parece ir se dissipando à medida em que se distancia do trecho em que o bairro faz sua famosa curva.

Figura 45 – O trecho que não se apaga. Do alto se reflete. Foto: Igor Peixoto, dezembro de 2022.



Desta altura, meu olhar confirma algumas reflexões ao mesmo tempo em que sugere novos questionamentos. Com isso, é chegada a hora de nos aprofundarmos na dinâmica dessa avenida, complementando com uma visão aproximada o que observei ao olhar de cima este espaço. Parto, então, para o meu segundo movimento etnográfico.

Movimento 2

“Observação estática de baixo”

Aqui o exercício continua por uma nova conformação e, com ele, o olhar que estou construindo se expande. O segundo ângulo proposto por Uriarte (2013) é chamado de “observação estática de baixo”, e o foco é observar as pessoas e seus comportamentos, porém, sem a exposição panorâmica que a vista aérea proporciona – agora eu enxergo de perto.

Nesta etapa, atenta-se aos detalhes: fisionomias, semblantes e falas se fazem presentes. Aqui, exercício ocorre de forma discreta, o pesquisador escolhe pontos estratégicos, senta-se e observa estaticamente a dinâmica urbana do local acontecer, sem intervir ou atrapalhar a espontaneidade daquele cotidiano.

Neste nível, vêem-se pessoas mais do que coletividades, é possível observar seus rostos individualmente, seus ritmos particulares, seus semblantes de cansaço, agonia, medo ou relaxamento. O nível é o dos detalhes [...] os pesquisadores sentados ou imóveis, os transeuntes em movimento. Nós anotando tudo, eles passando. [...] Precisamos re-aprender a só olhar, olhar sem perguntar, olhar sem interagir, especialmente se quisermos entender os transeuntes (URIARTE, 2013, p. 8).

Dou início, então, a este movimento mais uma vez escolhendo os pontos por onde vou observar. Diferente do que enfrentei na primeira etapa, aqui esse momento foi simples e objetivo. Desde minhas primeiras andanças pela avenida, quando ainda buscava apagar dentro daquele cotidiano os motivos que levavam minha pesquisa até ali, notei certas divisões que este espaço apresenta em seu pouco mais de 1km de extensão, fragmentando, geograficamente, a forma com que seu terreno é utilizado pelo público – e quando analisamos estas frações a partir do aspecto social, esse aspecto se torna mais interessante. Aos poucos, as formatações que o espaço desenvolvia diariamente foram ficando mais claras aos meus olhos, que observavam um local conflituoso, que se metamorfoseia em palco para manifestações periféricas, tradições religiosas, cenário de passeios turístico e eventos culturais da capital.

Somado a isso, de forma a pontuar – e enfatizar – estes recortes geográficos, alguns elementos inseridos nesta orla vieram a contribuir ainda mais essa minha percepção: foi o caso da já

Figura 46 – A avenida Silvio Carlos Viana e as regiões que usei como pontos estratégicos nesta etapa. Fonte: Google Earth.

citada abertura do Marco dos Corais, no mesmo terreno onde antes existiu o clube “Alagoinha”, e as inaugurações do supermercado de “classe alta” Palato praia, e do monumento popular da “cadeirona”, localizados quase que de frente um para o outro. Ao passarem a compor o relicário icônico que esse cenário aglomera, estes novos membros trouxeram impactos significativos na dinâmica do trecho, e junto com a área da “faixa de gaza” – apelido dado ao trecho da praia que fica entre os bares Lopana e Kanoa, próximos ao pavilhão do artesanato que finaliza o nosso campo de estudo –, podem também serem tratados como pontos nodais (LYNCH, 1999) da orla da Ponta Verde. Por isso, foram minhas escolhas para servir como os três postos de observação deste segundo movimento etnográfico.



Busco começar pelo fim. Ao relembrar toda a história do desenvolvimento da orla marítima do bairro que já foi contada aqui, assumo a curva geográfica da Ponta Verde como o ponto de partida principal dessa história – e, por acreditar que nela se encontra o maior movimento do trecho, deixo para analisá-la por último. Percorro, então, o sentido oposto e estabeleço seguir sempre a mesma sequência metodológica neste movimento, que vai funcionar de tal forma: por três vezes na semana, pelos próximos 3 meses, passo a ocupar os mesmos pontos estratégicos escolhidos para observação, começando sempre pelo “final da avenida”, na área próxima ao “pavilhão do artesanato”, partindo em seguida para o meio deste trecho, no local onde hoje reina a “cadeira gigante”, e terminando minha prática no ponto que considero mais emblemático desta orla, onde hoje se instala o “marco dos corais”. Assumo também que os horários devem variar de acordo com as necessidades que o exercício exigir, a partir do que eu for observando nesse processo.

Começo o exercício no período da tarde de um dia de semana, em julho de 2022. Mais ou menos um mês atrás foi inaugurado o novo Marco dos Corais e já é nítido em minha caminhada o fluxo constante de pedestres que segue, passeando ou se exercitando, em direção à nova atração da orla. Faço o percurso inverso até chegar na área da "faixa da gaza", meu primeiro ponto de observação e então, como manda a cartilha proposta, sento-me no banco instalado ali no calçadão e observo.

À primeira vista, o que enxergo nos dias de semana que ocupo este ponto, é um cenário bem definido. A paisagem é razoavelmente preenchida e as pessoas que vejo parecem se encaixar em categorias que definem sua presença no local. Penso que as cenas que capturo parecem seguir uma determinada ordem comportamental e territorial, uma imposição que o espaço, localizado entre dois bares de praia "turístico", parece sugerir.



Ao meu olhar estático, os turistas parecem ocupar, com certa propriedade, a maior parte da faixa de areia que enxergo e, em pleno horário comercial de um dia útil, os vejo parecendo aproveitar o que presumo ser as "férias de meio do ano". Banham-se no mar, ocupam as barraquinhas da areia da praia e tomam drinks sossegadamente embaixo das sombrinhas coloridas que completam a paisagem. Quando desvio meu olhar para o calçadão também os vejo em diferentes atividades: negociando passeios turísticos com os guias que transitam por ali, parados nas faixas de pedestre com sacolas de compras ou simplesmente caminhando num ritmo desprezioso de quem está contemplando o cenário. Questiono-me sobre o que caracteriza, aos meus olhos, os turistas desse local que ocupo e defino, depois de alguma reflexão, que aspectos como as roupas em excesso, o fato de andarem quase sempre acompanhados, a vermelhidão do bronze exagerado e os sotaques, obviamente, chamam minha atenção, mas é, sobretudo, a cadência descansada e "desnorteada" do andar, o fator que melhor decide esta minha classificação nesse espaço.

Em oposição a essas características, julgo como moradores das redondezas do bairro os indivíduos que percebo transitar com certo propósito por este ponto, demonstrando costume com a paisagem e, talvez, até indiferença. Os passos destes - que andam geralmente praticando algum exercício - seguem um direcionamento, um norte, não se perdem ou deixam se levar pelas distrações que o espaço promove, percorrem rotas pré-estabelecidas, objetivas e se desviam com habilidade da lentidão dos turistas "aglomerados" no trajeto.

Em meio a tudo isso há o movimento dos que trabalham, o outro urbano (JAQUES, 2012), que me aparece nas mais variadas formas e ofícios: são ambulantes com seus carrinhos de água de coco ou de bebidas alcoólicas, comerciantes de sombrinhas e cadeiras de plástico, flanelinhas que lavam os carros estacionados ali nas calçadas, vendedores de diversos produtos - amendoim, camarão, queijo coalho, acarajé, óculos de sol, caixinhas de som, peças de artesanato, etc - que parecem caminhar por horas sobre a faixa de areia quente onde expõem suas mercadorias, repentistas que andam em duplas carregando suas violas e abordam os banhistas estendidos na areia e, também, os pedintes, que sentam e esperam alguma caridade de quem passa, compondo timidamente aquela paisagem em movimento.

São indivíduos essenciais da dinâmica que observo, e ao mesmo tempo em que são imprescindíveis para o funcionamento dessa cena "harmônica" – como o cartão postal que se divulga – parecem ser excluídos dela. Noto que são muitos, porém atuam de maneira discreta, quase despercebida, pois são relegados ao último plano desse retrato que não os comporta, e que só quando se olha de perto, quando se vivencia a dinâmica diária deste trecho, a presença deste sujeito periférico pode ser, de fato, sentida.

Seus corpos confirmam minha impressão e, ao meu olhar, oferecem semblantes cansados, fadigados pelo trabalho extenuante que se executa sob um sol escaldante e que ganha mais intensidade à medida em que o fim de semana chega. Seus passos são decididos, conhecem os atalhos do local e se locomovem de forma silenciosa, como quem não quer atrapalhar a movimentação de quem está ali por lazer. Seus sons são poucos e pontuais, quase imperceptíveis quando confrontados com o emaranhado de músicas, carros e sotaques que surgem desse cenário. Ali, nos fins de semana, eles trabalham da mesma forma que existem, em volume baixo, quase em silêncio. São sujeitos ocultados do retrato que, como diz Certeau (1994), reinventam diariamente seu cotidiano e, assim, ocupam e sobrevivem no espaço público de forma anônima.

Lembro que foi justamente neste ponto da areia da "faixa de gaza" onde, por duas vezes, em 2020 e 2021, jovens periféricos tentaram promover os já citados luaus e acabaram denunciados pelos moradores da orla da Ponta Verde para a polícia, que chegou encerrando e dispersando o público do local, sob o pretexto de que eles estavam "perturbando a paz" do ambiente. São, portanto, indivíduos que ainda buscam o direito de pertencer a este local por onde transitam diariamente, e cuja simples espontaneidade da sua presença livre, explícita, passa a ser inibida pela presença vigilante da polícia. São corpos que parecem ter que vestir o "traje" de servidor para não serem constrangidos dentro desse espaço.

Aos domingos da "Rua Fechada", noto com surpresa a interessante dinâmica social que este ponto da avenida desenvolve, quase como um contraste com o que se vê nos dias de semana. Justamente ali, onde observei a timidez com que o sujeito periférico se comporta, os vejo agora concentrados neste ponto, como uma espécie de tradição onde aproveitam a oportunidade que o domingo oferece para realizar um movimento de "ro-

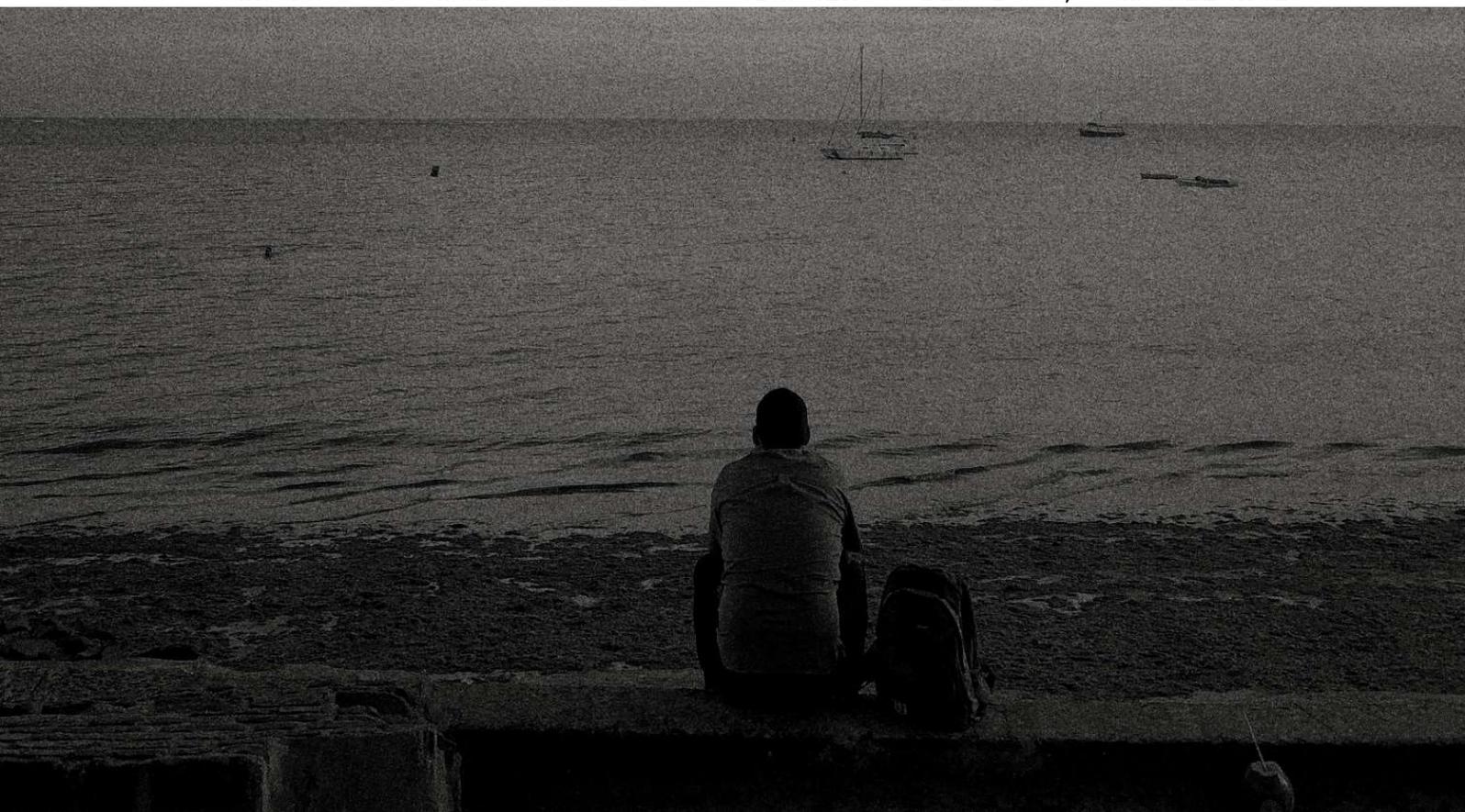
Figuras 48 e 49 – Tarde de domingo de “Rua fechada”. A polícia se aglomera logo em frente ao Rolezinho Periférico que acontece. Foto: Igor Peixoto, julho de 2022.

lêzinho”¹¹ no centro da Ponta Verde. Agora eles dançam, cantam e ocupam o espaço de forma explícita. Não parecem ter receio dos olhares cautelosos que as “famílias tradicionais” do bairro oferecem enquanto passeiam com seus pedalinhos alugados na avenida, e são “protegidas” daquela “invasão” por policiais aglomerados nas calçadas deste ponto – numa tentativa de coibir o comportamento livre desses indivíduos no ambiente público.

11 O “rolêzinho” é um neologismo usado para definir um tipo de coordenação de encontros simultâneos de dezenas de pessoas – geralmente vindas de bairros periféricos – em locais como ruas, praças, parques públicos ou shopping centers.



Enquanto reflito sobre a dinâmica complexa deste trecho, enxergo um sujeito ambulante, que caminha vendendo amendoim, passar por mim. Ele pausa seus passos, e discretamente, retira sua mochila pesada das costas, senta-se no meio fio que divide a areia da praia do cimento do calçadão, e contempla o mar com o sol que começa a se pôr, como se descansasse de mais um dia de trabalho. Discreto, em silêncio.



O ponto de observação muda, porém os aspectos que atraem o meu olhar permanecem. Posso constatar, como imaginado desde o primeiro dia desta etapa, que há uma crescente intensidade na dinâmica urbana do trecho à medida em que vou avançando o exercício ao longo da avenida. No ponto em frente a "cadeira gigante" os padrões observados na "faixa de gaza" parecem se repetir, porém de forma mais explícita. Ali os turistas pausam mais do que andam e enfrentam filas enormes, em absolutamente todos os horários do dia, a fim de serem fotografados em cima do monumento gigante - que está ali desde janeiro de 2022, mas continua atraindo o mesmo entusiasmo até hoje, após o meio do ano. Ali também enxergo prováveis moradores dos arredores passarem e percebo, naquele ponto, um ligeiro ar de censura em seus semblantes, que encara com incredulidade a aglomeração que a "cadeirona" ainda continua promovendo.

Figura 51 – A incansável fila da cadeirona. Tarde de uma quinta-feira. Foto: Igor Peixoto, agosto de 2022.



Porém, de tudo que observo sentado, a diferença que mais me atinge se encontra, mais uma vez, no comportamento dos trabalhadores informais e pedintes do trecho. Naquele ponto, ao passo que noto uma intensificação dos serviços surgidos ali, também percebo uma inibição ainda maior de seus modos, e o que no ponto anterior era contido, ali parece não querer aparecer. Talvez constrangidos pelos holofotes que hoje se voltam ao espaço – e, com eles, trazem a presença dos carros da polícia que ronda continuamente o local –, noto que os “flanelinhas”, motoboys, ambulantes e, também, as famílias de pedintes, parecem se concentrar de forma distanciada dali, ocupando os espaços que sobram às margens daquele amontoado, entre os coqueiros do canteiro e as calçadas de suas esquinas. Parecem rodear a área de forma a não “atrapalhar” o cartão postal que o monumento sugere, deixando a paisagem “livre” para a fotografia turística, harmônica e midiática surgir no espaço – transformando o local numa espécie de palanque, uma clareira, onde a cadeira “reina” sozinha, sem embaraço.

Figura 52 – O trabalho informal que surge nas redondezas do monumento. Foto: Igor Peixoto, agosto de 2022.

Vejo que, de toda forma, o monumento atrai um público variado, e noto, através dos diálogos, que a população dos bairros distantes também vem ao seu encontro. Porém, por se situar num trecho tão “controlado” da avenida, onde o elitismo do “chique” supermercado Palato é somado ao conservadorismo classista de parte dos moradores daquela beira-mar, o local passa a representar um grande exemplo das contradições e conflitos sociais que se vê neste espaço vitrine da cidade-mercadoria de Maceió – que atrai na mesma medida em que repele os corpos periféricos que passam por ali.



Figura 53 – A praça que adentra o mar em dia de semana, no começo da tarde. Foto: Igor Peixoto, setembro de 2022.

Já no meu último ponto de observação desta etapa, o Marco dos Corais, a dinâmica que encontrei foi ligeiramente diferente. Como já disse, quando comecei a frequentar o espaço dentro deste exercício, ele existia há pouco tempo e a novidade chama a atenção da cidade, que o visita constantemente, de forma que raramente consigo repetir o mesmo banco onde me sento e tenho que, quase sempre, variar o ângulo por onde registro minhas impressões. O local é atrativo e se trata de uma espécie de praça erguida sobre o mar que nunca fecha, e é desenhada de forma a estimular a contemplação daquele cenário apelativo, que promove um diálogo constante entre a civilização e a natureza, conceito que, por si só, já oferece atrativos suficientes para trazer a população ao local. Somado a isso, como sabemos, o novo Marco ocupa o mesmo terreno onde antes se ergueu o exclusivo, elitista e simbólico clube Alagoinha, que agora finalmente oferece a vista privilegiada do seu terreno para toda a cidade.



E, de certa forma, é o reflexo desta história que encontro na dinâmica urbana que aquele local desenvolve. A impressão que se tem sentado ali, é a de presenciar uma comunhão que fora por muito tempo esperada, um encontro onde toda a cidade pôde, enfim, entrar em contato oficial com aquela paisagem que, por décadas, foi reservada aos pouquíssimos sócios daquela obra icônica na história da capital. Observar e refletir sobre o Marco dos Corais assim, sempre tão preenchido de gente, emociona o meu olhar. Um novo e imediato marco imagético que parece comportar uma dinâmica que respira, minimamente, de forma democrática.

Ali de dentro, a dinâmica social que percebo é de difícil distinção. As classificações que meu olhar captou com relativa facilidade nos outros pontos escolhidos desta etapa, aqui encontram limites borrados. A impressão que tenho é que dentro do Marco dos Corais todos aparentamos ser turistas na própria cidade. Os ritmos são todos lentos e distraídos, o local instiga um ar contemplativo que parece envolver quem adentra o espaço, e os comportamentos se tornam repetitivos, independente do horário em que faço minha visita. Com semblantes relaxados, as pessoas que ali frequentam parecem estar sempre divididas em dois grupos: as que estão se esforçando para capturar o melhor ângulo possível daquela paisagem com seu celular; e as que se encontram imersas em reflexões pessoais ou diálogos coletivos, sentados, em grupos ou sozinhas, na grama ou nos bancos que o espaço oferece. Uns vestem o semblante e os trajes de quem acabou de realizar algum exercício na orla e escolheu aquele espaço para descansar, já outros foram mais objetivos, vestem roupas casuais e aparentam ter saído exclusivamente para o local - todos, sem exceção, parecem relaxados.

Por último, ali sentado, também tento capturar algumas falas que escuto no local, e a pluralidade dos diálogos me diverte. Ao ouvir uma ou outra conversa banal, consigo coletar opiniões de todo tipo sobre a obra, das mais rasas às mais reflexivas, desde as que questionam a simplicidade da praça e afirmam que falta algum elemento grandioso que ofereça algo mais impactante ao local, até as que exaltam justamente esta simplicidade, divagando sobre a falta que fazia à cidade um espaço puramente contemplativo que, sem grandes alardes, se insere numa orla já tão atulhada de pontos instagramáveis "forçados", vazios de significado - ou de utilidade real - para quem vive a roti-

Figura 54 - A escolha do melhor ângulo para fotografar: cena mais comum do Marco dos Corais. Foto: Igor Peixoto, outubro de 2022.

na do espaço urbano de Maceió. Percebo, então, que ali existe uma verdadeira praça, em seu sentido mais puro. Um espaço de diálogo público, urbano e livre. Um ponto de convergência, de convivência e de encontros - dentro de um trecho midiático que, como vimos, se fragmenta em tantas partes desiguais.



Figura 55 – Ponto de convergência numa orla fragmentada. Foto: Igor Peixoto, outubro de 2022.



A partir dos relatos e registros que produzi, percebo que a "observação estática de baixo" trouxe uma proximidade com as lacunas que o primeiro movimento praticado, o "olhar a distância", sugeriu. Aqui pude confirmar algumas desconfiças prévias enquanto novas descobertas atravessavam minha visão, e a perspectiva de um espaço que se fragmenta em sua dinâmica, que pode ser percebido especialmente através do aspecto humano no local, ficou ainda mais clara para mim. Aqui penso que consegui divisar as peculiaridades que as intervenções e divisões geográficas da avenida proporciona e, aos poucos sinto que vou montando um quebra cabeça formado por peças que a vida cotidiana deste trecho da orla me oferece.

Mas ainda há caminhos a serem percorridos, e como sugere Uriarte (2013), o trabalho de forma estática deve, necessariamente, se complementar com a perspectiva do movimento. Parto, então, para o terceiro processo etnográfico.

Movimento 3

“Observação móvel de baixo”

Na terceira etapa, prossigo com o movimento chamado “observação móvel de baixo”, onde busco complementar, a partir da perspectiva do deslocamento, as impressões recolhidas ao olhar pelos níveis “de cima” e nos pontos estáticos “de baixo”. Nesta proposta, pessoas e personagens do bairro são seguidas, escolhidos aleatoriamente de forma intuitiva, de acordo com a curiosidade do meu olhar naquele momento. Imitam-se seus trajetos, seus ritmos e pausas para “experenciá-los”, sob outras formas, o espaço e ampliar ainda mais a percepção sobre as dinâmicas existentes no local.

As pessoas são escolhidas aleatoriamente com o fim de verificar suas trajetórias e circulação pelo espaço estudado. Ao segui-las podemos nos surpreender com as suas finalizações de percurso, muitas vezes contrariando suposições feitas em função do perfil etário e de gênero, dos objetos levados nas mãos, da velocidade dos passos, entre outros aspectos. O que não é possível atestar de cima, verifica-se de baixo: nos mantendo imóveis, captamos certas imagens, seguindo as pessoas, captamos outras (URIARTE, 2013, p. 09).

Outras versões do bairro devem surgir neste movimento, que só poderiam ser percebidas à medida em que as vontades do meu eu-pesquisador ficam em segundo plano, e o elemento da alteridade toma as rédeas e ritmos do passeio. É um exercício investigativo de desprendimento em que rumos previamente traçados se desviam, quereres são sufocados e o inesperado, inevitavelmente, acontece.

Portanto, entendendo o caráter espontâneo que esta etapa necessita, faço poucos planejamentos anteriores ao início do exercício, programando apenas o básico a fim de manter uma metodologia que faça sentido ao que venho desenvolvendo neste trabalho de campo. Estipulo, então, realizar esta prática aos domingos de “Rua Fechada”, em horários variados, durante o mês de novembro de 2022. Após a realização dos primeiros movimentos deste exercício, entendo que neste dia a dinâmica que se percebe na avenida é potencializada, permitindo que eu possa complementar de maneira prática as impressões e desconfiâncias já coletadas anteriormente – além de que o atrativo da rua ser exclusiva para pedestres me parecer bastante propício para a proposta de seguir as pessoas que este movimento exige. Portanto, o relato que se segue é um compilado que provém do aglomerado desses domingos de observação.

Figura 56 – A “rua fechada”. Trecho próximo a “cadeira gigante”. Foto: Igor Peixoto, novembro de 2022.



É o início da tarde e a orla se encontra apinhada de gente que preenche a faixa de areia da praia, enquanto policiais bloqueiam com cones a passagem dos carros um pouco além do trecho da curva da Ponta Verde, e, dessa vez, é por lá que resolvo iniciar essa prática. De imediato, busco seguir o fluxo que me parece mais natural naquele momento, o mais familiar, e entre pessoas que passam, constantemente entrando e saindo do Marco dos Corais, me junto ao ritmo daqueles que saem e retornam ao asfalto, que se torna exclusivo para pedestres logo mais a frente.

Noto que, de forma geral, os passos são lentos e descompromissados. Mesmo quem passa praticando algum exercício parece desacelerar um pouco quando adentra este trecho, “descem” do usual cal-

Figura 57 – A praia do Marco dos Corais. Trecho calmo, contemplativo. Foto: Igor Peixoto, novembro de 2022.

çadão e, atraídos pela distração que a rua fechada provoca, passam a percorrer o asfalto. Desviam facilmente sua rota das famílias, casais de namorados e grupos de amigos que brincam com skates, patinetes e bicicletas pela avenida. Ali naquele momento, a dinâmica que me vejo envolvido parece ser construída de maneira leve, seguindo a cadência de um passeio que prioriza, sempre, o lazer.

Nesse primeiro terço do percurso, entre o Marco dos Corais e as proximidades da “Cadeira Gigante”, sinto uma sensação calma, um cenário ordenado apesar do volume de gente – que ainda é moderado. Pessoas de todas as cores, idades, gêneros e prováveis classes sociais compõem a paisagem, que agora é acrescentada pelos muitos carrinhos de ambulantes e enormes enfeites natalinos que já enfeitam o lugar. Na areia, sombrinhas e cadeiras de praia se espalham pelos dois lados do “Marco”, enquanto grupos de jovens jogam “altinha” e se banham no mar calmo, na antiga “praia das acanhadas” de Maceió. A cena é diversa e tranquila, quase não se ouve as músicas das caixas de som que alguns grupos utilizam em volume baixo, sustentando a vocação contemplativa que o local parece determinar. A área mantém uma inclinação ao encontro que parece espontânea, inerente à sua história que se inicia lá atrás com a descoberta do coqueiro gogó da ema, e ao observar este trecho pela perspectiva do movimento, confirmo a percepção que já tinha me surgido no movimento estático: ali se desenvolve um ponto de convergência que abrange todos os públicos da orla do bairro.



Saindo da faixa de areia dali, enxergo um grupo de 4 meninos que vestem camisetas largas, bonés de aba reta e correntes grossas de prata que parecem realizar o estereotipado “rolezinho” na avenida. Resolvo os seguir. Eles andam juntos com determinação, objetivos, com passos que transmitem um gingado que parece quase desfilar pela avenida, seguindo no sentido do pavilhão do artesanato, onde nosso trecho em estudo termina. Andando com eles tento acompanhar seus ritmos, que é de uma velocidade constante por todo percurso, parecem não se distrair com a movimentação do local e seguem sempre em linha reta.

Com eles passo em frente a “cadeirona” que se encontra com sua característica fila, e noto que ali naquele trecho o volume de gente é muito mais intenso. As pessoas preenchem com muitas cadeiras e mesas o canteiro de coqueiros ao redor, onde grupos se fotografam com os inúmeros enfeites de Natal que ali se amontoam, outros se reúnem para praticar uma espécie de dança de salão à beira-mar e famílias tomam cerveja e compram petiscos nos carrinhos de ambulantes que ficam sempre às margens do local, enquanto pedalinhos, patinetes e brinquedos infláveis para aluguel se espalham pelo asfalto. Percebo a intensidade do volume de pessoas naquele ponto, que forma uma cena bastante preenchida e já parece me sugerir um certo caos sonoro e visual em uma miscelânea de informações que dificulta minha distinção. Porém, o “rolezinho” segue sem se desviar, e eu vou junto.



Após o trecho da “cadeira”, o público que preenche o asfalto e canteiro da orla parece arrefecer abruptamente. Diminui bastante a quantidade de mesas postas sob os coqueiros centrais, as instalações natalinas começam a rarear e os poucos vendedores que agora percebo, não se fixam, movem-se com bacias de seus produtos pelo calçadão da orla – pareço estar andando num espaço de transição. Em poucos minutos, chegamos, eu e os meninos, no local da “faixa de gaza” e ali eles param. Atravessam a rua e, de cima da calçada do restaurante Lopana, olham a movimentação na areia, que se encontra completamente tomada de gente e sons aglomerados.

Ali, a cena que enxergo enfatiza veementemente o contraste imenso que observei nos calmos dias de semana que me sentei naquele trecho, ao realizar o movimento “estático de baixo”. Olho ao redor e percebo que o “rolezinho” aumentou bastante de tamanho, e agora eles me parecem a maioria que compõe a paisagem do calçadão. Ali os meninos já conversam alegremente com vários outros, que se amontoam em bicicletas e praticam, livremente, manobras ousadas no asfalto à frente – enquanto desafiam a lógica elitista e conservadora que se espalha normalmente pelo local. Me aproximo um pouco tentando coletar suas conversas, e ouço com dificuldade a seguinte frase: “aqui tá ruim de fumar, bora pra lá”. Parece ser um consenso, e vejo os meus companheiros atravessarem de volta a rua para o outro lado do canteiro central, se encostam no carro e um deles acende algo que me parece um “baseado”. Hora de os deixar em paz.



Começo a retornar a pé em direção ao ponto da "cadeira gigante de praia" e, ao passar pelo espaço de transição pouco povoado que divide os dois pontos, encontro o próximo alvo que irei seguir. Trata-se de uma família formada por um casal branco que aparenta beirar os 40 anos e uma criança de bicicleta, com mais ou menos 7 anos. Andam na minha frente por linhas tortas, realizando um percurso pouco objetivo que segue o ritmo do pouco controle que o menino consegue imprimir em sua bicicleta. Não parecem ter pressa e andam como se fossem familiarizados com o espaço: ao longo do percurso que realizamos cumprimentam com naturalidade alguns passantes que encontram no caminho, desviam sua rota para comprar picolé com ambulantes e tirar fotos do menino em alguns enfeites de Natal - componentes que voltam a aparecer com mais frequência à medida em que andamos nessa direção.

Diferente do que imaginava, quando passamos em frente a "cadeira" eles não param, apenas olham pelo outro lado da avenida e seguem reto - desconfio, portanto, que se trata de uma família que mora no bairro. Atravessamos, então, aquele ambiente conturbado e chegamos, com relativa velocidade, ao ponto em frente ao totem Eu Amo Maceió, bem próximo ao Marco dos Corais onde a "rua fechada" - e o nosso exercício - se iniciou. Ali os pais se sentam num banco de frente para o mar e deixam o menino "dirigir" livremente, aproveitando a calma familiar que aquele início de trajeto apresenta. A pausa dura pouco e é logo interrompida pelo chamado do pai, que aparenta querer seguir caminho. Ando com eles mais alguns metros e, ao chegar na praça Gogó da Ema eles param de novo e procuram uma mesa livre no tradicional acarajé do local. O espaço se encontra lotado, grupos variados ocupam mesas enormes, enquanto outros menores - e mais jovens - se sentam sossegadamente nos gramados, repousando debaixo dos coqueiros do local. Ali, na praça que homenageia o coqueiro e encara de frente a outra praça - o "Marco" que se ergue sobre o mar - confirmo, mais uma vez, que naquele trecho a dinâmica da tranquilidade prevalece. A família recebe uma mesa e se senta. Eu, então, me afasto.



Ainda na praça, avisto um vendedor ambulante de algodão doce que logo penso ser interessante seguir. Seu ritmo é ligeiro e ele anda descalços, como se seus pés, tão acostumados àquele asfalto quente, tivessem uma camada de proteção natural àquela temperatura. Ele anda percorrendo o sentido inverso ao que estamos e, mais uma vez, vou com ele refazendo esse trajeto. Sua velocidade é constante e ele não produz nenhum som, carrega acima da cabeça vários pacotes coloridos de seu produto e parece deixar o apelo estético do doce se vender por si só. Juntos passamos novamente pelas fragmentações do espaço que venho identificando, e noto que,

Figura 61 – O vendedor segue sua rota em direção a “Faixa de Gaza”. Foto: Igor Peixoto, novembro de 2022.

com o avançar da tarde, as características que dividem a dinâmica desta avenida parecem se embaralhar, e tenho a impressão de que as pessoas começam a se espalhar de maneira mais ampla pela rua.

O ambulante segue veloz, em silêncio, sem ter efetuado nenhuma venda, e quando atingimos o ponto onde imaginei ser seu alvo principal, a área efervescente de pessoas e brinquedos que circunda a “cadeira gigante”, ele decide atravessar a rua e descer para a areia da praia ali de frente. Sigo com ele, que começa a diminuir o ritmo de seus passos e agora caminha entre corpos diversos, que recebem a última hora de sol daquela tarde. Cruzamos ainda “invisíveis” por um aglomerado de prováveis turistas, que ocupam as espreguiçadeiras para aluguel que se estendem nos fundos do restaurante Lopana e, mais uma vez, chegamos na abarrotada “faixa de gaza”.



Ali, naquela profusão de sons e pessoas, o ambulante parece ser visto - e ele sabe disso. Passa a andar com seu produto entre as cadeiras e sombrinhas que tomam o local, e logo é chamado por um grupo de aparentes jovens periféricos que continuam ocupando de forma descontraída o calçadão daquela parte da avenida. O vendedor sobe ao encontro deles e o vejo vender pelo menos 3 sacos de algodão doce para o grupo que, penso sorrindo, parece tomado por um desejo coletivo de açúcar. O vendedor desce de volta a areia e continua sua ronda entre o público da faixa onde, aos poucos, vai sendo abordado, até seguir seu percurso para além do meu trecho de observação.

Subo de volta para a rua e penso já ter o suficiente para refletir sobre essa etapa. Sinto-me satisfeito com as impressões coletadas, que vieram para confirmar a complexidade da dinâmica que se forma por essa avenida, fragmentada em micro-espços (URIARTE, 2013) que determinam o comportamento e situam a presença, ou ausência, de cada público que usufrui deste local - situação que é potencializada pelo tradicional evento da "Rua Fechada". Os movimentos etnográficos praticados até aqui se complementam e a cada novo passo meu olhar vai sendo aprofundado. Ao unir as experiências apreendidas pelos diferentes personagens seguidos, outros olhares sobre o espaço me saltam, caminhos se confundem - se renovam -, cenários despercebidos se apresentam e a percepção de uma Ponta Verde cotidiana começa a ser desenhada dentro dessa pesquisa.

Enquanto reflito, enxergo os mesmos 4 meninos do "rolezinho" que acompanhei anteriormente se deslocando no sentido de volta ao Marco dos Corais, onde os encontrei naquele primeiro momento (e onde também preciso encontrar meu carro). Penso, então, estar diante de um fechamento oportuno para este exercício e os sigo mais uma vez. Agora, já no fim da tarde, o ritmo de sua caminhada é lento e eles carregam semblantes relaxados. Os vejo se divertindo juntos dos exagerados enfeites natalinos que começam a ser acesos, mesmo que o sol ainda esteja presente, e pausam por duas ocasiões: uma vez acendem um cigarro no isqueiro que fica preso, gratuitamente, do lado de fora de uma banquinha do calçadão, e em outra cumprimentam um ambulante que parecem conhecer, com ele pegam duas águas minerais e seguem o trajeto. Cruzamos, de novo sem interesse, pelo monumento da "cadeira", que definitivamente não atrai a atenção deles, e vamos chegando próximos à "curva", onde

Figura 62 - No fim do dia, os meninos contemplam a vista. Foto: Igor Peixoto, novembro 2022.

o “Marco” e seus arredores, com carrinhos de ambulantes aglomerados, se encontram agora lotados. Ali eles entram e, em meio a um fluxo intenso, percorrem todo o corredor que deságua no centro daquela praça. O local, apesar de atulhado, permanece carregando um clima diverso, sereno, harmônico. Não enxergo nenhum banco realmente livre nessa ocasião e as pessoas se encostam nos peitoris de vidro para contemplar o momento. É isso o que os meninos fazem, enquanto olham para a vastidão desse mar, dessa rua, e dessa história, que percorre décadas até chegar neste instante. E eu, seu seguidor, registro a preciosidade deste momento.



Movimento 4

“Olhar de dentro e em profundidade”

Somado mais um movimento ao processo etnográfico, onde a partir da perspectiva do deslocamento pude complementar por mais um fragmento minha percepção sobre o local, posso prosseguir para a última etapa deste exercício de campo. Aqui é posta em prática a ação do observador-participante - chamado etnograficamente de “olhar de dentro e em profundidade” -, onde diálogos com os personagens/transeuntes que encontro nesse trecho do bairro serão coletados. Como sugere a cartilha do exercício, aqui é importante que se conduza - ou se colete - conversas minimamente informais, que registrem o encontro entre o pesquisador, os personagens e o objeto estudado na pesquisa. É importante ter em mente que, dado o baixo nível de intimidade entre os envolvidos neste diálogo e o caráter dinâmico por onde o processo se realiza, a conversa precisa ser conduzida de forma objetiva e produtiva para o estudo.

[...] é importante frisar que trabalhar com transeuntes impõe sérias limitações à técnica da observação-participante na medida em que as condições para a verbalização não são as melhores e, principalmente, na medida em que a familiarização entre pesquisador e interlocutor é precária, quando não nula. Acrescentemos um terceiro aspecto: os usuários dos espaços urbanos poucas vezes conseguem verbalizar os seus usos e refletir sobre as variáveis mais importantes para explicá-los [...] (URIASTE, 2013, p. 09).

Justamente por se tratar de um tema que se constrói através de um olhar crítico sobre um espaço urbano, *vitrine* de Maceió e “organismo” que se encontra em constante movimento, entendendo que o meu eu-pesquisador, tão imerso no assunto há pelo menos dois anos, deve ter a sensibilidade de receber com naturalidade as impressões que me chegam pela fala do outro, sem tentar impor ao entrevistado as percepções pessoais que venho construindo sobre o local. É preciso entender que a reflexão crítica sobre o espaço vivido (LEFEBVRE, 1974) não se chega automaticamente - é construída com tempo e distância.

[...] essa realidade, por ser vivenciada como hábito diário, não desperta dúvida, ao contrário, é marcada pela crença que condiciona ações rotineiras consideradas satisfatórias, o que impediria uma percepção mais

crítica e informativa. É possível imaginar que, nas entrevistas, a automatização verbal levaria a uma descrição tautológica desse hábito, que impediria uma surpresa ou uma revisão ambiental. (FERRARA, 1993, p. 265).

É a última etapa de um exercício inesgotável que, agora através do diálogo, objetiva tomar notas acerca dos sentimentos e impressões de personagens que vivenciam - em suas diferentes formas - as dinâmicas que este espaço recortado da Ponta Verde oferece. É o último ato desse estudo de campo que, ao final, quando tiver seus fragmentos juntados e analisados, deve compor uma outra totalidade sobre a dinâmica real deste espaço tão explorado midiaticamente. Aqui, mais uma vez, opto por ser guiado pela intuição e curiosidade do olhar que venho construindo. Estipulo que irei percorrer o trecho recortado da avenida em horários e dias variados, focando em selecionar para a abordagem personagens que, à primeira vista, chamem minha atenção e abarquem perfis diversos, condizentes com os que este estudo vem se concentrando, e que me pareçam conter as impressões mais interessantes sobre este espaço da orla. A narrativa que se segue faz, mais uma vez, um resumo, uma compilação, dos vários relatos e diálogos levantados dentro deste processo.

Estamos em dezembro de 2022 quando inicio esta última etapa do exercício e a avenida se encontra constantemente lotada. Para quem, assim como eu, observa há tanto tempo a dinâmica desse espaço, é natural prever o aumento no fluxo de pessoas que esta época do ano reserva pois, com a proximidade do verão e dos feriados de fim de ano, a cidade se encontra tomada pelo turismo, que vem crescendo exponencialmente a cada ano dentro da capital. De acordo com dados recentes, coletados pela prefeitura de Maceió através de grandes agências nacionais de turismo como a Decolar e a CVC, a capital foi o destino mais vendido por estas empresas em 2022 e já é o segundo local mais procurado do país para o período das férias de verão de 2023.

Figura 63 – O alcance turístico de Maceió registrado nas mídias digitais. Fonte: Instagram do Gov. Paulo Dantas e Site G1.



Ao me deparar com estas notícias - sempre atrelada virtualmente a imagem deste recorte específico da orla da cidade -, me é inevitável refletir sobre a relação que se constrói entre o local midiaticizado e os diferentes perfis que agora enxergo compondo o cotidiano deste cenário. Tal paisagem segue sendo o retrato que representa a cidade em suas notícias virtuais, seja em seus meios oficiais ou em noticiários livres da internet, o que estimula o espaço a receber, ano após ano, um crescente interesse público e econômico que, por meio de uma política marqueteira reducionista, deposita as pretensões turísticas da capital no apelo estético que este trecho do seu território carrega. Com isso, intervenções cada vez mais exageradas vem sendo instaladas e acumuladas dentro destes pouco mais de 1km de avenida, a fim de atrair uma clientela distante, virtual, idealizada e genérica - intervenções que, ao meu olhar, parecem destoar e poluir a beleza natural que este recorte de Maceió oferece.

Para mim, é fato que esta lógica de mercado que gere o espaço urbano da cidade se agravou nos últimos dois anos sob a gestão "empreendedora" da atual prefeitura de Maceió, e o uso político desse trecho - enquanto uma vitrine publicitária da capital - vem ficando cada vez mais claro. Como já disse, a partir de 2021, programas de intervenção urbana, como o #MaceióÉMassa, foram implantados, impactando de maneira impositiva o funcionamento público deste espaço, que se tornou palco para a instalação de

monumentos enormes e inesperados, pontos instagramáveis diversos e decorações exageradas de fim de ano da cidade – e ao comparar a mesma época nos anos passados, é nítido ao meu olhar que esta é uma característica que vem se acentuando dentro do espaço.

Movido por essas reflexões que iniciam esse movimento etnográfico, busquei contabilizar o número de “penduricalhos” que estão misturados à paisagem desse trecho da orla no mês de dezembro de 2022. Para isso, dividi minha contagem em dois movimentos geográficos, separando o espaço em dois grandes pedaços bem definidos a partir de sua dinâmica, que tem o monumento da cadeira gigante como ponto central dessa cisão – a partir do que observei nas etapas anteriores desse exercício. Entre decorações natalinas e elementos fixos que foram expostos por todo o ano, o trecho por inteiro chega ao fim do ano de 2022 com 29 inserções atulhadas em seu “curto” espaço, que conta com: coqueiros iluminados por luzes pisca-pisca em todo o canteiro; grandes pontos luminosos em formato de adereços natalinos que percorrem todo o calçadão; uma “vila do papai noel” recheada de outros elementos não-contabilizados que ocupa toda a Praça Gogó da Ema; e um grande túnel iluminado por luzes de led, instalado na entrada do Marco dos Corais, que termina de frente para o grande monumento iluminado da árvore de natal da cidade que, com 37 metros de altura, é a maior já feita na história de Maceió.



Estes elementos vão sendo repetidos e percorrem todo este trecho da avenida Silvio Carlos Viana de forma desequilibrada. Claramente, a primeira metade do comprimento deste espaço, localizada entre o Marco dos Corais e a "cadeirona", recebe maior atenção dentro deste projeto da prefeitura e, por isso, 19 dos 29 novos pontos são instalados ali, gerando um fluxo de pedestres, ambulantes e turistas bem acentuado neste pedaço. Já na segunda metade, que vai da "cadeira" até o fim do canteiro de coqueiros - onde nosso trecho em estudo termina -, o projeto vai perdendo força até minguar completamente na orla vizinha - do bairro da Pajuçara -, e apenas 10 novos pontos foram instalados nesse pedaço - nenhum deles permanente, inseridos apenas para o período das comemorações natalinas.

De todo modo, é nítido em minhas observações que todo este trecho da avenida acaba sendo dominado pelo fluxo intenso e miscelânea visual que tais instalações provocam, situação que vai se acentuando ao longo do dia e atinge maiores proporções à medida em que nos aproximamos da primeira metade desse espaço - condição semelhante a que pude observar nos movimentos anteriores desse exercício. Hoje, com o olhar que desenvolvo dentro dessa pesquisa, enxergo estes novos elementos como "iscas turísticas" vazias, à princípio, de identidade com a cidade e seus moradores, inseridas no ambiente num ritmo frenético e descuidado para atrair o capital transnacional que o turismo detém, provocando, por consequência, um impacto na dinâmica urbana e visual do local - condição que me parece, muitas vezes, desnecessária posto a paisagem que o trecho já oferece, de forma natural, como atrativo à população.

Contudo, será que realmente são esses novos elementos que atraem o turista para a Maceió atual? E como o cidadão maceioense se relaciona com este espaço e como enxerga o foco contínuo que o local recebe? Para quem esta Maceió que vem surgindo "é massa"? A intensificação desse processo de "produtização" da cidade parece não desacelerar, e com essas reflexões em mente, somado ao que observei nas etapas anteriores, sigo nesse novo passeio etnográfico com o intuito de buscar diferentes percepções sobre este aspecto da avenida.

De imediato, logo me empolga a escolha de finalizar essa etapa da pesquisa em pleno mês de dezembro nesse espaço, completando o ano inteiro de observações ali. Com as festividade-

Figura 65 – Cena que se repete por todo mês de dezembro. Miscelânea visual. Foto: Igor Peixoto, dezembro de 2022.

des natalinas cada vez mais próximas, a orla se encontra quase sempre apinhada de gente, e esse trecho da Ponta Verde agora comporta uma dinâmica de intenso movimento que, a cada dia, parece incorporar um novo elemento decorativo em sua paisagem. Ao longo desse mês, o crescente fluxo humano que percorre o local se une às luzes chamativas dos seus ornamentos, que preenchem cada mínima brecha encontrada, tornando o cenário cansativo aos meus olhos já saturados de suas tantas imagens.

As cenas me parecem repetitivas: um grupo pequeno de pessoas posa em frente a um adereço natalino iluminado, alguém posicionado de frente a eles enquadra o momento com a câmera de um celular e registra aquele instante de forma rápida, enquanto um outro pequeno grupo espera a sua vez de realizar o mesmo procedimento; no entorno, carrinhos de comerciantes se enfileiram em seus lugares marcados no calçadão, onde pedestres praticando exercícios seguem focados em seus percursos, desviando constantemente suas rotas dos retratos que vão sendo tirados ali. Esse cenário se estende por todo o trecho nessa época do ano, variando sua intensidade a medida em que me aproximo, ou me afasto, das imediações da ponta emblemática que dá nome ao bairro.



De certa forma, talvez por já estar há um bom tempo imerso nessas observações, a dinâmica contínua que enxergo chega a me trazer uma certa monotonia, um movimento que, de tão recorrente, agora me aborrece. Diante disso, não mais me atrevo a decifrar com facilidade quem são ou de onde vem os personagens que vejo, e decido começar meus diálogos pelo primeiro grupo que me chama a atenção: os que posam para fotos nos adornos natalinos.

Aqui passo a repetir sempre a mesma prática. Percorro o trecho a partir de sua divisa com o bairro da Pajuçara, o seu "fim", e sigo o trajeto em direção à curva geográfica, "marco zero" desta história, enquanto abordo grupos de pessoas que estejam postadas diante dos ornamentos iluminados do calçadão, escolhendo os que me pareçam mais convidativos a um diálogo dentro dessa "categoria". Tento empreender uma conversa rápida, informal e objetiva, de maneira que não atrapalhe o fluxo e espontaneidade das ações que ali estão acontecendo. Então, logo me apresento, revelo sucintamente que estou realizando uma pesquisa sobre dinâmica urbana, questiono de onde são, se turistas ou residentes de Maceió, e falo que gostaria de escutar as impressões pessoais deles sobre aquele espaço, pergunto o que acham dos seus novos adereços "instagramáveis" e como percebem a representação daquele espaço para a cidade. A partir daí os diálogos se desenvolvem.

Talvez influenciados pelo clima descontraído da própria ação que estavam ali realizando, aqui encontro personagens bastante acessíveis e a comunicação flui de forma leve, rápida. Não tento alongar os diálogos, pois percebo que forçar uma reflexão mais profunda dentro destas circunstâncias iria causar um incomodo inadequado para aquele momento, além de que as respostas mais imediatas me parecem conter as impressões mais sinceras sobre o assunto. Ao total, consigo conversar com, aproximadamente, 12 grupos de pessoas, onde 7 eram compostos por turistas e 5 por moradores da cidade - dentre estes últimos, apenas 2 grupos eram de moradores do próprio bairro da Ponta Verde e os outros 3 residiam em bairros próximos.

Porém, diferente do que imaginava, os discursos encontrados aqui são bastante parecidos. Apesar de pessoas com diferentes graus de familiaridade com o espaço, os relatos me parecem convergir sempre em um ponto de encantamento sobre o local. Ali escuto desde gente que tem o percurso por este cenário como par-

te de sua rotina - e que acreditam serem positivos os enfoques e intervenções que este trecho vem passando -, até turistas que vieram visitar Maceió a partir das fotografias tão divulgadas da área e, percebo, criaram em seus imaginários representações da cidade baseadas nessas imagens. Então, apesar das diferenças, é inegável o fato de que o local atrai, principalmente, em seu aspecto imagético: de acordo com o que coleto nos discursos destes grupos, parece haver uma sensação de desenvolvimento, de segurança e cuidado com a cidade por parte do poder público, compreendidas a partir dos processos que são visualizados neste espaço - mesmo que estes fiquem restritos a ele. Penso então, que para estas pessoas, a Maceió que lhes chega parece, sim, massa.

De todos que conversei neste primeiro momento, poucos pareciam desenvolver uma reflexão aprofundada sobre a dinâmica urbana da cidade e pareciam querer apenas opinar sobre a questão estética, visual, em sua maioria de forma positiva, acerca dos ornamentos e monumentos "instagramáveis" postos no local. Contudo, em meio a estes, o relato que mais pareceu refletir e, de certa forma, resumir os questionamentos que proponho nesse trabalho, veio de uma turista de 62 anos vinda de São Paulo. Ela, junto de seu filho adolescente, me contou que até gostou dos enfeites natalinos e achou a "região" bastante movimentada, algo que lhe agrada bastante pois se sente segura. Disse que tirou fotos na cadeira gigante e se divertiu vendo o pôr do sol de dentro do Marco dos Corais, seu espaço favorito até agora. Continuou afirmando sentir falta de mais espaços "tranquilos" como aquele, e confirmou que os imensos adornos iluminados entretêm, distrai, mas não parecem refletir a cultura da cidade, que ela acha ter mais a contar. Sente falta disso. Finalizou dizendo que voltará a visitar a capital não pelos seus ornamentos, e sim pelo encanto que a paisagem natural de Maceió lhe causou - e que, no fim de tudo, "isso basta".

Então, me dou por satisfeito com os diálogos travados dentro desta "categoria" e penso ser necessário buscar uma espécie de contraponto para essa narrativa. Diante deste cenário tão recheado de personagens, procuro agora o relato daqueles que ocupam as margens do retrato e que parecem se esconder (ou serem escondidos) do quadro turístico que compõe esse cartão postal e que, agora percebo, são peça constante e fundamental para o funcionamento desse trecho tão movimentado: os diversos trabalhadores informais que atuam no local.

Figura 66 - Ambulantes e turista: dois percursos diferentes pelo mesmo espaço. Foto: Igor Peixoto, dezembro de 2022.

Figura 67 - Vendedor aproveita o intenso movimento do Marco dos Corais. Foto: Igor Peixoto, dezembro de 2022.



Eles são muitos e estão por todo o trajeto. São ambulantes que transitam pelo calçadão anunciando seus diversos produtos; vendedores com seus carrinhos parados de água de coco; responsáveis pelo aluguel de cadeiras e sombrinhas na faixa de areia da praia; flanelinhas que cuidam e lavam os carros estacionados na calçada; entre muitos outros. Quase como um elemento escondido, camuflado dentro da dinâmica midiática deste espaço, eles existem e preenchem, muitas vezes de maneira despercebida, cada fissura marcada nessa paisagem - que hoje atrai meu olhar justamente pelo que se oculta do seu retrato divulgado. Agora, é com alguns deles que converso.

A abordagem segue sendo a mesma aplicada antes ao primeiro grupo, com a diferença de que dessa vez as conversas são travadas de forma individual, eu e o trabalhador, que geralmente atua sozinho em sua função no bairro. Entre algumas tentativas frustradas, consigo coletar relatos de 9 pessoas: sendo 2 mulheres, vendedoras ambulantes de salgados que percorre a faixa de areia da praia; 3 flanelinhas setorizados em diferentes pontos do canteiro de coqueiros da orla; 2 vendedores, de bebidas e de cachorro-quente, localizados no estacionamento em frente ao Marco dos Corais; 1 vendedor de água de coco que fixa seu carrinho no trecho do calçadão que fica em frente a "cadeira gigante"; e 1 responsável por alugar barracões de praia no local apelidado de "faixa de gaza" dessa orla.

Apesar de diversos, os discursos encontrados aqui encontram um lugar comum entre uma grande familiaridade com o local, visto que é produzido por trabalhadores diários do trecho, e um certo distanciamento, pois parecem não se sentirem parte desse ambiente. Diferente do que ocorreu nas conversas anteriores, desde o momento em que me apresento, sinto uma certa resistência ao diálogo, que nem sempre consegue ser quebrada, resultando em conversas ainda mais curtas, pouco fluidas e de respostas, muitas vezes, imediatas.

Talvez, justamente por se tratar de gente que não está ali pelo livre entretenimento e que, em sua maioria, vem de bairros distantes para exercer algum trabalho no trecho, noto, a todo instante, um ar de desconfiança em minhas tentativas de interação. Não há animosidade, e em momento nenhum me sinto em perigo ou incomodado ao tentar dialogar com essas pessoas, muito pelo contrário, estou bem à vontade. Sinto, na verdade, um sentimento reticente, talvez uma timidez, por parte dos entrevistados, que

passo a compreender à medida em que suas falas avançam e retratam pessoas que parecem carregar um papel submisso dentro da dinâmica que este lugar impõe e, talvez por isso, não se sentem capazes de responder sobre aquele local midiático que parece não lhes pertencer. Há, portanto, um contínuo desconforto em nossa comunicação. Para eles, trabalhadores informais entregues à lógica de subordinação imposta nesse espaço, sou eu com meus questionamentos pessoais quem representa, de certa forma, uma inconveniência, um incômodo, ou até um perigo ao trabalho deles naquele momento.

O que escuto ali parece atender um padrão que reflete, de forma ainda contida, uma mistura de admiração e ressalva com o tratamento despejado pelo poder público sobre o local. Aquela trecho parece ser visto como um ambiente de ofício, uma vitrine de oportunidades que se apresenta a estas pessoas que residem em bairros periféricos, esquecidos pelas “lentes fotográficas” do estado – e que todo dia se deslocam de seus cantos, muitas vezes precários, para prestar serviços nesse ambiente cada vez mais cheio de atenção.

O relato que me pareceu mais honesto e significativo, dentre todos os depoimentos cautelosos que coletei, veio de uma vendedora de salgados da areia da praia. Com 32 anos, ela conta que se divide entre essa função e a de marisqueira no bairro Vergel do Lago, onde reside, e que tem exercido cada vez menos tal profissão, pois a presença de mariscos de qualidade na região tem rareado muito – fruto do descaso com que a lagoa Mundaú vem sendo tratada pelos órgãos responsáveis por sua manutenção¹⁰. Em rápidas palavras, ela explica que vem ali na orla da Ponta Verde pelo “movimento”, e que acabou achando naquele espaço uma fonte complementar de renda que agora se faz necessária. Acha linda a paisagem do local e se encanta pelos enfeites natalinos iluminados, que acaba atraindo mais clientes para as suas vendas. Contudo, diz que apesar de bonita, acha que “valorizam demais” aquela orla e esquecem das outras. Lembra que a cidade é muito maior que aquele trecho e que, quando volta no fim do dia, de “condução”, para um bairro mal iluminado, com uma orla lagunar descuidada e uma lagoa contaminada, sente o descaso com que a cidade trata as suas “outras partes”. Pausa e confessa que ali pela Ponta Verde, às vezes, não se sente muito bem. Não se sente segura naquele ambien-

10 O problema da contaminação da lagoa Mundaú. Disponível em: < <https://tribunahoje.com/noticias/cidades/2022/06/29/105676-poluicao-da-lagoa-mundau-causa-crise-para-marisqueiros> > acesso em: dezembro de 2022.

Figura 68 - O trabalhador informal compõe o cenário do local. Parte esquecida da paisagem. Foto: Igor Peixoto, dezembro de 2022.

te "chique" e já presenciou alguns colegas sofrendo "baculejos" desnecessários de policiais no local. Sorrindo, diz que, apesar de "feio", prefere andar pelo seu bairro, fica mais à vontade. Finaliza, então, dizendo que, para ela, Maceió podia ser "mais massa" se olhasse para todos. E, dessa forma, resume bem o sentimento que sinto perpassar os relatos colhidos nesse movimento.



Com isso, sinto que é hora de encerrar esta etapa da pesquisa. As narrativas colhidas neste exercício puderam complementar as impressões formuladas sobre a dinâmica do local, que agora também passa a ser exposto pelas vozes dos seus usuários mais "comuns" e cotidianos. Aqui as minhas ações enquanto pesquisador foram restritas em suas intervenções, e as interpretações que fiz, neste último movimento, vieram sempre através da capacidade de compreender a experiência dos outros no bairro - sendo suscetível ao que me permitem, ou não, ouvir em seus relatos. Penso que, dessa maneira, o ciclo etnográfico da pesquisa se fecha, entregando um panorama completo e plural, que enxerga as nuances, complexidades e divisões, sociais e geográficas, que a dinâmica urbana desse espaço carrega.

Então, com o fim desta etapa de exercício prático, onde se observou a produção diária do espaço, termina também o processo de fragmentação desse trecho em estudo - processo que vem se desenvolvendo desde o início da pesquisa. Agora, com os resultados colhidos por esses movimentos etnográficos, novas facetas do espaço se apresentam, revelando particularidades que somente poderiam ser vistas através da vivência no momento presente e cotidiano do local que, como um organismo vivo, segue em constante transformação - construindo novas relações, memórias e narrativas a cada dia.

O espaço segue continuamente reinventando sua história, entretanto, acredito que agora é chegada a hora de encerrar, ao menos momentaneamente, a minha com ele. É o momento de juntar os pedaços que destrinchamos ao longo de cada etapa desse caminho e - a partir da convergência entre o levantamento histórico produzido, a coletânea fotográfica, a interpretação dos enquadramentos postais realizado e a pesquisa etnográfica desenvolvida - finalizar com um olhar conciso, justo e sensível, a minha imersão aprofundada nos aspectos que compõem esse trecho da orla da Ponta Verde, revelada em toda sua dimensão nessa pesquisa. Um olhar que, desde os primeiros movimentos, buscou radiografar o espaço "por completo" e acolher a diversidade dentro dessa imagem homogênea tão perpetuada sobre o espaço. Um olhar que almejou perceber a espontaneidade e, sobretudo, a realidade contida em toda a trajetória desenvolvida por esse recorte urbano.

É hora, então, de expor esse olhar conclusivo. Sigamos para nossa síntese final e último capítulo dessa história.



Capítulo 4

Um
Retrato em
Preto e Branco

Chegamos, então, ao ponto final da nossa história. Aqui, ao iniciar o último capítulo, penso bastante sobre o caráter fluido e, de certa forma, inesgotável que essa pesquisa concentra, justamente por ser construída a partir das percepções sobre as várias facetas que o espaço urbano carrega - objeto de estudo que se encontra em constante movimento, e se transforma em razão de seus usos, práticas, personagens e fluxos diários.

Dada a "imensidão" do local, confesso que finalizar a pesquisa neste momento se faz mais como uma necessidade de "fechar a conversa" do que, propriamente, pelo encontro com um desfecho conclusivo. O assunto sobre esse trecho da orla marítima da Ponta Verde não termina, sinto o espaço como um organismo vivo que, de tanto ser retratado, torna-se uma vitrine da capital, assumindo novos protagonismos a cada nova manifestação, cultural ou política, que a cidade queira propagar - portanto, um espaço que aparenta se reinventar todos os dias.

Refletindo isso, desde meados do ano de 2020, quando os processos desse estudo tiveram início, fui testemunha das frequentes "intervenções" ocorridas nesse pequeno pedaço da orla de Maceió, mudanças que a todo momento me faziam atualizar as observações e fotografias colhidas nesse espaço - que tinha sua dinâmica cotidiana afetada a cada novo acontecimento e, assim, ganhava novas conformações em sua identidade.

Ali, logo quando iniciava a pesquisa, encontrei as mudanças que a chegada do período pandêmico trouxe à rotina do bairro. Entre outras medidas preventivas, o espaço de sua orla marítima teve a circulação de pedestres parcialmente monitorada, tornando-se, mais que antes, um ambiente "controlado" com uma acentuada presença policial - situação que produziu novas "justificativas" para as já costumeiras intimidações às manifestações periféricas no trecho em estudo.

Figuras 69 e 70 - A intensificação da presença policial no local. Espaço de controle.
Foto: Igor Peixoto, setembro de 2020.



Figura 71 – As propagandas eleitorais tomam o local. Espaço político. Foto: Igor Peixoto, outubro de 2020.

Em seguida, assisti o espaço tomar configurações de “palanque político” no período de eleições em 2020 e 2022, que ocupou a avenida com bandeiras e passeatas de candidatos durante todo o mês de outubro e novembro desses anos. Assim, vi também a chegada do novo prefeito eleito, o político João Henrique Caldas (JHC), que já no início de seu mandato deixou bem clara a intenção de evidenciar este trecho do bairro como uma espécie de mostruário da sua forte política voltada ao turismo da cidade – implementando, em dezembro de 2021, a já citada campanha “#MaceióÉMassa”, responsável por “amontoar” o local com excessivos “espaços instagramáveis”, pretensamente instalados para atrair turistas para a capital.



Figura 72 - As propagandas eleitorais tomam o local. Espaço político. Foto: Igor Peixoto, outubro de 2020.

Figura 73 - Passeata da comemoração. Espaço político. Foto: Igor Peixoto, outubro de 2022.



Figuras 74 e 75 – Mesmo ponto de observação, diferentes paisagens. Espaço que se transforma. Foto: Igor Peixoto, dezembro de 2021 e janeiro de 2022.

Ali, incrédulo, observei o polêmico monumento da Cadeira De Praia Gigante alterar consideravelmente a paisagem natural do espaço e, para minha surpresa, tornar-se a nova “parada obrigatória” da cidade, atraindo tanto o público local quanto o turístico para o seu encontro desde o primeiro momento de sua instalação, em janeiro de 2022. Vi também, agora com entusiasmo, a extensão da faixa para pedestres do calçadão deste trecho da orla impactar diretamente o fluxo de carros e pessoas do local, sugerindo um ritmo mais lento e contemplativo à rotina do espaço.



Figuras 76 - "Na Orla É Massa". A "rua fechada" também nas manhãs de sábado. Espaço de encontros. Foto: Igor Peixoto, setembro de 2021.

Assisti ao já tradicional projeto da "Rua Fechada" ganhar mais um dia em seu calendário semanal, através da campanha "Na Orla É Massa". Desde setembro de 2021, a prática que há mais de 20 anos, aos domingos, torna esse trecho da avenida Silvio Carlos Viana exclusivo para a circulação de pedestres das 8h às 16h, passou também a ser ofertada nas manhãs de sábado, oferecendo, em teoria, mais liberdade para o cidadão se deslocar, utilizar e se manifestar dentro deste espaço da orla. Um espaço de encontros que se expande.



Já no meio da pesquisa, ocorreu também a já mencionada inauguração do Marco dos Corais, obra que, sem dúvidas, trouxe o maior efeito sobre a dinâmica urbana do trecho e, com certeza, direcionou o meu olhar na continuidade do trabalho - ali o impacto visual e cotidiano foi imediato. Onde antes se sustentava os escombros do antigo clube social "Alagoinha", ergueu-se a praça que avança ao mar e logo atingiu status de centro cultural e ponto referencial da cidade, ganhando também em seu estacionamento um outro espaço chamado "Maceió é Massa", que passa a ser a principal sede dos shows, feiras, decorações festivas e celebrações diversas que a orla marítima de Maceió recebe ao fim do ano. Um antigo cartão postal que agora se renova na cidade.

Figuras 77 e 78 – Espaço “Maceió É Massa”. Local de cultura e exposição. Foto: Igor Peixoto, novembro de 2022.



Figuras 79 e 80 – Alagoinha já em ruínas e o novo Marco dos Corais. Cartão postal renovado.
Foto: Priscylla Régia [2011]; Igor Peixoto [2022].



Figuras 81 – Marco dos Corais recebe as principais decorações natalinas da capital. Espaço vitrine. Foto: Igor Peixoto, dezembro de 2022.

Portanto, esse espaço da Ponta Verde continua, sempre, seu percurso e segue construindo novas narrativas a cada intervenção que recebe – e aqui podemos ver que estas não são poucas. Quando penso em toda história acumulada nesse trecho da cidade, confirmo que seu atual protagonismo se encontra intimamente conectado com a trajetória turística que Maceió vem desenvolvendo nas últimas décadas, e me é inevitável imaginar quais próximos movimentos a capital reserva a esse lugar, que parece, por vezes, já tão consolidado – e saturado – em seu cenário. Mas aqui, nessa dissertação, o assunto precisa se encerrar por enquanto e, por isso, encaro esse “fim” como uma reticência, uma suspensão ou, talvez, um ponto de “chegada”, mas também de “partida” no estudo, que seguirá em direção a outro destino futuro – sinto ser mais realista ao trabalho quando enxergo sua conclusão dessa maneira.



Desde o princípio, essa pesquisa buscou compreender o espaço urbano que existe além de sua paisagem massivamente retratada, desvendando os possíveis conflitos existentes entre o que se impõe na imagem e o que se vive na realidade do local. Para isso, fragmentou o estudo em segmentos que pudessem abarcar toda a dimensão que compõe a totalidade do trecho e, assim, perceber o interessante dinamismo, o constante movimento, que esse espaço urbano sustenta e que foge da identidade estática, previamente elaborada, que se faz midiaticamente sobre ele.

Aqui, percebemos o caráter dinâmico do local desde a sua “descoberta”, como um elemento enraizado na própria essência do espaço. No primeiro capítulo, revisitamos o processo de formação histórica e imagética do bairro, que teve o “início” de sua efetiva ocupação atrelada ao encantamento que os marcos da sua imagem despertaram na cidade. Em constante movimento, o lugar remoto, antes chamado de “praia da acanhadas”, foi se tornando o bairro complexo e representativo que hoje observamos, enquanto ia sucedendo, de forma contínua, os principais símbolos atrativos da sua paisagem. Um cartão postal que se inicia pelo reconhecimento nacional do coqueiro Gogó da Ema, que depois redireciona seus olhares para a obra moderna do “Alagoinha” e mantém, por anos, as lentes da cidade voltadas ao magnetismo da curva geográfica e anfiteatro do bairro – relicário turístico da cidade –, enquanto aguarda a chegada do protagonismo de novos elementos, que sempre irão surgir. Espaço que renasce, mesmo quando nunca morre, e tem na atual presença do Marco dos Corais um claro exemplo dessa condição.



Já no segundo capítulo desse trabalho, momento de transição entre a análise imagética e cotidiana do espaço, destrinchamos os retratos postais comumente divulgados do local, através de um exercício comparativo entre o que já foi focalizado nas fotografias turísticas da Maceió do início do século XX e o que se divulga nos meios midiáticos de hoje. Buscou-se, ali, melhor compreender a trajetória que a construção coletiva da identidade atual da cidade percorreu, complementando a percepção iniciada no capítulo anterior, que destaca o bairro da Ponta Verde e sua imagem enquanto protagonistas nesse processo.

Mesmo nessa etapa, debruçado sobre a estaticidade das fotografias postais atuais, reflito sobre o movimento contido nesses retratos. A cadência lenta, íntima, e até poética, que parece emanar dos antigos postais da cidade, contrastam com as recentes imagens aéreas, repetitivas e impessoais, que refletem o compasso frenético e, de certa forma, imediatista empregados à Maceió – e também à Ponta Verde – atual. Equipamentos modernos capturam, em movimento, o trecho do bairro por uma ação distanciada, ligeira, quase sempre genérica, que retrata uma paisagem insistente, onde os limites entre o concreto dos prédios e as águas do mar parecem existir dentro de uma dinâmica própria, estreita, que espera o raciocínio turístico depositado na cidade revelar os próximos componentes que irão figurar nos arredores desse cartão postal, já tão saturado. Um espaço ativo, que parece em constante exercício.



Finalmente, ao executarmos o exercício etnográfico proposto no terceiro capítulo dessa pesquisa, nos aproximamos da dinâmica cotidiana real do local e, assim, foi possível identificar as heterogeneidades, os padrões e divisões socioespaciais, as subversões e complexidades que o espaço oferece em sua rotina - retratada de forma tão homogênea, harmônica e distanciada nas imagens impressas nos meios de divulgação atuais.

Ao refletir sobre os movimentos dessa etapa, penso nas transformações que o espaço carrega em sua extensão, as várias almas dessa rua (RIO, 2008) que parece, a todo momento, se renovar - e, talvez, seja justamente essa a sua característica mais pungente. Espaço da fugacidade inerente aos cliques imediatos de seus excessivos pontos instagramáveis, mas também local da calma e respiro contemplativo em meio à pressa da rotina. Espaço imponente, que, por seus elementos, sugere a velocidade desapressada dos automóveis que passeiam admirando a vista de sua avenida, ao mesmo tempo em que parece determinar a maneira com que os corpos periféricos devem se comportar nas divisões do seu terreno. Espaço múltiplo, que tem a sua dinâmica sustentada por seu caráter fluido, jamais estático, que se modela à demanda dos dias, das estações e períodos do ano, mas que se transforma, sobretudo, pela presença variada das pessoas que dão usos e significados diversos a cada parcela identificada do trecho.

só em mapas, plantas e planos, ruas podem ser vistas apenas como meios de circulação entre dois pontos distantes, [...] uma rua é um universo de múltiplos eventos e relações, [...] são locais onde a vida social acontece ao ritmo do fluxo constante que mistura tudo. (SANTOS, 1981, p. 24)

São elas, as pessoas, que formam o componente fundamental dessa paisagem, e ali parecem levar uma rotina que se adapta às nuances próprias do local, enquanto subvertem, em certas ocasiões, as imposições sociais e comportamentais que ele conserva. Vejo, portanto, um espaço em constante (e, às vezes, conflituoso) movimento de troca com seus usuários, pois é, de fato, vitrine da cidade que se mostra ao mercado turístico, mas também é vitrine de parte da população que busca, dia após dia, aparecer nesse retrato.

Figura 84 – Grupo de folgado se utiliza da fama da “Cadeira” para se apresentar. Espaço de trocas. Foto: Igor Peixoto, junho de 2022.



Agora, ao final desse trabalho, revejo as imagens capturadas ao longo da pesquisa e, por elas, sinto que percorro novamente os caminhos do espaço. Tiradas sempre através do meu celular, elas me chegaram de forma espontânea, como um reflexo do meu olhar que buscava enxergar profundidade na dinâmica do local - e encontrou diversas "ruas" nesse percurso.

Quando começo minhas andanças no trecho do bairro, sinto um local que, como diz Jaques (2012), parece sofrer um processo de *esterilização* (ou *pacificação*) do seu espaço público, através da fabricação de "falsos consensos" publicitários que visam propagar uma cidade "espetacularizada", de certa forma, genérica, que tenta esconder as tensões inerentes ao seu funcionamento e, para isso, faz desse pedaço de sua orla marítima a principal representação desse projeto. Contudo, tomado por essa impressão, a percepção sobre a alteridade urbana presente na rotina do lugar atravessa o meu olhar, abrangendo os rumos dos meus registros sobre o espaço - que me aparece com mais intimidade a partir desse momento. É por eles, praticantes ordinários da cidade (CERTEAU, 1994), que minha visão se amplia dentro da pesquisa, finalmente atraindo as minhas lentes fotográficas para a pluralidade cotidiana que percebo ali, e que não se mostra comumente nas imagens divulgadas do trecho. Um espaço multifacetado.

Hoje, ao concluir essa pesquisa, percebo o próprio relato etnográfico enquanto prática de combate a essa cidade homogeneizada, hegemônica, gerida a partir de um projeto que busca agradar o mercado turístico nacional, e ao encontrar o *outro urbano* e sua realidade diária nesse espaço midiaticizado, penso registrar uma fuga do que é planejado e imposto pela lógica "publicitária" aplicada ao local e, assim, descubro outros "espaços" dentro desse que nos é imposto de forma idealizada.

Um espaço contemplativo, conflituoso, inquieto, que se transmuta e se transveste pelas necessidades de seu público diverso. Espaço que é palco variado, anfitrião de festivais de cultura e tradições conservadas pela classe alta do bairro, e que também é plataforma de manifestações sociais e protestos políticos dos "corpos estranhos" que se veem intimidados pelo simples fato de transitarem no local. Espaço que é vitrine da cidade, onde o turístico e o midiático se confunde com o rotineiro e o subversivo, onde a paisagem revelada pelo cartão postal nos mostra

Figura 85 – O Marco dos Corais iluminado na madrugada. O espaço e suas possibilidades. Foto: Igor Peixoto, janeiro de 2023.

uma face homogênea, harmônica, e a prática diária pelo trecho nos devolve a diversidade, a heterogeneidade, as possibilidades.

E, com isso, a pesquisa revela um espaço que não é fixo, que se movimenta por toda sua história, pela "evolução" de suas imagens, pela espontaneidade de seu cotidiano, dos seus usuários, da sua natureza - espaço que vive, resiste e se renova. E se entendermos, como sugeriu o poeta Edgar Allan Poe, os olhos enquanto janelas de nossas almas, penso que a mesma reflexão pode ser aplicada aos retratos aqui coletados e expostos de forma objetiva, em preto e branco, alheios à distração provocada pela saturação apelativa das cores, normalmente associadas às imagens "espetacularizadas" divulgadas do local. Sinto que tais fotografias, reflexos do meu olhar sobre o espaço, devem, sim, abrigar um pouco das "almas" que me deparei nessa rua.



Sinto que minha relação com espaço foi se estreitando aos poucos ao longo desse processo, como uma amizade que ganha confiança e constrói sua intimidade a partir de uma convivência sincera que se aprofunda à medida em que passa a conhecer suas diversas camadas - sua trajetória, suas fotografias, sua rotina -, e que enxerga, então, sua totalidade por seu caráter diverso, plural, falho e, sobretudo, honesto. Assim como

Figura 86 – O espaço cotidiano e seu rastro de memórias. Foto: Colagem por Igor Peixoto, janeiro de 2023.

Murakami (2020), penso que o acúmulo infinito de pequenas lembranças é o que nos compõe como pessoa, e entendo agora, ao fim dos processos realizados nessa pesquisa, o necessário caráter humano que uma rua carrega e que, por isso, também se forma através de rastros de memórias que constroem sua identidade.

Hoje, entendo o impacto de uma obra como o Marco dos Corais no local sendo um reflexo do que existiu lá atrás, uma consequência do que antes foi o magnetismo atraente deixado na cidade pelo clube "Alagoinha", que, por sua vez, surgiu aproveitando a popularidade que o coqueiro Gogó da Ema trouxe ao espaço anos antes, que anteriormente era sítio de pequenas casinhas de pescadores de Maceió que já atraía os olhares mais sensíveis, como o ofertado por Lúcio Costa em sua visita a Maceió de 1926, enxergando encanto na "paisagem de aquarela" (COSTA, 1995) daquele terreno ainda remoto.

Portanto, entendo que o local, invariavelmente, segue e acumula novas lembranças, novas memórias e narrativas em sua essência, que irá se modificar a partir da chegada de outras intervenções, usos, interações e pessoas que irão construir suas próprias relações com o local. Por isso, o espaço se mantém vivo, em movimento, e eu, que desde a infância venho evoluindo minhas percepções sobre o bairro, sigo como um vigilante íntimo dos seus processos, registrando suas novas transformações – seus novos cartões postais. Retratos de um próximo capítulo, de uma eterna história.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Moreno. *Vade-meccum do Turista Em Alagoas*. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2013. 70p.
- CAMPELLO, Maria de Fátima de Mello Barreto. **A construção coletiva da imagem de Maceió: cartões-postais 1903/1934**. Recife. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, 2009.
- CAMPELLO, Maria de Fátima de Mello Barreto. **A Construção da Imagem da Maceió Republicana nos Cartões Postais Pioneiros**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.
- CAMPELLO, Maria de Fátima de Mello Barreto *et al.* CARTÕES-POSTAIS: entre as práticas visuais e a conservação do patrimônio urbano. **Urbana**, Campinas, v. 9, n. 3, p. 659-676, set. 2017.
- CAMPELLO, M. de F. de M. B.; CABRAL, R. C.; DUARTE, J. F.; SILVA, T. de O. Cartões-postais: entre as práticas visuais e a conservação do patrimônio urbano. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**. Campinas, SP, v. 9, n. 3, p. 659-676, 2018. DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648846.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHAUI, Marilena. *Janela da alma, espelho do mundo*. In: NOVAES, Adauto (org). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- COSTA, L. **Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995
- DANTAS, Pedriane Barbosa de Souza. **Destino da Ilha sob a Mira do Éden: Fernando de Noronha no percurso do tempo**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2009.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Olhos livres da história**. Revista Ícone, Recife, v. 16, n. 2, p. 161-172, 3 nov. 2018.
- FERRARA, Lucrécia. **Olhar periférico**. Informação, linguagem, percepção ambiental. São Paulo: Edusp, 1993.
- FERRARA, Lucrécia. **Ver a cidade**. Cidade, imagem, leitura. São Paulo: Nobel, 1988.

FIGUEIREDO, L. C. **O inesquecível Gogó da Ema**. In: Graciliano: Revista Imprensa Oficial Graciliano Ramos, Maceió, ano IV, no 9, jun-jul, 2011.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

JUNIOR, Felix L. **Maceió de outrora**. Maceió: CEPAL - Companhia de Edição, Impressão e Publicação de Alagoas, 2014.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Éditions Anthropos. Paris 1974.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Vértice, 1999.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONTOYA URIARTE, U. **Olhar a cidade: Contribuições para a etnografia dos espaços urbanos**. *PontoUrbe*, n. 13, 2013. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/774>>.

MURAKAMI, Haruki. **Abandonar um gato: do que eu falo quando falo do meu pai**. São Paulo: Alfaguara, 2020.

URIARTE, M.; MACIEL, M. E (org). - **Patrimônio, cidades e memória social**. Salvador: EDUFBA: ABA, 2016. 405 p.

NASCIMENTO, Silvana. **A cidade no corpo**. *Ponto Urbe*, n. 19. 2016, Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/3316> ;>

NETO, J. V. **Alagoinha na era do turismo**. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 9 de janeiro de 1972.

PEIXOTO, Igor. **Memórias sobre um cartão postal: um estudo sobre a formação da imagem do bairro da Ponta Verde**. 2016. Trabalho de conclusão de curso - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

RIO, J. do. **A alma encantadora das ruas**. Org. de Raul Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RODOLPHO, Patrícia. Encontrando imagens na e da rua da praia: relato de uma etnografia de rua. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, 2003.

SANTOS, C N. dos et al. **Quando a rua vira casa**. A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 2. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: IBAM/FINEP, 1981

SAMAIN, E. **As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo**. In: Revista Visualidades, Goiânia, v.10, n.11, pgs. 151-164, jan-jun, 2012.

SATRAPI, Marjane. **Emma Watson Interviews Persepolis Author Marjane Satrapi**. Vogue, agosto, 2016. Disponível em: < <https://www.vogue.com/article/emma--watson-interviews-marjane-satrapi?verso=true> >

SILVA, M. A. da. **Arquitetura moderna: a atitude Alagoana**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 1991.

TORRES, R. de A. **Do erudito ao frugal: proposta arquitetônica para o Alagoinha, Maceió, Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2017.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

VAINER, Carlos B. **Pátria, empresa e mercadoria**. Notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos, 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VASCONCELOS, Daniel Arthur de Lisboa. **Sol, praia e a "destinação" da cidade: compreendendo a turistificação de maceió-alagoas-brasil**. 2017. 164 f. Tese (Doutorado em Dinâmica do Espaço Habitado) - Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

ZACARIAS, P. R. V. **Verticalização e legislação urbanística: Estudo de caso para o bairro da Ponta Verde.** Maceió. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, 2004.

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

1. Google Maps, 2021.
2. Google Imagens, 2021.
3. TNH1, 2016.
4. Brasil Turístico, [s.d.].
5. Acervo Jamil Abib.
6. Site Maceió Antiga, 2021.
7. Série Phot. Amad. Antenor Pitanga.
8. Site Maceió Antiga, [s.d.].
9. Site Maceió Antiga, [s.d.].
10. Leiloeiro, [s.d.].
11. Leiloeiro, [s.d.].
12. Leiloeiro, [s.d.].
13. Igor Sousa Peixoto.
14. Leiloeiro, [s.d.].
15. Acervo de Japson de Almeida.
16. Leiloeiro, [s.d.].
17. TORRES [2017]; FERRAZ [2022].
18. Revista Veja.
19. Leiloeiro, [s.d.].
20. Site Maceió Antiga.
21. Google Imagens.
22. Acervo de Japson de Almeida.
23. Google Imagens.
24. SECOM Maceió.
25. Foto de Lavenère, Wikipedia.
26. Jamil Abib, Elysio de Oliveira Belchior, Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e Josebias Bandeira Oliveira.
27. Acervo Campello.
28. Foto de Lavenère, acervo de Jamil Abib.
29. Foto de Lavenère, acervo de Jamil Abib.
30. Acervo Campello.
31. Acervo Igor Peixoto.
32. Acervo Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

33. Foto de Lavenère, acervo de Jamil Abib.
34. Acervo Igor Peixoto, 2022.
35. Acervo Igor Peixoto, 2022.
36. Instagram e site da prefeitura de Maceió. Edição Igor Peixoto, 2022.
37. Acervo Igor Peixoto, 2021.
38. Sites G1 Alagoas e TNH1.
39. Acervo Igor Peixoto.
40. Acervo Igor Peixoto, 2022.
41. Acervo Igor Peixoto, 2021.
42. Acervo Igor Peixoto, 2021.
43. Acervo Igor Peixoto, 2022.
44. Acervo Igor Peixoto, 2022.
45. Acervo Igor Peixoto, 2022.
46. Google Earth.
47. Acervo Igor Peixoto, 2022.
48. Acervo Igor Peixoto, 2022.
49. Acervo Igor Peixoto, 2022.
50. Acervo Igor Peixoto. 2022.
51. Acervo Igor Peixoto, 2022.
52. Acervo Igor Peixoto, 2022.
53. Acervo Igor Peixoto, 2022.
54. Acervo Igor Peixoto, 2022.
55. Acervo Igor Peixoto, 2022.
56. Acervo Igor Peixoto, 2022.
57. Acervo Igor Peixoto, 2022.
58. Acervo Igor Peixoto, 2022.
59. Acervo Igor Peixoto, 2022.
60. Acervo Igor Peixoto, 2022.
61. Acervo Igor Peixoto, 2022.
62. Acervo Igor Peixoto, 2022.
63. Instagram do Gov. Paulo Dantas e Site G1.
64. Acervo Igor Peixoto, 2022.
65. Acervo Igor Peixoto, 2022.
66. Acervo Igor Peixoto, 2022.

67. Acervo Igor Peixoto, 2022.
68. Acervo Igor Peixoto, 2022.
69. Acervo Igor Peixoto, 2020.
70. Acervo Igor Peixoto, 2020.
71. Acervo Igor Peixoto, 2020.
72. Acervo Igor Peixoto, 2020.
73. Acervo Igor Peixoto, 2022
74. Acervo Igor Peixoto, 2022.
75. Acervo Igor Peixoto, 2022.
76. Acervo Igor Peixoto, 2021.
77. Acervo Igor Peixoto, 2022.
78. Acervo Igor Peixoto, 2022.
79. Priscylla Régia, 2011; Igor Peixoto, 2022.
80. Priscylla Régia, 2011; Igor Peixoto, 2022.
81. Acervo Igor Peixoto, 2022.
82. Acervo Igor Peixoto, 2023.
83. Acervo Igor Peixoto, 2022.
84. Acervo Igor Peixoto, 2022.
85. Acervo Igor Peixoto, 2023.
86. Acervo Igor Peixoto, 2023.